



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – CCSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

EDNALDO DA COSTA BRAZ

**TRAVESTIS E (RE)AÇÕES À VIOLÊNCIA SOFRIDA NOS ESPAÇOS DE
PROSTITUIÇÃO NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE – PB.**

Campina Grande

2016

EDNALDO DA COSTA BRAZ

**TRAVESTIS E (RE)AÇÕES À VIOLÊNCIA SOFRIDA NOS ESPAÇOS DE
PROSTITUIÇÃO NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE – PB.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba.

Linha de pesquisa: Gênero, Diversidade e Relações de Poder.

Orientadora: Dr^a Idalina Maria Freitas Lima Santiago.

Co-orientadora: Dr^a Josilene Barbosa do Nascimento.

Campina Grande

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B827t Braz, Ednaldo da Costa
Travestis e (re)ações à violência sofrida nos
espaços de prostituição na cidade de Campina
Grande – PB [manuscrito] / Ednaldo da Costa Braz.
- 2016.
165 p.

Digitado.
Dissertação (Mestrado em Serviço Social) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências
Sociais Aplicadas, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Idalina Maria Freitas Lima
Santiago, Departamento de Serviço Social".

1. Travesti. 2. Prostituição. 3. Violência
transfóbica. I. Título.

EDNALDO DA COSTA BRAZ

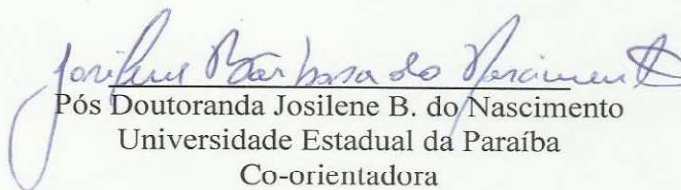
**TRAVESTIS E (RE)AÇÕES À VIOLÊNCIA SOFRIDA NOS ESPAÇOS DE
PROSTITUIÇÃO NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE – PB.**

Aprovado em: ____ / ____ /2016.

BANCA EXAMINADORA



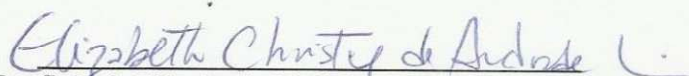
Prof.^a. Dr.^a. Idalina Maria F. L. Santiago
Universidade Estadual da Paraíba
Orientadora



Pós Doutoranda Josilene B. do Nascimento
Universidade Estadual da Paraíba
Co-orientadora



Prof.^a. Dr.^a. Alômia Abrantes da Silva
Universidade Estadual da Paraíba
Examinadora Interna



Prof.^a. Dr.^a. Elizabeth Christina de Andrade Lima
Universidade Federal de Campina Grande
Examinadora Externa

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

AGRADECIMENTOS

À DEUS, que diariamente sopra vida em mim...

À Francisca da Costa Braz, minha/meu mãe/pai que sempre está ao meu lado, mesmo nos momentos difíceis que estamos vivenciando por conta do Alzheimer que a mesma está desenvolvendo. Mas, o fato de tê-la ao meu lado me fortalece ainda mais.

Às Travestis que se disponibilizaram a participarem da coleta de dados, até mesmo as que não aceitaram, pois as resistências se fazem presentes em toda e qualquer forma de defesa de seus espaços.

À Idalina Santiago (Naca), minha orientadora por estar ao meu lado todo esse período (que não é fácil). Uma amiga competente, experiente que pôde me dar direcionamentos para a conclusão desta dissertação. Sou grato pelas compreensões tidas por ela quanto a minhas disponibilidades por conta de um emprego, saúde de minha mãe e ainda por cima, dar conta da construção de conhecimento com a pesquisa em questão. Com ela aprendi a ter disciplina, foco e dedicação, estas são as palavras que a descrevem enquanto orientadora.

À Josilene Nascimento, que esteve como co-orientadora dessa dissertação. As conversas que tivemos a respeito de compreensões teóricas e seus direcionamentos na escrita foram mais que suficientes para a conclusão desta dissertação. Aprendo muito contigo, desde o seu jeito caricato até seu potencial teórico, cada dia aprendo mais contigo.

À Jussara Carneiro, que pôde contribuir com essa dissertação me trazendo reflexões de como seria esse trabalho. Assim que abriu o processo de seleção, Ju generosamente aceitou contribuir com ideias de como ficaria uma pesquisa acerca do tema desenvolvido em questão me trazendo discussões e autores que puderam me dar base para desenvolvê-la.

À Alômia Abrantes, que desde o início está comigo dando suas contribuições para que a dissertação fique o mais coerente com a proposta apresentada.

À Elizabeth Christina, por ter aceitado participar como examinadora externa da defesa dessa dissertação.

Ao Projeto de Pesquisa: MULHERES PARAIBANAS: SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA coordenado por Idalina Santiago, vinculado do Grupo de Estudos do qual faço parte “Flor e Flor estudos de gênero”. O mesmo me pôde proporcionar além do conhecimento adquirido, a sobrevivência (econômica) durante a minha permanência no período de um ano e meio de mestrado.

Ao Programa de Extensão “Todos juntos somos fortes enfrentando o racismo, violência contra a mulher e LGBTT’s no território da Borborema – Paraíba”, por ter me proporcionado novos olhares e impressões sobre os estudos pós-estruturalistas e teoria Queer.

À Magno Lisboa, amigo que pôde contribuir realizando as correções ortográficas, ao mesmo tempo em que me tirava dúvidas acerca de equívocos apresentados durante a escrita.

Ao (QUEER) turminha de gênero do mestrado: Christiano Amorim, Josilene Oliveira, Marina Torres e Tereza Catanha. Pelas sofrências juntxs, encontros que socializávamos nossas reflexões e discussões.

À Tiago Herculano e Alcione Ferreira pela amizade, carinho e perigos que compartilhamos. Também puderam contribuir na escrita deste trabalho.

A todas as pessoas que não citei, mas que possui em minha vida um significado especial.

Ao fim, agradeço por estar VIVO. Foram dois anos de aprendizado e junto com ele, veio o stress. Iniciando arrancando as unhas pelo tronco quando me preocupava com a escrita, depois à pressão alta, mas quero agradecer por ter chegado ao final deste ciclo de vida superando todos esses problemas.

Quase todo mundo sabe
O que é uma travesti
Mas se faz de ignorante
Pra xingar e pra agredir
Porque sente intolerância
Por quem sabe transgredir.

O estigma é criado
Faz-se o dito popular:
Travesti é tudo puta
Não se pode respeitar
E o povo pra agredir
Chega até a espancar.

Muitas são assassinadas
Sem a chance de viver
Só porque não são iguais
Aos que querem prescrever
Um jeito certo pra tudo
Sem a nada compreender.

(Fragmentos do cordel: Travesti não é Bagunça, autora: Jarid Arraes

RESUMO

A presente dissertação teve como objetivo problematizar os discursos das travestis acerca das Reações às violências perpassadas pela travestilidade e prostituição na cidade de Campina Grande - PB. Para atingir tal objetivo, foi realizado um mapeamento dos espaços de prostituição utilizados pelas travestis na cidade de Campina Grande, uma contextualização das condições em que as mesmas experienciam a atividade prostitucional, além da compreensão dos significados de travestilidade, prostituição e violência em seus discursos, de modo a identificar as estratégias e táticas utilizadas pelas travestis prostitutas perante as violências vivenciadas nas ruas. Para tanto, foram utilizadas diferentes estratégias metodológicas como a visita a campo, diário de campo, observação participante e entrevistas semiestruturadas. Os resultados obtidos a partir dos relatos confirmam que a desestabilização por sua performance de gênero faz das travestis as vítimas prediletas de violências transfóbicas. Como forma de reagirem às violências, a estratégia mais utilizada pelas travestis é andarem juntas, estarem em grupo, tendo como finalidade por medo em seus agressores, pois “bater em uma travesti sozinha fica fácil para os transfóbicos, mas se tiverem juntas já seria uma forma de imposição contra eles”. As travestis pesquisadas reagem de maneiras diferenciadas às violências para poder vivenciar suas performances de gênero feminina, de maneira que possam sobreviver exercendo a atividade prostitucional.

PALAVRAS-CHAVE: Travestis, Prostituição, Violências e Reações.

ABSTRACT

The dissertation aimed to problematize the transvestite's discourses on Reactions to violence pervaded by the transvestites and prostitution in the city of Campina Grande - PB. To achieve this goal, a mapping of the prostitution spaces used by transvestites in the city of Campina Grande was carried out, a contextualization of the conditions under which they experience the prostitution, as well as the understanding of the meanings of transvestite, prostitution and violence in their speeches, in order to identify the strategies and tactics used by transvestites prostitutes in face of the violence experienced on the streets. Therefore, different methodological strategies were used such as the field visit, field diary, participant observation and semi-structured interviews. The results obtained from the reports confirm that the destabilization due to its gender performance makes transvestites the favorite victims of transphobic violence. As a way to react to violence, the strategy most used by transvestites is to walk together, to be in a group, having as a purpose the fear of their aggressors, because "beating a transvestite when being alone it is easier for the transphobic, but if they are together it would be a way of imposition against them". The travestites researched respond in different ways to the violence to be able to experience their performances of feminine gender, in order survive exercising the prostitution activity.

Key words: Transvestites, Prostitution, Violence and Reactions.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO..... | 11 |
| CAPÍTULO 1 – CORPOS TRAVESTIS: TRANSFORMAÇÕES CORPORAIS PARA ALÉM DA HETERONORMA..... | 25 |
| 1.1 A ideia de travesti no Ocidente..... | 26 |
| 1.2 Construindo o gênero das travestis..... | 31 |
| 1.3 Feminilidades e os corpos em TRANSitos..... | 43 |
| 1.4 Travestilidade e seus significados..... | 55 |
| CAPÍTULO 2 – PROSTITUIÇÃO E O FAZER-SE NA RUA..... | 63 |
| 2.1 Prostituição enquanto produção discursiva..... | 63 |
| 2.2 Prostituição no Brasil..... | 68 |
| 2.3 Prostituição em Campina Grande..... | 83 |
| 2.4 Os discursos das travestis acerca da prostituição..... | 91 |
| CAPÍTULO 3 – AGIR PARA EXISTIR: AS AGRESSÕES SOFRIDAS PELAS TRAVESTIS QUE SE PROSTITUEM E AS SUAS (RE)AÇÕES A ESSES ATOS DE VIOLÊNCIA..... | 98 |
| 3.1 Relações de poder e resistência à heteronormatividade..... | 100 |
| 3.2 Violência e transfobia: uma análise da violência exercida contra as travestis..... | 108 |
| 3.3 A (re)ação das travestis diante da violência sofrida..... | 132 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 150 |
| REFERÊNCIAS..... | 156 |
| ANEXOS | 166 |

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, diversos estudos têm se ocupado das subjetividades travestis, das construções de seus corpos e suas identidades de gênero. A luta pelo reconhecimento da Diversidade Sexual e dos Direitos de LGBT¹ no Brasil é constante, em específico para as travestis que ao serem discriminadas ficam depreciadas a ponto de serem desprovidas de direitos a ter direitos.

Como aponta Peres (2009), as travestis têm suas vidas depreciadas a partir de um contexto de exclusão em que estão inseridas. Esse fator de exclusão parte do processo de estigmatização, fato que acarreta preconceitos e discriminações que se desenvolvem como ondas, prolongando-se da família para a comunidade, da comunidade para a escola, para os serviços de saúde e demais espaços de relações nos quais estes indivíduos venham interagir.

Excluídas do meio social, a cadeia de fragilidades e vulnerabilidades reverbera da escola para o mundo do trabalho. Afinal, quem quer dar emprego a uma profissional que seja travesti? Sem alternativas, resta-lhes, geralmente, recorrer à prostituição. É evidente que algumas travestis optam pela prostituição, mas a ausência de empregos é fator importante a ser levado em consideração para que possamos evitar que tomemos a prostituição como uma escolha individual, marcada pela luxúria, como se as travestis transformassem seus corpos através de hormônios e silicone apenas pensando na exploração dos mesmos no mercado sexual.

Nesse contexto, me propus a pesquisar as (re)ações das travestis perante as violências ocorridas durante a atividade prostitucional exercida nas ruas da cidade de Campina Grande. Para tanto, se fez necessário minha inserção no campo como possibilidade de visualizar as condições em que tal atividade estava sendo vivenciada pelas travestis, além de entrevistas semiestruturadas realizadas em suas residências, objetivando perceber como ocorreu a construção do gênero travesti, os significados da experiência de ‘ser travesti’, os discursos sobre a atividade prostitucional e, finalmente, as agressões sofridas e suas estratégias de (re)ação frente a esses atos de violência.

¹ Sigla do movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (travestis, transexuais, homens trans).

É importante perceber que a vivência da prostituição em si acarreta uma série de formas de violência, perpassada pela ideia de pecado, construída no século XVII na Europa pela religião, ligada a moralidade cristã, de forma a classificar as prostitutas como sujeitos degradantes e pecadoras por natureza. Houve a construção de saberes médicos a partir do século XVIII, com o intuito de diagnosticar os sujeitos a partir da higienização de suas práticas sexuais e criar estratégias de controle sobre tais práticas (COSTA, 1999).

Atualmente, segundo Rago (1991), a prostituição ainda é vista de forma degradante pela sociedade moderna ocidental. Assim, tal prática é percebida de forma moralista entre os setores da população, necessitando implementar medidas de vigilância frente aos sujeitos que exercem a atividade e de sua clientela.

Quando à prostituição é associada à figura da travesti, desencadeia um processo repleto de formas de violências por estar adicionado a valores homofóbicos. Segundo Rios (2009), o termo homofobia refere-se ao preconceito e discriminação contra pessoas em função de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero.

Este autor afirma a necessidade de demarcar as demandas referentes às violências que envolvem os LGBT, tais como transfobia, lesbofobia, bifobia, para além da utilização do termo homofobia como o aglutinador de todas as fobias. Dessa forma, ele ressalta a lesbofobia como sendo uma aversão e ódio contra mulheres lésbicas, a bifobia atrelada a repulsa a pessoas que se identificam como bissexuais, ou seja, tem suas práticas sexuais e afetivas com homens e mulheres, e a transfobia como a aversão as pessoas travestis e transexuais. Faço questão de estar abordando a violência contra as travestis a partir do termo “transfobia”, por ser mais coerente com as pautas das travestis e transexuais na atualidade.

Com relação à violência homofóbica desencadeada pela sociedade brasileira sofrida pela chamada população LGBT, sem incluir informações específicas acerca da vivência da prostituição, podemos apresentar dados do Relatório Sobre Violência Homofóbica no Brasil, no ano de 2012, o qual destaca o ínfimo número de denúncias se comparadas ao número de violências registradas.

Foram registradas pelo poder público, 3.084 denúncias de 9.982 violações relacionadas à população LGBT, envolvendo 4.851 vítimas e 4.784 suspeitos. Em setembro ocorreu o maior número de registros, 342 denúncias. Em relação a 2011, houve um aumento de 166,09% de

denúncias e 46,6% de violações, quando foram notificadas 1.159 denúncias de 6.809 violações de direitos humanos contra LGBTs, envolvendo 1.713 vítimas e 2.275 suspeitos (BRASIL, 2012, p. 18).

O relatório traz um aumento no número de denúncias de violações contra LGBT no país, através de um comparativo entre o ano de 2011 e 2012. Aborda o aumento das violações de um ano para outro, sem mencionar, no entanto, as subnotificações que sequer chegam às vias da justiça.

As travestis também são alvos desse discurso transfóbico, expresso diretamente através dos atos de violência vivenciados em seu dia a dia sob as mais diferentes formas de agressões. Segundo dados do citado Relatório sobre Violências Homofóbicas no Brasil (2012, p. 43) “as travestis foram as mais vitimizadas de violência homofóbica, sendo 51,68% do total, seguidas por gays (36,79%), lésbicas (9,78%), heterossexuais e bissexuais (1,17% e 0,39% respectivamente)”.

No mesmo relatório encontrei dados da posição do Estado da Paraíba no ranking da violência homofóbica:

Em 2012, na Paraíba, foram registradas 94 denúncias relacionadas a população LGBT pelo poder público, sendo que em setembro houve o maior registro, de 22 denúncias. Houve um aumento de 235% em relação a 2011, quando foram notificadas 28 denúncias. (BRASIL, 2012, p. 73).

O Estado da Paraíba vem ocupando uma posição de 3º lugar no ranking dos Estados mais violentos do Brasil para a população LGBT, perdendo apenas para o Distrito Federal e Mato Grosso.

Um exemplo dessa situação de violência que marca a cidade de Campina Grande foi o caso de Inete, uma travesti negra, deficiente física, pobre e prostituta assassinada no local de trabalho, na Rua João Pessoa, no momento em que estava exercendo a prostituição. Esse fato ocorreu na madrugada de 15 de abril de 2011 e o assassinato foi registrado pelas câmeras da Superintendência de Trânsito e Transportes Públicos, motivo pelo qual teve repercussão nacional.

Essas questões foram refletidas por mim, pois Inete era conhecida dentro dos espaços LGBT da cidade, boates, bares, etc. Meu primeiro contato com Inete ocorreu no

ano de 2008, quando realizamos a 1ª Parada Gay² de Campina Grande. Assim por diante, nos anos seguintes, sempre nos encontrávamos nas paradas que aconteciam na cidade.

Durante esse período, me afetava com as pautas de discussões da temática LGBT, com um recorte para a travestilidade. Assim, no ano de 2012, construí uma monografia para a conclusão do curso de licenciatura plena em história pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, tendo como tema “As Travestis e suas Experiências no Mercado de Trabalho Formal e Informal em Campina Grande – PB (2000-2010)”, período em que adentrei as ONGs que atuavam em prol dos LGBT, como a Associação de Homossexuais de Campina Grande – AHCG e o Centro Informativo de Prevenção, Mobilização e Aconselhamento aos Profissionais do Sexo de Campina Grande – CIPMAC, para realizar a coleta de dados, bem como possibilitar a construção de conhecimento que pudesse contribuir nas reivindicações do movimento.

Neste mesmo ano, já cursando Serviço Social na mesma universidade, comecei a participar do Grupo Flor e Flor Estudos de Gênero como forma de aprimorar os conhecimentos direcionando-os para a militância nas causas de LGBT e do Movimento Feminista.

Essa vivência despertou a necessidade de aprofundar os estudos acerca da temática que envolve a travestilidade. Dessa forma, no momento atual, me debrucei em refletir acerca das possibilidades de (re)ações das travestis às formas de violência que lhes são imputadas no exercício da atividade prostitucional. Neste sentido, me voltei para problematizar os discursos das travestis acerca das (re)ações à violência perpetrada pela travestilidade no exercício da prostituição. Assim, estarei situando as (re)ações por parte das travestis em relação às diversas formas de violência vivenciadas por elas nos espaços da prostituição na cidade de Campina Grande.

Fica evidente, então, o intento da pesquisa em demarcar as formas de (re)ações às violências, ao invés de destacar os números, já tão divulgados por vários estudos, acerca dos atos de violência sofridos pelas travestis. A violência a qual as travestis estão sujeitas, seja física, psicológica, patrimonial etc., é naturalizada no imaginário social, como se elas merecessem recebê-la. Tal violência é elaborada por significações do que é

² Esse termo para as ‘Paradas LGBT’ ainda hoje é motivo de discórdias dentro do movimento, pois centraliza o evento apenas em uma identidade “gay” invisibilizando todas as outras que compõe a sigla.

ser travesti, produzidas e generalizadas sobre o preconceito e discriminação no universo deste grupo, visto que, juntamente com as pessoas transexuais, resistem a heteronormatividade e são punidas por isso socialmente.

Nesse sentido, diante da violência sofrida, resta-lhe, muitas vezes, apenas reagirem à mesma, muitas vezes até como uma forma de sobreviverem frente às agressões físicas graves que são cometidas contra elas.

Tal pesquisa justifica-se, também, por buscar preencher uma lacuna nas discussões acerca do debate sobre travestis, prostituição, resistências, violência e (re)ações à violência na cidade de Campina Grande, abrindo um veio de pesquisas sobre a temática e incentivando outros trabalhos, na tentativa de produzir conhecimento sobre uma categoria de sujeitos invisibilizados, no caso em questão as travestis.

A pesquisa, então, tem como objetivo geral problematizar os discursos das travestis acerca das (re)ações às violências perpassadas pela travestilidade e prostituição, tendo como objetivos específicos: realizar um mapeamento dos espaços de prostituição utilizados pelas travestis na cidade de Campina Grande; contextualizar as condições que as travestis experienciam a atividade prostitucional; compreender os significados da travestilidade, prostituição e violências em seus discursos; identificar as estratégias e táticas utilizadas pelas travestis prostitutas nas ruas como meio de sobrevivência perante as formas de violência sofrida.

A abordagem adotada para compor a pesquisa foi à qualitativa, que permite um aprofundamento da compreensão de uma realidade a ser pesquisada. Segundo Minayo (2009), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, dialogando a partir de dados subjetivos, opiniões, crenças, etc., ou seja, trabalhando no interior de um universo de significados para o sujeito pesquisado.

Como destaca Goldenberg (2004, p. 49), “os dados da pesquisa qualitativa objetivam uma compressão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social”.

A autora em questão vem descrevendo como um pesquisador pode encontrar os dados necessários para responder a seus questionamentos:

[...] através da observação participante por um período longo de tempo, das entrevistas em profundidade, da análise de diferentes fontes que possam ser cruzadas – que atinge níveis de compreensão

que não podem ser alcançados através de uma pesquisa quantitativa. O pesquisador qualitativo buscará casos exemplares que possam ser reveladores da cultura em que estão inseridos. O número de pessoas é menos importante do que a teimosia em enxergar a questão sob várias perspectivas. (GOLDENBERG, 2004, p. 50).

Há a preocupação para que o pesquisador possa compreender sob os vários olhares a realidade em que esteja inserido, como possibilidade de desvendar os condicionantes de tal realidade pesquisada, através de exemplos que possam trazer à tona a cultura que se fazem participantes.

Para fazer parte da pesquisa de campo, selecionei travestis que estavam atuando nos espaços de prostituição no período de dezembro de 2015 a julho de 2016. Dessa forma, foram incluídas todas as travestis que estiveram trabalhando nas ruas no período da pesquisa, fossem as mais antigas ou mais novas na profissão, não havendo escolha por idade, raça, etc. O critério para inclusão na amostra foi à atividade no trabalho da prostituição. Além disso, tomamos como critério de inclusão a acessibilidade das mesmas para comporem a amostra da pesquisa. O critério de exclusão foi à recusa por parte delas em participarem da pesquisa.

Na empreitada da coleta de dados, fiz uso das técnicas de observação simples, diário de campo e entrevista semiestruturada. A observação, segundo Lakatos (2003, p. 190) é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações utilizando os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não é apenas ver e ouvir, mas examinar fatos e fenômenos que se desejam estudar.

É necessário que o pesquisador estabeleça empatia com o grupo a ser pesquisado, como forma de ganhar a confiança do mesmo. De acordo com Minayo (2009), o pesquisador precisa ser curioso e atento para confrontar suas teorias com a realidade empírica. Dessa forma, no campo,

o pesquisador precisa não ficar preso às surpresas que encontrar e nem tenso por não obter resposta imediata a suas indagações. É claro que a experiência o ajudará no seu comportamento. Mas é possível recomendar que sempre exercitemos um olhar dinâmico e atento que passe da confrontação da proposta cientificamente formulada para as descobertas empíricas e vice-versa (MINAYO, 2009 p. 62).

É importante não ficar apenas atento às teorias já comprovadas a partir de outras experiências, mas, enquanto pesquisador, perceber todos os condicionantes que o campo puder nos oferecer.

Uma segunda técnica utilizada foi o diário de campo, que segundo Silva (2007), Beaud e Weber (2007) sua construção se dá a partir de uma moldagem que permita uma melhor reordenação dos dados.

É um diário de bordo no qual, dia após dia, anotam-se em estilo telegráfico os eventos da pesquisa e o progresso da busca [...] A descrição dos lugares, dos eventos, das pessoas e das coisas não requer qualidades literárias – mesmo que o conhecimento da língua, daquela falada por seus interlocutores, de suas capacidades linguísticas (léxicas e gramaticais), possa ser de grande utilidade. Ela requer a precisão, o sentido do detalhe, a honestidade escrupulosa do “auxiliar de laboratório” que registra as condições em que tal fenômeno foi produzido (BEAUD; WEBER, 2007, p. 65-66).

O diário teve como finalidade orientar a pesquisa na descrição dos fatos de maneira a ir ordenando por data e lugar, fazendo com que o pesquisador pudesse ir sequenciando questões e dúvidas acerca de um determinado fato descrito.

Outro tipo de técnica utilizada foi à entrevista semiestruturada. Para Laville e Dionne (1999), as entrevistas semiestruturadas baseiam-se numa série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pôde acrescentar perguntas de esclarecimentos.

Os entrevistadores permitem-se, muitas vezes, explicitar algumas questões no curso da entrevista, reformulá-las para atender às necessidades do entrevistado. Muitas vezes, eles mudam a ordem das perguntas em função das respostas obtidas, a fim de assegurar mais coerência em suas trocas com o interrogado. Chegam até a acrescentar perguntas para fazer precisar uma resposta ou para fazê-la aprofundar (LAVILLE e DIONE, 1999, p. 188).

As perguntas foram abertas, utilizando-se um roteiro previamente estabelecido, o qual permitiu liberdade para questionamentos no decorrer da entrevista, de maneira a poder criar questões a partir das dúvidas que surgiram no decorrer do processo investigativo.

Beaud e Weber (2007) defendem que as entrevistas e observações juntas fazem com que a pesquisa progrida como um concerto, de forma harmoniosa, favorecendo a compreensão de questões que lhes dê embasamento para análise dos dados coletados.

Como estratégia para adentrar nos espaços de prostituição em que as travestis estão inseridos na cidade de Campina Grande, entrei em contato com Davi que é presidente da ONG Doutores da Prevenção,³ pois através desta ONG, supostamente, acreditava conseguir me inserir nas ruas em que as travestis estavam localizadas.

Com o contato realizado no mês de dezembro de 2015, iniciei a ida a campo. Marquei com Davi de nos encontrar no centro da cidade e de lá fomos para as ruas em que as travestis realizam a atividade prostitucional, começando pela rua mais conhecida da cidade por abrigar travestis que se prostituem, no caso a Rua Presidente João Pessoa.

Era um dia de quarta-feira e estava chovendo, e, mesmo assim, decidimos que iríamos realizar a atividade. Chegamos ao local por volta das 21h00h, encontrando algumas travestis para realizarmos o trabalho de prevenção. Algumas eu já conhecia de festas e paradas LGBT ocorridas na cidade. Dialogamos com Clara Nunes⁴ acerca da conquista do nome social da qual ela estava aguardando o resultado do processo. Logo, chegou Whitney Houston que estava voltando de um programa.

Relatei sobre os objetivos da pesquisa, momento em que Whitney Houston começa a relatar algumas experiências de violência que já havia passado no local. Davi e eu ficamos um bom tempo ouvindo-a narrar sobre suas vivências.

Durante nossa conversa, duas motos frearam bruscamente ao nosso lado: uma com um rapaz e outra com dois rapazes. Olhei para todos os lados, com medo, pois em decorrência da violência generalizada na cidade de Campina Grande não tinha como disfarçar o medo que sentira em permanecer naquele local altas horas da noite.

Na mesma hora em que acontece esse fato, Whitney Houston vira-se para os rapazes e os manda embora, rindo e mandando beijos em suas direções. Afirma que não era nada demais, que só estavam à procura de sexo gratuito. Fiquei mais tranquilo e

³ ONG fundada em junho de 2014 e registrada oficialmente em fevereiro de 2016, tendo como missão: conscientizar o público em geral sobre as DST/HIV/AIDS/hepatites virais, com educação e prevenção; Lutar contra qualquer preconceito, intolerância, discriminação e LGBTfobia; Resgatar a cidadania, a dignidade humana e o respeito da população LGBT e das(os) profissionais do sexo. (Estatuto da ONG Doutores da Prevenção, 2016, p. 04).

⁴ Os nomes das travestis que participaram da pesquisa são pseudônimos. Estarei utilizando como referência os nomes de divas da música que já partiram deste plano. Nomes que tinham e ainda têm referência no meio das travestis.

continuamos a conversa. Depois de um tempo saímos para não atrapalhar seu trabalho, pois os clientes passavam e paravam mais à frente já que tinha a presença de homens junto com as travestis.

Nesse momento, lembrei-me da reflexão de Benedetti (2005, p. 44) quando afirmara o sentimento que sentira perante sua pesquisa de campo.

Como todo marinheiro de primeira viagem, sentia medo. Medo do escuro, da velocidade dos carros, do fato de haver muitas pessoas circulando, dos olhares inquisidores [...] Questionava-me sobre essa prática científica que expõe o pesquisador a uma situação de “fragilidade” social, que o faz experimentar sensações e emoções inéditas. [...] O medo é um sentimento corrente no “mundo da noite” e talvez um dos mais presentes.

Para o autor, o medo que sentira o fez refletir acerca dos perigos que passara ao se expor durante a realização da coleta de dados. Questionava, principalmente, sobre sua fragilidade em estar sentindo na pele os sentimentos que as travestis passam toda a vida. Identifiquei-me com sua reflexão, pois o medo estava sempre presente a cada ida minha a campo. Medo de cada pessoa que parava para falar com as travestis, de seus clientes, dos transeuntes, até mesmo do modo das próprias travestis me tratar.

Esse contexto me fez pensar na realidade em que estão inseridas as travestis. O medo como uma constante na vida de cada uma, já que estão acostumadas com a vulnerabilidade da qual fazem parte.

Feitas as devidas reflexões acerca da insegurança e dos medos que as ruas me proporcionaram, como possibilidade de compreender o universo no qual estava me inserindo, continuei com as idas a campo.

Nestas idas a campo pude mapear os pontos em que encontrava as travestis. O resultado desse mapeamento estará exposto no segundo capítulo dessa dissertação. Cabe ressaltar que nem sempre as travestis aceitavam participar da pesquisa pelo fato de me associar à vivência gay e não travesti.⁵ Afirmavam que naquele espaço só quem poderia ir eram as travestis para trabalharem e que lugar de “gay/veado” não era ali, seria lá para

⁵ Por ser homossexual assumido, me montar, ter minha performance de gênero quando estou de Thuane Haylla, a qual utilizo para as festas, boates, dar palestras no meio acadêmico, tornei-me conhecido nesta performance por algumas travestis. Identifico-me com o feminino, desejando até assumir a travestilidade, mas permaneço no trânsito entre Ednaldo/Thuane. Por vivenciar esse trânsito, acreditei ser aceito pelas travestis que vivenciam a prostituição nas ruas. No entanto, tinham aquelas que não me aceitavam naqueles locais por me classificarem na condição de “homem gay”.

baixo. Apontavam para a Rua Presidente Epitácio Pessoa, espaços em que vão as que se montam.⁶

As travestis com mais tempo de trabalho nas ruas, que vivenciam seu gênero feminino 24 horas do dia, utilizam códigos de conduta para classificar o que é “ser travesti”. Para elas, a “verdadeira” travesti é aquela que vive todo o tempo como mulher, de preferência que tenham realizado mudanças em seus corpos através de hormônios e silicone. A partir dos códigos de conduta utilizados por elas, classificam e passam a excluir todas as que não se encaixam ao padrão de aceitação, que é o caso das que se montam apenas em algumas ocasiões, seja para frequentarem festas/boates no meio LGBT, buscarem homens, ou mesmo as que vão às ruas apenas pelo vício.⁷

A minha presença na rua foi rejeitada por algumas, em específico por Amy Winehouse, uma travesti aparentando ter uma idade avançada que bate de frente com as travestis mais jovens que aparecem na Rua João Pessoa e, principalmente, que não gosta da presença de gays no local, fator que a fez me expulsar de uma das esquinas em que estava com outras travestis. Nesse momento, Whitney Houston começou a agredi-la verbalmente numa tentativa de defender a minha presença no local. Ocorrido tal fato, para tentar não causar conflitos, achei melhor direcionar a coleta de dados de outra forma, ou seja, indo a suas residências com o intuito de realizar as entrevistas.

Mesmo partindo em minha defesa, Whitney Houston fazia pressão para que eu fosse montada para a rua. Afirmava que desta forma ela iria me ‘descer na pista’,⁸ de maneira que as outras travestis não poderiam me expulsar de lá. Teriam que me aceitar de qualquer maneira.

Comecei a perceber aquelas ações de rejeição como uma forma de reagir à presença de outros sujeitos naquele espaço, objetivando delimitar quem deve ir aquele local e quem não deve, como no caso de marginais, bêbados, ‘aquelas’ que apenas se montam, portanto, sendo uma ameaça à posição conquistada pelas travestis nas ruas. Não esquecendo, também, de mencionar os pesquisadores, como me afirmou Whitney

⁶ “O ato de vestir-se com roupas de mulher. Esse termo êmico diz respeito a um processo de manipulação e construção de uma apresentação que seja suficientemente convincente, sob o ponto de vista das travestis, de sua qualidade feminina”. (Benedetti 2000, apud DUQUE, 2011, p. 30).

⁷ “Sexo feito sem pagamento, com interesse focado na paquera, afeto e prazer. No entanto, o vício é uma categoria depreciativa entre as próprias travestis. Afinal, além da viciosa não saber separar trabalho de afeto, compromete os negócios por tender a sair de graça com os homens desconhecidos, que são vistos como clientes em potencial”. (PELÚRIO, 2007, apud DUQUE, 2011, p. 101).

⁸ Significa dizer que as travestis que tinham mais tempo iriam me apresentar na rua para a realização de programas, sendo uma de suas protegidas.

Houston, aqueles sujeitos que, por causa de suas pesquisas acadêmicas, passam a frequentar aquele espaço, mas que não mantêm uma relação de proximidade com elas em seu dia-dia. Enfim, são vários os motivos que podem fazer com que elas ajam com certa rispidez diante dos sujeitos que se inserem em seus espaços de trabalho. Logo, é perceptível a existência de uma defesa de demarcação de localidade.

Um relato importante mencionado por Whitney Houston em relação a minha presença na rua expressou que “querendo ou não você atrapalha estando aqui na rua comigo, pois passa uma maricona⁹ aqui e pode não parar o carro achando que você é algum homem meu. Por mais que você seja gay, mas eles não vão perceber”. Por esse motivo, ela me pedia pra ir mais ‘pintosa’,¹⁰ com um shortinho mais curto de forma que evidenciasse o meu lugar de gay.

Havia uma preocupação por parte de Whitney Houston em relação ao que os seus clientes poderiam pensar diante da presença de um homem naquele espaço junto dela, fator que seria um empecilho para que pudessem parar e contratar seus serviços. Por esse motivo, foi necessário redimensionar a forma de captação dos dados empíricos, passando a procurar as travestis em suas residências para coletar seus depoimentos.

A amostra da pesquisa foi constituída por cinco travestis que atuavam nas ruas Presidente João Pessoa e Presidente Epitácio Pessoa. O processo de coleta de dados foi bastante desgastante, pois havia uma rejeição por parte das travestis em participarem da coleta. Muitas vezes marcávamos o dia e horário, mas ao chegar à residência da travesti algum familiar me atendia e informava que a pessoa procurada havia saído, havendo a necessidade de refazer novos contatos e agendamentos.

Um exemplo da dificuldade vivenciada para conseguir a entrevista foi com a primeira entrevistada: a travesti Whitney Houston. Desde o primeiro contato realizado na Rua Presidente João Pessoa foi muito solícita, afirmou já me conhecer e saber de minha militância em prol dos LGBT. Informei-a que tínhamos que marcar uma entrevista, que seria uma conversa com ela e que iria até sua residência. Ela se prontificou em me receber e logo marcamos uma data e horário. Ao chegar a sua casa, uma sobrinha me atendeu e disse que ela teria saído. Ligava para ela e não atendia. Só à

⁹ Segundo Pelúcio (2009), dentro das demarcações de gênero e das práticas sexuais estabelecidas pelas travestis, a maricona é o oposto do “homem de verdade”, que apresenta tais atributos: sempre ativo, penetrador e dominador. A maricona, por sua vez, é aquele sujeito que não demonstra mais ser jovem, com práticas sexuais passivas.

¹⁰ Termo utilizado para os homens gays com comportamento mais estereotipados para o feminino.

noite, através da rede social Facebook, pediu desculpa pelo contratempo e afirmou que poderia marcar outro dia. Nesse processo de idas e vindas, foram necessárias três idas em sua casa para poder conseguir a entrevista.

No dia 22 de janeiro de 2016, quando consegui encontrá-la em sua residência, Whitney Houston me recebeu e ao me abraçar percebi que estava toda machucada, com pontos na altura do pescoço e próximos aos seios. Ao questioná-la o que havia ocorrido, ela me informou que tinha ido para uma festa num bar lésbico da cidade e que lá havia discutido com uma lésbica e a mesma quebrou uma garrafa de bebida e partiu para cima dela, ferindo-a em várias partes de seu corpo. Após o ocorrido, outras travestis que estavam no local a levaram para o Hospital de Trauma da cidade de Campina Grande onde foi atendida.

Whitney Houston mora nos fundos da casa de sua mãe, uma casa com quatro cômodos: um terraço, espaço onde ficam seus dois cachorros, uma sala, quarto e cozinha. Ela me recebeu no quarto e a entrevista aconteceu em sua cama. Ao término de nossa conversa, ela fez questão de me levar à casa de sua mãe e me apresentou dizendo: “esse aqui é um amigo meu, ele está fazendo uma pesquisa da universidade”.

O processo de remarcações das entrevistas, acarretando em várias idas às residências das travestis, aconteceu com quatro das cinco entrevistadas. Quando questionei se realmente elas poderiam participar, todas afirmavam que sim e que não estavam se recusando em conceder a entrevista. Emblemático foi o caso de Clara Nunes: ao ser abordada sobre sua participação na pesquisa em alguns momentos afirmou que participaria, em outros momentos que não, alegando que outras pessoas já tinham ido à sua procura para que pudesse ajudá-los em suas pesquisas e a mesma só se dispunha através do pagamento do valor equivalente ao cobrado para fazer um “programa”.

Clara Nunes, desde o início de nosso primeiro encontro resistiu bastante a participar da pesquisa. Conversamos algumas vezes nas ruas, encontrei-a durante a realização do ‘Miss Campina Grande Gay’, evento ocorrido no final de dezembro de 2015, além de Whitney Houston, que é sua melhor amiga, ter conversado com ela como forma de fazê-la mudar de ideia, incentivando-a a participar da pesquisa. Mesmo assim não aceitou.

Na tentativa de dar algum retorno para elas e, talvez, conseguir entrevistá-las, afirmava o meu lugar dentro do movimento LGBT da cidade e as lutas cotidianas em prol de melhorias para elas, inclusive pelo fato de me colocar a suas disposições para aquelas que quisessem realizar mudança de seus nomes de registro para o nome social, podendo encaminhá-las para a Seccional LGBT da OAB, localizada na cidade de Campina Grande, para que fossem acompanhadas durante o processo de ratificação do nome.

A dissertação, então, encontra-se dividida em três capítulos: o primeiro capítulo tem por finalidade compreender a travestilidade nos discursos das travestis. Para tanto, no primeiro momento, realizarei uma abordagem teórica acerca da construção das travestis nas discussões de gênero, como possibilidade de discutirmos acerca da construção da categoria travesti.

Em seguida, refletirei acerca da matriz hegemônica da heteronormatividade dialogando com Butler (2015) e Miskolci (2009), na qual as travestis são percebidas como sujeitos que embaralham o processo heteronormativo, de maneira que serão classificadas como a exceção da norma, fator que lhes impõe uma série de negações perante a sociedade. No último subtópico do primeiro capítulo, analisarei os discursos das travestis acerca da travestilidade.

O segundo capítulo busco compreender os significados de prostituição contidos nos discursos das travestis que vivenciam a venda de serviços sexuais em Campina Grande. Para tanto, o primeiro momento tratará a prostituição a partir de uma genealogia da temática como possibilidade de identificar os discursos construídos historicamente sobre a prática da atividade prostitucional. Ainda, neste capítulo, abordarei como se constituiu a prostituição no Brasil, ressaltando que a constituição da prostituição se deu a partir de um referencial médico-policia, de modo que as prostitutas passaram a ser vistas como um problema público, portanto, devendo ser higienizadas.

Na sequência, enfocarei a prostituição e sua especificidade em Campina Grande, momento no qual irei abordar o processo de modernização e as transformações sofridas pelos espaços de prostituição no decorrer do tempo. Por fim, analisarei os discursos das travestis acerca da prostituição retratando os processos que as levaram a se inserirem na prostituição e o significado que atribuem a essa atividade.

O terceiro e último capítulo irei abordar as violências vivenciadas pelas travestis que se prostituem dando enfoque para as suas (re)ações diante das mesmas. De início, apresento como as travestis, na construção de si mesmas, subvertem a heteronormatividade, num processo de resistência a essa ordem. Posteriormente, por realizarem tal desconstrução e, por isso mesmo, sofrerem transfobia, estigma, apresento as violências que as mesmas vivenciam em sua rotina de prostitutas de rua. Finalmente, em seus relatos, apresento as (re)ações das travestis diante das agressões sofridas ocorridas no momento de desenvolverem a atividade prostitucional.

CAPÍTULO I – CORPOS TRAVESTIS: TRANSFORMAÇÕES CORPORAIS PARA ALÉM DA HETERONORMA

Para que possa realizar uma abordagem acerca da compreensão das travestis prostitutas a respeito das suas travestilidades, faz-se necessário trazer uma discussão no que tange a construção das travestis enquanto sujeitos performativos.

Qual a primeira imagem ou cena que nos remete a palavra travesti? Um homem vestindo-se de mulher? Prostituição? Criminalidade? Imoralidade? Uma gama de significados é reproduzida para designar quem é a sujeita travesti.

A princípio, quando ouvimos a palavra travesti nos vem à mente aquela figura de um homem biologicamente falando, exteriorizado em uma mulher, que é legitimada na questão da vestimenta, da transformação do corpo, seja através de hormônios ou uso do silicone. Enfim, as performances que lhes atribuirão o significado do ser mulher.

Estarei, neste capítulo, lançando um olhar para a construção de gênero performativo das travestis. Para tanto, iniciarei o mesmo trazendo uma análise histórica acerca da construção da travesti e os discursos que foram acionados para esta construção. Tomarei como reflexão as discussões proporcionadas por Leite Jr (2011), Foucault (2001) e Santos (2015).

Em um segundo momento, estarei dialogando acerca da construção de gênero das travestis, as quais se apresentam a partir de um construto performativo, como um devir em contraposição ao ser fixo e estável. Minha escrita estará embasada nas discussões de Butler (2001, 2014, 2015), Vale (2005), Milkolci (2009, 2013) e Pelúcio (2009).

No terceiro momento propus uma discussão acerca das feminilidades e o trânsito em que os corpos das travestis percorrem para produzirem a estética corporal almejada. Tomarei como reflexão Peres (2011), Benedetti (2005), Pelúcio (2005) e Duque (2011). Por fim, no quarto subtópico, estarei analisando os discursos das travestis acerca das travestilidades e seus significados.

1.1 A ideia de travesti no Ocidente

Segundo Santos (2015), as travestis são sujeitos que investem na elaboração de uma feminilidade que ultrapassam as normas tradicionais do gênero. Desta forma, são vistas como um desconforto no enquadramento das normas hegemônicas de gênero, uma vez que apresentam um potencial desestabilizador das normatividades.

Para compreender como foi forjada a imagem destes sujeitos na atualidade, faz-se necessário uma análise histórica de como os discursos acerca das travestis vão sendo construídos. Portanto, estarei evidenciando as discussões sobre as travestis embasadas no debate de sexo, gênero e sexualidade percebidos como construções sociais.

Leite Jr. (2011) realizou uma pesquisa com o intuito de analisar a origem e o desenvolvimento dos conceitos científicos das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico europeu, desde a antiguidade clássica greco romana até a idade contemporânea, com o objetivo de investigar o quanto estes conceitos são baseados em normas sociais que organizam as diferenças de gênero.

Neste percurso, descobri que definições únicas e definitivas sobre corpos e identidades sexuais e seus limites entre masculinidade e feminilidade nunca existiram, variando conforme os grupos e os discursos (médicos, religiosos, políticos) mesmo em uma época específica. Historicamente construídas, essas concepções são, no entanto, naturalizadas e vivenciadas como se fossem: “naturais”. (LEITE JR., 2011, p. 27).

Para o autor acima citado, os limites entre masculinidade e feminilidade são reorganizados até os dias de hoje a partir de uma multiplicidade de discursos médicos, religiosos, políticos, os quais tentam impor as normas de gênero como um padrão a ser seguido, de forma a naturalizar e transformá-la numa essência. Há uma naturalização das identidades como forma de fixá-las em algo natural, como se tivesse sempre existido.

A partir das discussões proporcionadas pelo autor supracitado sobre a invenção dos termos travesti e transexual, o mesmo passa a construir historicamente o itinerário dos corpos travestis a partir de “corpos mutantes”, embasados numa “constante percepção de que os sólidos edifícios que sustentam a ideia de uma “Essência Humana”

sexuada e generificada, constante e imutável, estão também constantemente se alterando” (LEITE JR., 2011, p. 30).

Assim, os indivíduos que se apresentam nesse processo de enquadramento por conta de seus corpos mutantes, o são justamente por conta dos discursos científicos que passam a estabelecer os posicionamentos em que corpos e desejos devem fazer para se manter no padrão hegemônico.

Segundo Leite Jr. (2011), a origem dos discursos sobre as modificações dos corpos, aparecem na antiguidade associada à imagem do andrógino ou do hermafrodita, sendo estes indivíduos que apresentam características do masculino e do feminino no mesmo corpo. A compreensão de corpo se dava associado ao sobrenatural, a um ser com ambiguidade sexual ligada ao mundo espiritual, ao universo dos monstros e das criaturas mágicas.

De acordo com Foucault (2001), o surgimento da figura do monstro está perpassado pelo domínio jurídico-biológico, a imagem do que será a combinação do impossível com o proibido.

O monstro, da Idade Média ao século XVIII de que nos ocupamos, é essencialmente o misto. É o misto de dois reinos, o reino animal e o reino humano: o homem com cabeça de boi, o homem com pés de ave – monstros. É a mistura de duas espécies: o porco com cabeça de carneiro é um monstro. É o misto de dois indivíduos: o que tem duas cabeças e um corpo, o que tem dois corpos e uma cabeça, é um monstro. É o misto de dois sexos: quem é ao mesmo tempo homem e mulher é um monstro [...] Só há monstruosidade onde a desordem da lei natural vem tocar, abalar, inquietar o direito, seja o direito civil, o direito canônico ou o direito religioso (FOUCAULT, 2001, p. 79).

Baseado nos estudos acerca das monstruosidades morais, os estudiosos no século XVIII se preocupavam não em buscar as origens que tornavam aqueles seres monstros, mas formas de anular os seus efeitos na sociedade, através do controle higiênico, tendo como base a moralidade. Tendo em vista que são forjados a partir da desordem da lei natural, estes seres seriam o problema que questionava os saberes médicos e juristas: o ser que se torna uma anomalia, categorizado a partir do defeito, da deformidade que carrega em seu corpo (FOUCAULT, 2001).

O hermafrodita é a encarnação do monstro, o ser da transgressão natural que causa o embaraço da lei: “ele traz consigo a transgressão natural, a mistura das espécies,

o embaralhamento dos limites e dos caracteres” (FOUCAULT, 2001, p. 82). Nesse contexto, o monstro humano irá remeter a sua inadequação às leis naturais e as normas da sociedade.

Afirma Leite Jr. (2011) que, desde a antiguidade até o século XVI, o monstro no ocidente era considerado como sendo uma “maravilha” ou “prodígio”, o qual poderia evocar tanto o medo quanto o riso através de suas formas exageradas e ridículas. A partir da Idade Média, por conta da institucionalização do cristianismo como religião oficial, os seres ambíguos, mágico-religiosos, prodígios tornam-se perigosos, malignos e medonhos, portanto, deviam ser temidos.

Entre os séculos XVI e XVII, os monstros hermafroditas passam a ser não mais perseguidos pela igreja, mas controlados pela ciência, como afirma Foucault (2001, apud LEITE JR., 2011, p. 53):

Segundo o próprio especialista em monstros da época, o médico Ambroise Paré, a partir de agora, os hermafroditas devem escolher um sexo social e viver de acordo com ele: roupas, atitudes, sentimentos, papéis sociais, hierarquias, tudo deve estar em conformidade com o sexo escolhido, sem espaços para a ambiguidade de gênero, sob pena de perseguição, prisão ou mesmo, nos casos em que a definição como homem ou mulher não se mostrava clara e satisfatória, a pena de morte.

Segundo Leite Jr. (2011), até o século XVIII, a figura do hermafrodita apresentava o seu foco não na genitalidade, mas em uma escolha de um sexo social que deveria dar o direcionamento de suas vivências.

Até o século XVIII não havia a preocupação em focar exclusivamente a questão nos genitais de uma pessoa para saber se ela era homem ou mulher. Isso estava – ou deveria estar – explícito em suas roupas, comportamentos e, principalmente, na quantidade de liberdade social de que esta pessoa dispunha. Possuir um pênis ou uma vagina era uma das características, mas não a privilegiada, que formava um todo Homem/masculino ou Mulher/feminino, pois mesmo esta diferenciação entre sexo e gênero ainda não fazia parte do universo conceitual do período e tanto o sexo quanto o gênero formavam uma única expressão do ser (LEITE JR., 2011, p. 62).

O citado autor nos mostra que a questão biológica não era o fator preponderante definidor do ser homem ou mulher, mas as vestimentas e comportamentos que

determinado corpo viesse a se apresentar. Portanto, ter um pênis ou uma vagina não estava no centro de discussão acerca do que deveria prevalecer para classificar o corpo que o designava. A partir do século XVIII em diante passa a vigorar um novo modelo apresentando dois sexos e um gênero específico para cada um.

O hermafrodita torna-se não mais o incômodo de um ser intermediário, mas o impasse de um ser impossível. Não há mais lugar na ciência para alguém com os dois sexos/gêneros, apenas pessoas com um sexo e seu pressuposto gênero correspondente (LEITE JR., 2011, p. 64).

Para o autor, há mudanças de nomenclaturas em relação ao corpo do hermafrodita que passa a ser construído historicamente como o monstro durante a antiguidade, e só a partir do século XIX será classificado como ser anormal; classificação oriunda das ciências médicas e psíquicas.

Para Laqueur (2001, apud LEITE JR., 2011), durante a Antiguidade, até praticamente o século XVII, havia um modelo conceitual sobre o corpo como possuidor de um único sexo, no qual o gênero masculino e feminino estaria ligado a significados que não perpassava pelo biológico, mas pela posição social, pelo seu lugar na cultura. Acreditava-se que a mulher teria os genitais voltados para dentro do corpo, diferentemente do homem que os teria para fora. Como a questão diferencial entre homens e mulheres estava direcionado para questões fisiológica, social e espiritual, tinham como lógica a afirmativa de que se a pessoa nasce com vagina, já sabia que seu corpo não teve forças e calor vital suficiente para empurrar os genitais para fora. Sendo assim, por não haver a presença do pênis, a mulher era considerada o ‘macho invertido’, ‘imperfeito’, porém, apta à procriação, e deveria ficar subordinada na hierarquia social.

O século XIX é o período em que o sexo se torna objeto de estudos de maneira que fosse possível conhecer os corpos, diagnosticá-los e, por conseguinte, controlá-los. Durante o citado século, o hermafrodita torna-se uma nova categoria, embasada nos discursos oriundos da ciência sexual. Surge o pseudo-hermafrodita como um ser que abriga a presença de dois sexos e dois gêneros. Uma entidade conceitual construída a partir de um viés biomédico, no qual os pseudo-hermafroditas “não são mais encarados como sinais divinos ou seres encantados, mas homens ou mulheres “incompletos” em

suas diferenciações, humanos “desviados” de uma “ordem natural”, pessoas “falhas” em sua evolução orgânica” (LEITE JR., 2011, p. 67).

O pseudo-hermafrodita será percebido como uma nova entidade conceitual, filho legítimo da ciência sexual, em que os traços que definem o que é ser homem ou mulher irão ser discutidos a partir da psique, no interior de suas mentes. Não é mais percebido como um prodígio da natureza, mas um desvio desta, um anormal.

Mais uma vez cindido, porque agora um pseudo-hermafrodita, não é mais o fruto de um combate cósmico, de uma união mítica apaixonada e ao mesmo tempo indesejada ou de infrações e regras espirituais, mas sim da medicina oitocentista e das recentes ciências da psique, tornando-se uma categoria clínica específica e distinta. (LEITE JR., 2011, p. 65).

O autor ressalta que as mudanças ocasionadas na identificação dos corpos a partir da ciência sexual se deram no corpo dos indivíduos de maneira que a medicina irá construir maneiras de interpretar os sexos, seja através das cirurgias de correção/adequação criadas desde o século XIX, bem como através da inserção dos profissionais endocrinologistas e psiquiatras para seu acompanhamento. Dessa forma, o “verdadeiro sexo” deveria ser construído cirurgicamente a partir do olhar dos especialistas para adequá-lo ao corpo, evidenciando o sexo predominante.

Nesse contexto, o hermafrodita e o pseudo-hermafrodita vão sendo afastados, dando lugar ao sujeito intersexual. Assim, com o surgimento de novas conotações, intensificam-se as discussões acerca dos limites entre feminilidade e masculinidade como forma de facilitar as classificações realizadas pelos profissionais médicos.

Referindo-se ao travesti, segundo Leite Jr. (2011), no ano de 1910 foi lançado à obra “*Die Transvestiten*” do escritor Magnus Hirschfeld, um renomado médico e psicólogo alemão. Esse livro trouxe pela primeira vez a utilização do termo “travesti” e “travestismo” de maneira a associar ao uso de roupas do sexo oposto.

Em relação à construção do termo travestismo, descoberto por Magnus Hirschfeld, Leite Jr. (2011) afirma que essa descoberta pôde criar uma nova categoria clínica, assim como todos os “ismos” associados à sexualidade, passando a identificar o indivíduo travesti como “uma pessoa (tra)vestida com roupas do sexo oposto por motivações eróticas” (LEITE JR., 2011, p. 119).

De acordo com sua pesquisa, Leite Jr. (2011) associa o travestismo a todas as manifestações que envolvem desde o uso esporádico de roupas do sexo oposto ao uso cotidiano a partir de uma apresentação social costumeira em tais vestes. O autor refere-se ao travestismo como uma gratificação erótica a partir da mudança de vestimentas. Se estes indivíduos não sofrem de distúrbios mentais, deverão ser compreendidos por suas manifestações exteriores através de uma feminilidade que estará sendo expressa na vestimenta.

Vemos dessa forma o nascimento de uma nova categoria clínica e uma personagem, mesmo que não intencionalmente, patologizada: o travestismo e o indivíduo travesti, através da autonomia da questão da troca de vestuário entre os sexos, mas não mais ligado necessariamente à homossexualidade, ao hermafroditismo psíquico ou a alguma forma de paranoia. (LEITE JR., 2011, p. 122).

O autor citado acima afirma que nasce uma nova identidade sexo-patológica reproduzida a partir de seus costumes de troca de vestimentas pelos do sexo oposto, e por mais que não esteja ligada à homossexualidade e ao hermafroditismo psíquico ainda resguarda uma forma de desvio da norma.

Não é à toa que na atualidade o travestismo ainda encontra-se diagnosticado no Código Internacional de Doenças (CID-10) como um “transtorno da identidade sexual”.¹¹ Conforme o CID-10, tanto travestis quanto as transexuais ainda estão classificadas como sujeitos acometidas por uma patologia, a partir da argumentação de que gênero e sexualidade estão diretamente relacionados à questão biológica.

Vale ressaltar que o discurso médico ainda hoje é acionado para legitimar este sujeito, diagnosticando-o como um ser patológico, reiterando a todo o momento que as travestis, e em específico as transexuais, apresentam um desvio, portanto, devem ser acompanhadas pelos saberes médicos como possibilidade de um diagnóstico favorável a sua vivência.

1.2 Construindo o gênero das travestis

¹¹ Disponível em: http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/WebHelp/f60_f69.htm - Acessado em: 27/04/2016.

Em seu livro “Problemas de Gênero”, Butler (2015) desconstrói o conceito de gênero que se baseava em algumas vertentes das feministas, pois, segundo ela, boa parte da teoria feminista utilizava a abordagem binária sexo/gênero partindo da ideia de que o sexo seria natural, biológico e o gênero construído socialmente.

A autora busca questionar as demarcações de sexo/gênero e do sistema binário partindo de questionamentos direcionados a “metafísica da substância”, a qual, embasada em concepções humanistas, estabelece uma pessoa enquanto substância como portadora de vários atributos essenciais e não essenciais. Assim, procede à ilusão de que há uma identidade substancial (BUTLER, 2015).

Dessa forma, as feministas acreditavam que o sexo seria uma substância, portanto, algo natural, e o gênero construído socialmente. O gênero, então, seria determinado previamente dentro das normas sociais.

A ideia de que o gênero é construído sugere certo determinismo de significados de gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo estes corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei natural inexorável. Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna destino (BUTLER, 2015, p. 28-29).

Butler (2015) questiona o caráter imutável do sexo:

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nula. Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (p. 27).

Para Butler (2015), essa discussão é a argumentação mais incisiva para questionar a metafísica da substância. Afirma que o sexo não é natural, algo dado a priori, como se tivesse sempre existido, mas construído discursivamente. Indica Butler que o fato de colocar o sexo num domínio pré-discursivo é uma das estratégias de assegurar a estrutura binária do sexo.

Butler (2015) assevera que o corpo é em si mesmo uma construção no qual só é reconhecido dentro de padrões de inteligibilidade. Ou seja, corpos que “instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (p. 43). Essa coerência sexo/gênero/desejo deve obedecer aos padrões binários delimitados pela heteronormatividade, direcionadas para a heterossexualização do desejo.

Corroborando o conceito de heteronormatividade cunhado por Butler, Milkolci (2009) afirma que a heteronormatividade será construída como mecanismo de controle que se exerce para impor aos corpos a norma.

A heteronormatividade é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. Assim, ela não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade (MISKOLCI, 2009, p. 156-157).

Para o citado autor, a heteronormatividade se exerce regida por mecanismos e dispositivos definidores da heterossexualidade como única forma legítima, natural e superior de expressão identitária e sexual, fazendo com que as práticas sexuais não reprodutivas sejam vistas como crime, doença, imoralidade. É uma ordem social, política e cultural que tem como base a norma heterossexual.

Miskolci (2013, p. 46-47) afirma que, “a heteronormatividade é a ordem sexual do presente, fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo”. A heteronormatividade se impõe por meio de violências simbólicas e físicas dirigidas principalmente a quem rompe as normas de gênero.

Butler (2015), reforçando seu argumento acerca da heteronormatividade, nos indica que a mesma

requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de “macho” e de “fêmea”. A matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” – isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero” [...] Do ponto de vista desse campo, certos tipos de “identidade de gênero” parecem ser falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente por não se conformarem às normas da inteligibilidade cultural (p. 44).

A autora afirma que os corpos que não se enquadram na lógica heteronormativa são classificados como identidades não-inteligíveis, ou seja, não são reconhecidos pela inteligibilidade do gênero.

Um exemplo mencionado por Butler (2015), citando Foucault a partir da introdução aos diários de hermafrodita de Herculine Bardin, do século XIX, é que a crítica genealógica do sexo se dá pela ausência de uma explicação contundente do discurso médico-legal pela heterossexualidade naturalizada, pois Herculine será a impossibilidade de existência de uma identidade. Portanto, será imposto a estabelecer o seu “verdadeiro sexo” como possibilidade de reprodução da lógica hegemônica da heteronormatividade.

Butler (2015) afirma que Herculine não era uma identidade, mas a impossibilidade sexual de uma identidade. Herculine apresentava características de macho e fêmea em seu corpo, não devendo ligar sua existência ao biológico tendo em vista que o sexo é um efeito do ato performado pelo sujeito. Sendo assim, a produção do gênero se dá através de um ato ou uma sequência de atos que está ocorrendo constantemente.

O gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. Consequentemente, o gênero mostra ser performativo no interior do discurso herdado da metafísica da substância – isto é, constituinte da identidade que supostamente é. Nesse sentido, o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra (BUTLER, 2015, p. 56).

A discussão proporcionada por Butler (2015) aborda o gênero como sendo performativo, ou seja, um feito no qual seja fabricado a partir do discurso hegemônico no qual necessariamente não necessita da presença de um ator que anteceda o ato.

Os atos performativos construídos pelo sujeito evidenciam que nem o sexo e nem o gênero provêm de uma essência. Sobre o assunto, ressalta Butler (2015):

Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade (p. 235).

A autora defende que não há natureza humana, um status ontológico que defina o que devemos “ser”, como devemos nos portar, logo, o gênero nada mais é do que uma fabricação. Ora, não há um corpo natural, pois todos os corpos são generificados, portanto, gênero não é algo que somos, é algo que fazemos, por meio de uma sequência de atos. Esse processo se concretiza através da performatividade, que “não é, assim, um ato singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas” (BUTLER, 2001, p. 167).

Para Butler (2001), performatividade de gênero é o que performamos, um devir em contraposição ao ser fixo, estável, de maneira que gênero será a ação que dá existência ao ser que nomeia.

A performatividade deve ser compreendida não como um “ato” singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia [...] as normas regulatórias do “sexo” trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual (BUTLER, 2001, p. 154).

Sendo o sexo construído, se faz necessária sua reafirmação constante através da materialização dos corpos, como possibilidade de marcar o corpo dentro da lógica hegemônica heterossexual. Dessa forma, a repetição ou citação passa a nomear os

corpos a partir de características específicas dos gêneros, que se encontram diretamente ligada à heterossexualidade compulsória.

Butler (2015) afirma que um traço caracterizador da matriz heteronormativa é exatamente a diferenciação dos corpos em dois gêneros: o masculino e o feminino. Caso um determinado corpo venha a possuir um pênis, o mesmo será classificado como possuidor do gênero masculino e o que obtém uma vagina serão atribuídos ao gênero feminino. Atrelada a essa classificação, está embutida a expectativa de que as pessoas se relacionem afetiva e sexualmente com alguém do sexo oposto. Essa é a norma regulatória que ela chama de heterossexualidade compulsória, pois há uma compulsão direcionada para que seja naturalizada a heterossexualidade.

Para a autora em questão, sexo/gênero/desejo irá resultar da combinação entre heterossexualidade compulsória e o falocentrismo, conceitos construídos discursivamente para garantir a naturalização da matriz hegemônica heterossexual.

A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual (BUTLER, 2015, p. 53).

Portanto, o corpo apresenta sua materialização ligada ao gênero de forma binária, de modo que é através dos atos de reiteração e da citacionalidade realizadas pelas regulações do gênero que as normas de sexo/gênero são naturalizadas.

Pensando acerca da reprodução das normas, Butler (2015) defende a possibilidade de disrupção do gênero articulado pela heteronormatividade, sendo o exemplo das travestis, das *drags*, que causam a fissura dessa norma. Através da noção de paródia de gênero, Butler defende a não existência de uma identidade original, pois o fato do gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tenha um status ontológico.

As identidades parodísticas imitam a própria ideia de uma identidade original, como no caso das identidades travestis e *drags* que brincam com a distinção da anatomia performista e o gênero que está sendo performado.

Logo, se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos

corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos de verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável (BUTLER, 2015, p. 236).

Portanto, não há gêneros verdadeiros nem falsos, mas apenas possibilidades de novos gêneros que fogem a ficção reguladora da coerência heterossexual.

Dessa forma, Butler (2015) se utiliza do conceito de abjeção de Kristeva (1980, apud BUTLER, 2015) para classificar os sujeitos que fogem das normas de gênero inteligíveis.

O abjeto designa aquilo que foi expelido do corpo, descartado como excremento, tornado literalmente “outro”. Parece uma expulsão de elementos estranhos, mas é precisamente através dessa expulsão que o estranho se estabelece (BUTLER, 2015, p. 230).

Os sujeitos que escapam as normatizações da heteronormatividade são os abjetos, os que não são inteligíveis, ou seja, que não adquiriram o reconhecimento enquanto humanos, portanto, corpos que se apresentam pela sua ininteligibilidade social.

Corroborando com Butler acerca da abjeção, Miskolci (2013, p. 24) se refere a este conceito como sendo o “espaço a que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que considera uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política” A abjeção, então, “em termos sociais, constitui a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois sua própria existência ameaça uma visão homogênea e estável do que é a comunidade”.

A abjeção torna os sujeitos que não se enquadram nas normas ou convenções de gênero como alvo de punições, injúrias, respaldadas por um padrão hegemônico que engloba a todos. Dessa maneira, Miskolci (2013, p. 44) afirma que a não adequação ao modelo hegemônico irá resultar na experiência da abjeção.

A abjeção deriva do julgamento negativo sobre o desejo homoerótico, mas sobretudo quando ele leva ao rompimento de padrões normativos como a demanda social de que gays e lésbicas sejam “discretos”, leia-se, não pareçam ser gays e lésbicas, ou, ainda, de que não se desloque os gêneros ou se modifique os corpos, o que, frequentemente, torna meninos femininos, meninas masculinas e, sobretudo, travestis e transexuais vítimas de violência [...] Por isso, homens gays que

adotam uma estética masculina e um estilo de vida hegemônico sofrem menos violência e, de certa maneira, até mesmo contribuem para corroborar a heteronormatividade.

Para o citado autor, as padronizações das vivências das sexualidades se pautam no modelo heterossexual. Por esse fator, aqueles que não se enquadram neste modelo são classificados como sujeitos abjetos, anormais, enfim, uma série de atributos negativos como forma de punição por não seguirem a norma hegemônica.

À medida que ultrapassam as normas impostas são considerados uma ameaça ao bom funcionamento, à ordem social e política, são nomeados como sujeitos abjetos.

O abjeto é algo pelo que alguém sente horror ou repulsa como se fosse poluidor ou impuro, a ponto de ser o contato com isso temido como contaminador e nauseante. [...] Quando alguém xinga alguém de algo, por exemplo, quando chama essa pessoa de “sapatão” ou “bicha”, não está apenas dando um “nome” para esse outro, está julgando esta pessoa e a classificando como objeto de nojo. A injúria classifica alguém como “poluidora”, como alguém de quem você quer distância por temer ser contaminado (MISKOLCI, 2013, p. 40).

A abjeção expressa para os que não se enquadram na norma a revelação do que a sociedade não quer ver e/ou nega sua existência como forma de repúdio, de maneira que constitui uma experiência de serem temidos e recusados, ao mesmo tempo em que são relegados, humilhados ao desprezo coletivo; tratadas como ser que não deveria existir, pois sua vivência subverte a ordem estabelecida como sendo coerente.

Butler (2014), em seu trabalho intitulado “Regulações de Gênero”, evidencia a relação entre norma e gênero de maneira a compreender as transformações sociais as quais o gênero está envolto.

À primeira vista, o termo “regulação” parece sugerir a institucionalização do processo pelo qual as pessoas são tornadas normais [...] De fato, muitos dos mais importantes trabalhos sobre estudos feministas e gays/lésbicos concentraram-se nas regulações existentes: legais, militares, psiquiátricas e muitas outras. Os questionamentos postos por esses estudiosos indagavam como o gênero é regulado, como essas regulações foram impostas, e como elas foram incorporadas e vividas pelos sujeitos sobre os quais elas se impuseram. Mas, para que seja regulado, não basta simplesmente que gênero seja pressionado por uma força exterior de regulação. Se gênero existisse antes da sua regulação, poderíamos tomar gênero como tema e proceder à enumeração dos vários tipos de regulações

aos quais ele está submetido e quais são os meios que essa sujeição toma. Para nós, no entanto, o problema é mais sério. Há, afinal um gênero que preexiste a sua regulação, ou é o caso de que, sendo sujeito à regulação, o sujeito generificado emerge, produzido a partir de e por meio dessa forma particular de sujeição? Não é a sujeição o processo pelo qual a regulação produz gênero? (BUTLER, 2014, p. 251).

Para a autora, muitos estudos têm suas discussões centradas nas regulações existentes para com o gênero, nas leis jurídicas, psiquiátricas, etc., mas nenhum deles problematiza de forma genealógica, portanto, sem questionar como as regulações são impostas. Desta forma, Butler (2014) afirma que para o gênero ser uma norma é necessária compreender,

que ele esteja sempre e apenas tenuamente incorporado num ator social específico. A norma governa a inteligibilidade social da ação, mas não é o mesmo que a ação que ela governa. A norma parece ser indiferente às ações que ela governa, e com isso quero dizer apenas que a norma aparenta ter um estatuto e efeito indiferente das ações governadas por ela. A norma governa inteligibilidades, permitindo que determinadas práticas e ações sejam reconhecidas como tais, impondo uma grelha de legibilidade sobre o social e definindo os parâmetros do que será e do que não será reconhecido como domínio do social. A questão acerca do que estará excluído da norma estabelece um paradoxo, pois se a norma confere inteligibilidade do campo social e normatiza esse campo para nós, então estar fora da norma é continuar, em certo sentido, a ser definido em relação a ela. Não ser totalmente masculino ou não ser totalmente feminino é continuar sendo entendido exclusivamente em termos de uma relação a “totalmente masculino” e “totalmente feminino” (p. 252-253).

Butler afirma que o gênero, como norma, não deve ser direcionado apenas para a existência do masculino e do feminino, mas deve buscar perceber que tais visões de feminilidade e masculinidade se fazem presentes como forma de um processo normativo. Dessa forma, “na medida em que as normas de gênero são reproduzidas, elas são invocadas e citadas por práticas corporais que também tem a capacidade de alterar normas durante sua citação” (BUTLER, 2014, p. 267).

Gênero não é exatamente o que alguém “é” nem é precisamente o que alguém “tem”. Gênero é o aparato pelo qual a produção e a normalização do masculino e do feminino se manifestam junto com as formas intersticiais, hormonais, cromossômicas, físicas e performativas que o gênero assume [...] Gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e

naturalizadas, mas gênero pode muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados [...] Quer estejamos nos referindo à “confusão de gênero”, “mistura de gêneros”, “transgêneros” ou “crossgêneros”, já estamos sugerindo que gênero se move além do binarismo naturalizado (BUTLER, 2014, p. 253-254).

A autora acima vem dialogando acerca da noção de gênero e sua expressão normativa, em que o poder da norma passa a delimitar a definição do gênero, mas ao mesmo tempo em que reproduz também desnaturaliza o binarismo homem/mulher, masculino/feminino. Logo, se faz necessário pensar o gênero a partir da fuga da noção de gênero, pois as identidades não inteligíveis têm o caráter de contestar o binarismo.

As pessoas são reguladas pelo gênero e que esse tipo de regulação opera como condição de inteligibilidade cultural para qualquer pessoa. Desviar-se da norma de gênero é produzir o aberrante exemplo que os poderes regulatórios (médico, psiquiátrico, e legal apenas para nomear alguns) podem rapidamente explorar para alavancar a racionalidade de seu próprio zelo regulador continuado (BUTLER, 2014, p. 267).

Para a autora, a partir da reprodução das normas cria-se o status de desviante da norma, de aberração, para os sujeitos que não se enquadram no processo de normatização.

As travestis estão situadas na fronteira entre o masculino e o feminino, portanto, são indivíduos contestadores da ordem heterossexual hegemônica. Essa contestação se dá a partir da experiência de seu corpo no mundo, em que a busca de uma estética corporal feminina irá ser um fator determinante na construção de sua identificação enquanto travesti.

Vale (2005) refere-se à experiência travesti como uma transgressão de fronteiras, em que se dá uma passagem de um limite estabelecido para o sujeito do sexo masculino até chegar do outro lado, assumindo uma forma feminina. Sendo assim, o autor nos faz pensar nas mudanças que fazem as pessoas travestis percorrer o alcance de transformações corpóreas.

Para além da mera inversão vestimentária, a experiência travesti e transgênero faz ver que o feminino e o masculino remetem às normas estabelecidas, aos valores, aos símbolos, às representações, mas ela joga com essas normas, desviando os signos que lhes são

correspondentes: identificação ao *ethos* do outro signo, derrisão por sua caricatura, erotismo da ambiguidade, subversão das relações estabelecidas entre os sexos (VALE, 2005, p. 14).¹²

Ele aborda a questão da vestimenta como sendo um elemento fundamental na definição de identidades das travestis, ou seja: o sentimento de pertencimento ao gênero feminino, ao mesmo tempo em que borra as normas, desviando dos signos que lhes são correspondentes, ressalta a existência de corpos que ultrapassam as fronteiras do que está posto para ambos os sexos.

Para Vale (2005), o travestismo se torna transgressivo por dois motivos: primeiro por contradizer a lei bíblica e segundo por exercer a travessia de uma fronteira. Para o autor, a transgressão se legitima a partir da visibilidade que o corpo passa a tomar com as transformações realizadas, acionando o que o autor chama de “processo de feminilização”: um processo de aprendizado de si que tem início a partir do uso de hormônios, silicone e próteses.

Na busca pela imagem ligada ao feminino, as travestis apostam nas transformações corporais. Vale (2005) faz uma analogia em relação às travestis e aos negros, a partir da visibilidade de como ambos são percebidos pela sociedade. Assim como os negros são percebidos como tal pela cor de sua pele, as travestis irão ser visibilizadas pelas mudanças corporais.

A injúria em relação a travestis e transgêneros se aproxima da injúria racista. Ser negro ou ser travesti ou transgênero (dependendo da eficácia visual da transformação) designam “estigmas” visíveis. Se nos negros esse preconceito já existe desde o nascimento, nas pessoas transgêneros ele tem lugar no momento em que os primeiros traços de efeminamento aparecem (VALE, 2005, p. 158).

Portanto, se faz necessário reconhecer que para a maioria da sociedade as pessoas negras são reconhecidas conforme a natureza, amparadas no biológico, diferentemente das travestis que apresentam suas transformações contra o natural, construído socialmente. O fator de associar os negros à natureza não garante que haja uma diminuição da discriminação das pessoas por questão de raça, mas quando

¹² Para Vale (2005), o travesti é um sujeito anatomicamente do sexo masculino a representar uma mulher-signo de uma feminilidade fatal, ritualizando assim uma mulher “idealizada” e “estereotipada”. Já os transgêneros são considerados como um termo que engloba diferentes variações de gênero, dentre elas: drag-queens e transexuais.

comparada a aceitação das pessoas travestis é um fator de difícil reconhecimento, já que as mesmas são percebidas como desvios dentro da lógica heteronormativa. Dessa forma, as travestis serão vistas como sujeitos que vão contra a natureza, que fogem da lógica da normalidade.

Nesse contexto, está envolto a discussão do conceito de normalidade, no qual Miskolci (2002/2003) defende que as travestis passam a ser percebidas como sujeitos desviantes, que subvertem as normas societárias. Assim, ao serem classificadas como anormais, desviantes, o citado autor parte da ideia que há uma normalidade que visa atender a uma moral concebida por determinados valores de uma sociedade, em determinada época; um “modelo” de cidadão referendado nas características do ser heterossexual e burguês, assentado no princípio de qualificação e correção daqueles/as que não se enquadram em tais características.

O processo de normalização se dá baseado num modelo hegemônico que é o heterossexual familiar burguês, de modo que as práticas e formas de existência serão tomadas como única possibilidade do que é “correto” para a reprodução societária. Portanto, estabelece as condições do que é ser “normal” e “anormal” para os sujeitos.

Assim, os anormais representam o poder de resistência à normalização, extrapolando a ordem vigente à medida que fogem deste processo de normalização que tem como função disciplinar os sujeitos para a reprodução da ordem social. Dessa forma, o anormal nada mais é do que um sujeito que apresenta um estilo de vida diferenciado do projeto burguês e heteronormativo, sendo considerado um desvio das normas padronizadas para a sociedade ocidental.

Miskolci (2013, p. 15) aponta para a grande incidência de “gays e lésbicas normalizados que aderem a um padrão heterossexual”, demarcando como essas pessoas não estão imunes aos padrões culturais, se tornando agentes da heteronormatividade. Para o autor, os próprios excluídos introjetaram esta norma como forma de vivenciarem suas sexualidades.

Tais práticas encontram lugar inclusive no meio LGBT, através de processos de regulação e controle das práticas sexuais, não no sentido de se tornarem heterossexuais, mas de viverem a partir de um modelo coerente baseado na heterossexualidade, legitimando preconceitos quanto os próprios LGBT e inclusive em relação às travestis por terem nascido homens e reafirmarem querer ser mulheres.

Esse discurso é muito reproduzido no meio LGBT de forma que afasta as travestis da convivência com os/as que deveriam unir forças contra o preconceito, mas que acabam reproduzindo um discurso de aversão aos próprios LGBT. Criminalizam os afeminados, afirmando que para ser homoafetivo não é necessário que aja de forma feminina, pois isto só aumenta o ódio dos héteros em relação aos mesmos.

Desta forma, as travestis ao serem performatizadas como a junção em um só corpo de traços de identidade dos dois gêneros, tornam-se corpos abjetos. Portanto, sujeitos que não se conformam ao modelo hegemônico e que não deveriam existir, corpos desfeitos, indesejados, cuja exclusão serve para legitimar a construção do gênero que institui as sexualidades desviantes, aquelas que fogem das normas impostas pelo social.

1.3 Feminilidades e os corpos em TRANSitos

Um dos marcadores para a construção da identidade travesti é a produção estética de seus corpos, embora esta produção esteja baseada numa cultura ocidental que reproduz a normalização dos costumes burgueses, brancos e heterossexista.

Para Peres (2011), o corpo é em si mesmo uma construção formatada a partir de uma produção sócio-histórica, cultural e política. Essa produção faz parte de um processo no qual o corpo estará perpassado por permanente mudança de acordo com variantes econômicos, de tempo, espaços, etc.

O corpo não pode ser tomado como algo terminado, mas como uma materialidade provisória, mutante e mutável, vulnerável às mais diversas formas de intervenção, sejam elas, científicas, tecnológicas e/ou eclesiásticas, sejam elas transgressivas e/ou marginais, políticas e/ou culturais, clarificando que o corpo não é universal e absoluto, mas plástico, flexível e relacional, portanto, produzido através de sua socialização e coletividade (PERES, 2011, p. 71).

Para o autor, o corpo é tomado em seu processo histórico de mudanças, o qual ocorre através das tecnologias de produção do gênero que tentam normatizar os relacionamentos.

O corpo é o resultado dos acontecimentos e como tal é atravessado por valores, sentidos e discursos que se materializam e determinam o seu modo de relação e funcionamento, de acordo com as leis, contratos e instituições que regem o contexto pela qual o mesmo é produzido (PERES, 2011, p. 75).

Segundo Peres, a materialização do corpo se dá através de modos de ser e de se comportar, tendo como principais partícipes o Estado, a igreja, a família, o direito, a medicina, etc., como instituições reguladoras da norma.

Nesse processo, Peres (2011) afirma que através das mudanças os corpos das travestis possibilitam pensar suas transformações à estética corporal para adquirir a feminilização de seus corpos. É através da construção dos corpos que as travestis podem realizar-se enquanto pessoas que se identificam pela estética feminina.

Benedetti (2005) reforça a reflexão acerca da corporalidade como produtora dos sujeitos travestis:

O corpo das travestis é, sobretudo, uma linguagem: é no corpo e por meio dele que os significados do feminino e do masculino se concretizam e conferem à pessoa suas qualidades sociais. É no corpo que as travestis se produzem enquanto sujeitos (BENEDETTI, 2005, p. 11).

É através do processo de transformação dos corpos que as travestis buscam visibilizar atributos associados à figura do feminino, através da utilização de hormônios, silicões ou meramente a questão do uso de vestimentas. Neste processo de construção, visualizam o sentimento de pertencimento ao gênero feminino, em detrimento de características masculinas, estas tendo que serem escondidas ou anuladas a partir de arranjos e desarranjos dos seus lugares sociais.

Benedetti (2005) aborda sobre os processos criados e experimentados pelas travestis para levar a cabo o projeto de ser feminina: deixam seus cabelos crescer, usam unhas compridas, utilizam maquiagem, principalmente para esconder os pelos da barba, utilizam hormônios ou fazem uso de silicone para obterem um corpo mais arredondado, de forma a aparentar curvas mais femininas.

Entre os fatores de mudanças que as travestis utilizam para a obtenção da construção do corpo feminino, segundo Benedetti (2005), os pelos da barba são

considerados um dos signos que mais representa empecilho para a obtenção da feminilidade.

Os pelos, portanto, são considerados um obstáculo constante na fabricação/construção do corpo travesti. As travestis lutam cotidianamente contra a proliferação dos pelos no corpo, especialmente os da barba – pois o rosto, sendo a apresentação da pessoa, é a parte do corpo que, segundo o ponto de vista nativo, deve dar a ver o maior número possível de atributos femininos (BENEDETTI, 2005, p. 58).

Ainda, segundo Benedetti (2005), para as travestis, a retirada dos pelos indesejáveis é parte significativa do processo de feminilização, em especial os do chuchu¹³ localizados no rosto. Assim, são várias as técnicas que elas utilizam para se livrarem dos mesmos, entre estas: a pinça, aparelhos de barbear comuns, cera facial, ou mesmo através da eletrólise que é um aparelho que elimina os pelos pela raiz, matando-o pela descarga elétrica emitida.

A utilização de hormônios ingeridos ou injetados pelas travestis faz com que tenham poucos pelos no corpo. Segundo Benedetti (2005, p. 61), “depois de dois meses de tratamento hormonal, já se pode observar uma diminuição na quantidade e na espessura dos fios. Os pelos do tórax e das pernas nascem em menor quantidade, e a barba fica mais rala e fina”.

O autor acima citado nos traz dados acerca das indicações dos efeitos dos hormônios nos corpos das travestis:

Os principais efeitos dos hormônios no organismo, segundo as travestis, são as modificações das formas corporais, como o desenvolvimento dos seios, arredondamento e suavização dos joelhos, pernas, quadril e braços; redistribuição uniforme da gordura por todo o corpo [...] as travestis relatam também uma diminuição do tamanho do pênis e dos testículos. Além dos efeitos fisiológicos, as informantes acreditam que os hormônios também exercem influência nos modos de ser, de andar, de falar, de pensar, de sentir. O hormônio é concebido como o veículo do feminino, como se o medicamento suprisse o corpo de algo que lhe estava faltando, como se estivesse corrigindo “um erro da natureza” (BENEDETTI, 2005, p. 76-77).

¹³ Forma como as travestis chamam a barba, talvez pelo aspecto espinhento do legume, ao qual um rosto barbudo se assemelha (BENEDETTI, 2005).

Nesse processo de transformação corporal, o hormônio se faz necessário para que forneça características que serão atribuídas ao feminino. Não só as mudanças do corpo em si, mas toda uma gama de gestos e comportamentos que os mesmos podem desenvolver no físico e psicológico das travestis.

Em relação à transformação de seus corpos, das cinco travestis entrevistadas, apenas uma delas havia utilizado silicone e as demais só tomavam/tomam hormônio e malham como possibilidade de fazer com que a musculatura evidencie uma feminilidade com corpos arredondados e definidos.

Selena que vivencia sua performatividade de gênero feminina 24 horas, nos informou ser hormonizada, ter virado travesti há oito anos, porém há cinco meses estava exercendo a prostituição. Em seu relato sobre a transformação de seu corpo, evidencia que:

Meu corpo em si é a questão da musculação que acabou melhorando e o peito hormônio. Eu tomo hormônio e desenvolveu bem, acentuou bem e eu gosto do meu corpo. Eu não coloquei silicone por que tenho medo, por que tem muito perigo, né, assim, muito risco depois. Por que, assim, quando você faz, que é nova, dá tudo certo. Já depois de um tempo, né, aí, eu penso também na velhice. Talvez eu não tenha quem cuide de mim e aí (Selena, entrevista concedida em 18/05/2016).

Para Selena, a musculação molda seu corpo da forma desejada, atrelada a utilização dos hormônios. Afirmo não ter utilizado o silicone por medo, pois sabe os riscos que tal procedimento pode acarretar para as travestis. Sua preocupação está embasada diretamente nas discriminações e preconceitos sofridos diariamente, pois na ausência de relações afetivas mais sólidas, em caso de doença não contará com o apoio da família, como irmãos e outros parentes.

Outro caso do uso dos hormônios fora relatado por Elis Regina, que nos informou ser hormonizada, ter assumido sua travestilidade aos 12 anos de idade e exercer a prostituição há 12 anos. Informou, ainda, que não usou silicone. Para Elis Regina, que vivencia sua performatividade de gênero feminina 24 horas por dia, seu corpo está apresentando características bem femininas, pois a mesma afirmou ter iniciado o uso de hormônios femininos muito jovem.

Desde os doze anos de idade que eu tomo hormônio, tenho o meu corpo acho que bem feminino. Os hormônios transformaram meu corpo da forma que eu queria. Eu tô sempre tomando meus hormônios senão eu fico estranha e meu corpo fica diferente. Eu gosto de meu corpo, só não gosto de meus ombros, sei lá, acho meio grande (Elis Regina, entrevista concedida em 09/07/2016).

De acordo com a construção corporal referenciada pelas travestis pesquisadas por Benedetti (2005, p. 73), o uso dos hormônios propicia o corpo roliço com formas arredondadas como atributos ligados ao feminino, de modo que “os seios se desenvolvem, a silhueta se arredonda”, fazendo com que as travestis percebam as formas construídas a partir de uma imagem feminina.

Benedetti (2005, p. 74) afirma que “os medicamentos para tratamentos hormonais (normalmente indicados como métodos contraceptivos ou para reposição hormonal na menopausa feminina) são utilizados pelas travestis brasileiras há aproximadamente trinta anos”. Os hormônios são os responsáveis pelas mudanças corporais tão almejadas pelas travestis. Seus efeitos no corpo bloqueiam a testosterona, hormônio masculino que atribui características, tais como: força, massa muscular, ombros largos, etc., ao gênero masculino. Portanto, são essas características que as travestis buscam inibir em seus corpos.

A travesti Edith Piaf afirmou ser hormonizada, ter virado travesti após os 18 anos de idade e estar exercendo a prostituição há oito anos. Para ela, só a utilização dos hormônios e a musculação, assim como Selena, foram essenciais para a transformação de seu corpo.

Eu só, até agora, eu não fiz nada. Só mesmo eu faço, eu gosto de fazer academia e só tomar hormônio feminino, essas coisas, cabelo longo. Pra vista do que eu era, que eu me montava, usava peruca e hoje em dia eu sou uma pessoa, assim, que eu não gosto mais, sou diretamente já, completamente de mulher 24 horas (Edith Piaf, entrevista realizada em 09/07/2016).

Para Edith Piaf, comenta que somente com o uso dos hormônios e da musculação, percebe as mudanças ocorridas no seu corpo. Ela ressalta a diferenciação quando utilizava peruca, por não ter os cabelos longos e só se montar, diferentemente da atualidade quando ela se percebe como mulher 24 horas do dia.

Nesse processo de construção do corpo da travesti, Bento (2006) afirma que o uso contínuo dos hormônios, próteses e cirurgias plásticas revelam justamente o caráter

inconcluso do processo de construção dos corpos em gênero. Para a autora, ser homem ou mulher perpassa por um trabalho em permanente construção, uma vez que não existe uma essência interior de um corpo determinado pelo biológico.

Segundo Bento (2006, p. 162), a estética aparece como um indicador de masculinidade e feminilidade. Os sujeitos que ultrapassam as fronteiras do masculino e do feminino estão inseridos num processo de mudanças que se dá através da vestimenta, dos acessórios, transformações corporais, de modo que, “se o corpo é plástico, manipulável, operável, transformável, o que irá estabilizá-lo é a sua aparência de gênero”.

No processo de mudanças da estética corporal por parte das travestis, há a preocupação com os problemas em decorrência da utilização dos hormônios. Edith Piaf menciona que está com pressão alta por causa da utilização dos hormônios. Questionei-a acerca de um acompanhamento médico para tentar sanar o problema que adquiriu. Ela informou o seguinte:

Eu já fiz [pausa] algumas vezes, mas eu não fui mais não, deu tudo ótimo então. Mas assim, me recomendaram pra eu não tomar o hormônio, por que eu tô com problema de pressão e ele falou que foi o hormônio. Ai, hoje em dia, eu tô com problema de pressão, minha pressão é alta direto, aí ele falou que foi devido aos hormônios que eu tomei. Aí eu parei, tomei mais não (Edith Piaf, entrevista concedida em 09/07/2016 – grifos meu).

É importante mencionar os efeitos colaterais do uso excessivo de hormônios nos corpos de algumas travestis. Benedetti (2005, p. 78) afirma que os principais problemas enfrentados pelas travestis em seus corpos são:

inchaço nas pernas e pés (especialmente no verão); retenção de água pelo organismo; diminuição do apetite sexual e da possibilidade de ereção; aumento do apetite; propensão a varizes; preguiça; apatia; pouca disposição física. Os hormônios também fazem com que as pessoas fiquem, segundo as travestis, mais irritadas, atacadas, enjoadas, além de afinar o sangue.

Os efeitos apresentados por Benedetti (2005) nos trazem como reflexão o quanto é essencial um acompanhamento de um profissional endocrinologista pelas travestis hormonizadas para que possa acompanhar as dosagens hormonais.

Em relação aos efeitos causados pelos hormônios, Carmen Miranda, que permanece no trânsito entre o masculino e o feminino através da estratégia da montagem e exerce a prostituição há seis meses, afirma que atualmente usa hormônios raramente, em função das sequelas que este medicamento acarreta na sua vida sexual.

Eu apenas tomei hormônio por um certo tempo, mas hoje em dia como estou de mulher só à noite para ir me prostituir aí dei uma paradinha né, por que você sabe que não sobe a neça e os homens querem que a gente seja ativa com eles né. Hoje em dia eu tomo de vez enquanto os hormônios só para moldar um pouco o meu corpo, mas não direto né, senão fico sem os clientes (Carmen Miranda, entrevista concedida em 24/07/2016).

Carmen Miranda relatou que havia tomado hormônios por um determinado tempo, mas que no momento não toma por que está trabalhando como prostituta, portanto, há impossibilidade de conseguir ereção, tendo em vista que o pênis no exercício da prostituição faz parte de um instrumento de trabalho e as travestis precisam do mesmo ereto em muitos de seus programas para satisfazer sua clientela.

Em uma pesquisa acerca de travestis e seus clientes, Pelúcio (2009a, p. 74) descreveu o seguinte:

É na genitália que se encontra boa carga do erotismo que envolve o sexo entre homens e travestis. Eu disse “boa carga”, pois não é só um pênis o que esses homens buscam nas travestis, mas um certo tipo de feminino associado à passividade e à dominação. Num jogo que pode ser revertido e invertido durante a relação, mas que quase nunca revelado quando esses homens trocam informações entre si.

Para a referida autora, boa carga do erotismo nas relações entre travestis e homens perpassa pela presença do pênis no corpo associado ao feminino. Contudo, ela destaca as inversões de atividade durante a prática sexual na definição da posição do dominador ativo ou dominado passivo. Nesse contexto, a presença do pênis ereto se faz necessário durante a realização dos programas, o que justifica o cuidado de Carmen Miranda com o uso de hormônios.

Vale ressaltar que, em muitos casos, o hormônio não faz o efeito desejado, principalmente nas travestis que iniciam o tratamento hormonal em idade avançada. O ideal para iniciar a utilização dos hormônios é entre os doze e dezoito anos de idade, período em que a pessoa está desenvolvendo seu corpo, pois ao utilizar os

antiandrógenos, que são os hormônios bloqueadores da testosterona no organismo, se faz necessário ingeri-lo o mais cedo possível como tentativa de evitar que o corpo adquira as formas masculinas.

Outra técnica utilizada para a transformação do corpo é a aplicação de silicone. É comum a sua utilização para aprimorar os resultados já obtidos com o uso dos hormônios, mas, acima de tudo, sua eficácia é comprovada pela visibilidade rápida que o mesmo proporciona logo após a realização do procedimento. Benedetti (2005) afirma que a aplicação do silicone se dá em qualquer parte do corpo: pernas, joelhos, coxas, quadris, nádegas, seios, boca, etc. Para conseguir o corpo almejado, é necessária a utilização do silicone, seja o cirúrgico, que é o mais indicado, porém é muito caro, ou o silicone industrial, que é mais acessível economicamente, mas perigoso para a saúde.

Whitney Houston foi à única entrevistada que informou ser hormonizada e siliconizada. A mesma assumiu ter virado travesti aos 18 anos após sua iniciação na prostituição. Exerce a prostituição há 17 anos. Em relação às transformações que já havia realizado em seu corpo, relatou:

No peito eu tenho prótese de quatrocentos [ml] e no bumbum eu coloquei uns quatro litros de silicone espalhado quadril e bunda e na perna eu tenho um litro em cada lado. Então eu fechei em cinco litros no corpo. Geralmente travesti tem mais silicone né, eu coloquei só seis litros, só. Geralmente tem travesti com doze, com quinze, tem travesti até com trinta litros de silicone (Whitney Houston, entrevista concedida em 22/01/2016 – grifos meu).

Para Whitney Houston, ser travesti está perpassada pelos procedimentos de transformações corporais realizados por ela. Mesmo seu corpo evidenciando ser avantajado, bunda enorme, quadril arredondado, Whitney Houston, em seu discurso, se mostrou menos siliconizada do que outras que investiram mais na transformação do corpo.

O silicone é um produto que detém um valor simbólico alto no meio das travestis, tendo em vista o custo financeiro que elas pagam pelo ato de ‘bombar’. Dessa forma, nem todas as travestis tem condições econômicas de pagar pela aplicação do silicone cirúrgico em seus corpos. Desse modo, passam a recorrer às aplicações do silicone industrial, mais em conta, sem perceberem os riscos que estão sujeitas.

Hoenisch e Pacheco (2012), em pesquisa realizada em 2010, na cidade de Feira de Santana – Bahia, com quatro travestis que não se prostituíam, procuraram problematizar as feminilidades postas pelas travestis. Tais travestis apresentavam performances muito próximas da tipificação da mulher “discreta”, sem extravagância, maquiagens e nas formas corporais. Essa discrição era justificada em seus discursos da seguinte maneira: “mulheres “de verdade” não andam por aí maquiadas e super produzidas” (HOENISCH; PACHECO, 2012, p. 85).

Segundo os autores acima citados, para as quatro travestis entrevistadas, o exagero na transformação do corpo não passa de uma caricatura da mulher e está diretamente associado a travestis que se prostituem. Elas referenciam um ideal de mulher comum, que pode ser encontrado em qualquer lugar sem chamar atenção, referendando uma imagem de “travesti de família”. Os discursos apresentados pelas travestis apresentam uma visão conservadora proferida contra as travestis que se prostituem, como se os preconceitos e discriminações existentes contra as travestis de forma geral fossem em decorrência das que estão exercendo a prostituição.

Hoenisch e Pacheco (2012, p. 85) ressaltam uma nova representação da feminilidade no campo da travestilidade: não mais o exagero do corpo arredondado, robusto, mas um corpo menos visibilizado, mais discreto.

Habitualmente, a mulher que a literatura apresenta como o desejo da travesti é a “cover girl”,¹⁴ uma mulher de excessos, vamp, saltos altíssimos e roupas muito curtas. Enfim, uma representação sumamente sexual-erotizada de uma mulher poucas vezes encarnada pelas “mulheres da vida cotidiana” [...] A feminilidade é feita de discrição e docilidade. Mais afeita aos saltos baixos e às roupas discretas, [...].

Os autores citados nos trazem uma visão de feminilidade construída pelas travestis, que não se prostituem, a partir de uma mulher “normal”, sem exageros, considerada como sendo uma “mulher de verdade”. Em contrapartida, as travestis de rua são percebidas pelos seus excessos, saltos altos e roupas ousadas, características que as identificam como mulheres erotizadas. Para elas, a feminilidade está na forma dócil de se portar e na discrição, fatores que as diferenciam das travestis que se prostituem.

¹⁴ Mulher fatal envolta em roupas sumárias e com saltos altos (HOENISCH e PACHECO, 2012, p. 85).

Nesse contexto, as travestis apresentadas por Hoenisch e Pacheco (2012) se recusam a utilizar silicone, pois, para elas, o silicone irá construir uma mulher que não existe, diferentemente das mulheres biológicas, pois para elas o uso dos hormônios em altas dosagens já produz os efeitos feminilizantes desejados por elas.

Benedetti (2005), tratando acerca do silicone industrial utilizado pela maioria das travestis, detalha:

O silicone que será utilizado deve ser esterilizado pela bombadeira,¹⁵ que o deixa repousar por uns três dias no congelador. Algumas agulhas e seringas utilizadas são fabricadas para uso veterinário: têm maior capacidade e as agulhas são mais grossas. As sessões podem levar várias horas e requerem muita paciência e coragem, porque tudo é feito sem anestesia (esta é vista como uma prática perigosa, que deve ser realizada sempre por médicos). Normalmente a bombadeira traça uma linha sobre a região do corpo a ser modelada e então coloca um número X de seringas sobre aquela linha. Uma vez instaladas as seringas, ela somente desenrosca a agulha, enche novamente o êmbolo com silicone, adapta-o à agulha e segue injetando o produto. A bombadeira vai aplicando o silicone pouco a pouco modelando a forma desejada, às vezes com o auxílio de toalhas quentes, que colaboram na massagem que espalha o óleo pela região do corpo, produzindo então a curva tão sonhada (BENEDETTI, 2005, p. 83-84).

O procedimento realizado pela bombadeira é muito perigoso: primeiro, pelo fato de ser utilizado sem a aplicação de anestésias para amenizar as dores; segundo, pelos cuidados que devem ter, pois sem haver repouso por parte das travestis o silicone aplicado pode descer para as pernas e pés. Após a realização do procedimento da aplicação do silicone, faz-se necessário não usarem salto por um determinado tempo, não ficarem muito tempo em pé para que o silicone enrijeça e não acarrete em riscos de se deslocar pelo corpo de forma a deformá-lo.

Neste processo de mudanças que as travestis realizam em seus corpos como forma de assemelhar-se ao feminino, o “ser” travesti está envolto numa busca constante pelas transformações corporais na construção da sua travestilidade.

Para Pelúcio (2005), a busca pela construção permanente de seus corpos se torna um constante devir. Logo

¹⁵ Termo utilizado para designar quem realiza o processo de “bombar” o corpo, ou seja, aplicar o silicone industrial.

ser travesti é um processo, nunca se encerra. Construir um corpo e cuidar deste é uma das maiores preocupações das travestis. Estão sempre buscando o que elas chamam de “perfeição”, o que significa “passar por mulher”. Não por qualquer mulher, mas por uma bonita e desejável (p. 98).

A produção corporal das travestis está embasada na construção geralmente de uma mulher branca, burguesa, com um bumbum avantajado, típico do padrão da mulher brasileira que a mídia reproduz. Aquela que, por onde passa, chama atenção dos homens ao seu redor (PELÚCIO, 2005).

Esse padrão é internalizado pelas travestis em forma de desejo, com o intuito de alcançarem o padrão corporal das mulheres na sociedade ocidental. Pelúcio (2005, p. 103) relata que “o desejo de ter um corpo se sobrepõe aos riscos implicados nesta construção”. Na ânsia pela transformação corporal, as travestis só conseguem enxergar o resultado e não o processo percorrido, principalmente pelo fato da saúde poder estar em risco nos casos em que há rejeição do silicone, podendo levar ao óbito.

Faz-se necessário perceber que não são todas as travestis que utilizam silicone ou que tomam hormônios. Duque (2011) afirma existir novas identificações dos sujeitos que se sentem travestis sem que haja necessariamente a realização de mudanças corporais. Para o autor, adquirir uma feminilidade está para além do uso de hormônios e aplicação de silicone. O autor considera o processo de construção e desconstrução dos corpos, refletindo acerca da fluidez dos corpos em trânsitos.

O trânsito realizado pelos sujeitos ao se deslocarem de uma identidade gay a outra travesti se dá a partir do ato da montagem e desmontagem, de modo que manipulam identidades sociais de forma estratégica. Montagens como estratégias de vivenciarem sua feminilidade sem que sejam alvos de violências. Logo, ao se montarem, procuram exclusivamente locais em que as travestis possam frequentar sem que sejam vítimas de preconceitos e discriminações. Dessa forma, as estratégias do montar-se e desmontar-se favorecem o seu trânsito nos espaços, sejam eles gays ou hétero.

Nos “espaços gays”, alguns dos adolescentes entrevistados vão desmontados, acreditando que terão mais chances de encontrar parceiros. Porém, nos “espaços hétero”, há um investimento na montagem, sabendo que podem encontrar o que procuram devido à sua feminilidade particular. Estes espaços não são fixamente

delimitados e os trânsitos neles não deixam de ser mistos, no que se refere aos desejos de homens gays ou de homens héteros (DUQUE, 2011, 101).

O autor citado aborda acerca dos lugares e os não lugares em que é satisfatório o ato de se montar, de maneira que favoreça as relações sexuais e ou afetivas na vida das travestis. Espaços estes em que as travestis possam estabelecer seus trânsitos sem ter que se preocupar com as consequências que podem vir a lhes acontecer, como forma de encontrar aceitação e reconhecimento nos mesmos.

É importante a discussão trazida por Duque (2011) pelo fato de abordar a construção de novas travestilidades como possibilidade de autoafirmação identitária de que não só é travesti aquela que se encontra 24 horas por dia vestida com roupas atribuídas para ao feminino. Portanto, o autor em questão traz à tona as formatações identitárias das pessoas que se sentem travesti, sem necessariamente terem que se hormonizar/siliconizar como forma de serem reconhecidas como mulher a partir do processo de mudanças em seus corpos.

Abordando acerca da multiplicidade das experiências travestis Duque (2011, p. 160) assevera:

Evidentemente, há especificidades históricas e culturais que permitem aos adolescentes viverem experiências de uma maneira que outros não viverão, mas não há nada capaz de ser visto como essencial quando tratamos de sexualidade, gênero e subjetividade. A montagem e a desmontagem do feminino destes sujeitos nos dizem muito sobre o que rege a nossa sociabilidade, mas podem não ser originárias das mesmas regras e valores sociais. A estratégia de saber, ou procurar saber, onde se pode ir montada ou desmontada, sem “perder a identidade travesti”, mas ganhando outras, como a de gay e a de drag, mostra o potencial de resistência (assim como, às vezes, de acordo) que o desejo aciona nestes sujeitos, transformando-os de acordo com as circunstâncias.

Baseando-se nessa nova conjuntura em que são permitidas novas experiências ligadas ao feminino de forma momentânea, fica evidente que as travestis podem vivenciar quantas formas identitárias forem necessárias e possíveis, de modo que o tornar-se travesti está pautado na montagem como uma estratégia de sobrevivência, reproduzindo, assim, novos padrões de gênero.

É importante denotar que, para as travestis, o corpo traz para si felicidade, em específico durante o processo de transformação/montagem que irá levar a uma realização pessoal e aceitação por parte de cada uma delas.

1.4 Travestilidade e seus significados

Estarei abordando neste sub-tópico o que as interlocutoras colocavam acerca de suas subjetividades, suas compreensões do que elas são e o que representam na sociedade ocidental, de modo a dialogar qual a compreensão da travestilidade e seus processos de construções corporais.

Foi perguntada a cada uma das entrevistadas o que seria ser travesti? Qual o sentimento lhes possibilitava perceber estar vivenciando a travestilidade? É importante mencionar que falar de si não foi algo fácil para elas, pois assim que lhes perguntava havia uma pausa para tentarem se colocar.

Desse modo, Whitney Houston afirmou que ser travesti seria uma forma de liberação do que era anterior ao que vivenciara atualmente.

Ser travesti pra mim é, pra mim eu, pra mim é uma liberação. Por que quando eu era logo no começo quando eu tinha 14, 15 anos, eu não me sentia bem da maneira que eu me vestia, não me sentia bem da maneira que eu vivia. Ai, com dois anos, depois dos 14 anos acho que com 17 anos mais ou menos eu peguei e virei travesti. Então, travesti pra mim é eu me liberei, eu hoje sou o que eu sou, hoje eu gosto do que sou. Não sei se respondi a pergunta bem certa, mas travesti pra mim é liberação. Pra mim eu me liberei, não vou dizer que é coisa, mais é uma liberação, eu me liberei do que eu era pra o que eu sou hoje, já é uma mudança pra mim é liberação (Whitney Houston, entrevista concedida em 22/01/2016).

Para ela, em sua adolescência, já não se sentia bem utilizando roupas masculinas e se comportando como menino. Não se reconhecia enquanto um rapaz. Sentia-se incomodada com aquela vivência. Portanto aos 17 anos, aproximadamente, virou travesti. Nesse trajeto de mudanças, o “virar” designa que ela assumiu sua travestilidade que não é algo realizado do dia para a noite, mas todo um sentimento de pertencimento e reconhecimento perante o que se deseja assumir, fato que para Whitney Houston foi

uma liberação. Libertar-se da condição de homem a faz se sentir bem pelo que ela é hoje: uma travesti assumida 24 horas por dia.

Dessa forma, ser travesti está envolvido com a recusa as normas sociais de gênero, causando uma quebra no modelo hegemônico pênis = homem e vagina = mulher. Segundo Santos (2015, p. 51-52), a travestilidade causa um desconforto na sociedade, visto que golpeia estruturas bem arraigadas de atributos masculinos e femininos. Nessa lógica, as travestis seriam, então:

Sujeitos que, pelas normas do sexo-gênero deveriam atuar representando papéis sociais considerados masculinos, mas que recusaram para si essa determinação social fundada no biológico (XY), e investiram na elaboração de uma feminilidade [...] Outro aspecto que merece destaque é o uso do termo travestilidades. Considerando o peso político que a linguagem ocupa, tem-se uma situação em que o S não é apenas uma consoante, mas uma forma de chamar a atenção para a pluralidade das formas de ser/estar travesti.

O autor acima citado, acerca da quebra da masculinidade, ressalta que as travestis causam, a partir de suas recusas às normas de gênero, com a construção de um feminino para si, desconstrução da lógica binário masculino versus feminino, fundada no biológico. É necessário perceber que não há apenas uma forma de ser/estar travesti, mas formas plurais de vivenciarem suas travestilidades, seja usando hormônios, silicone, ambos, ou nenhum deles. Enfim, há diversas maneiras de sentir-se uma travesti.

Essas maneiras fazem jus ao que Whitney Houston mencionou acima, quando ela se liberou da condição de homem e hoje se sente bem da forma que vivencia a travestilidade. A ideia de liberação ou libertação tem como foco o reconhecimento do sujeito nesse processo de transição do masculino para o feminino. Não se pode esquecer que há a inversão dessa lógica no caso dos homens trans, quando eles saem do feminino para o masculino. Contudo, não adentrarei a temática por não ser objeto da dissertação em questão.

A maioria das travestis entrevistadas afirmou que o fato de estarem vivenciando a travestilidade lhes proporciona o reconhecimento de ser mulher, e, assim, elas se sentem mulher. Elis Regina afirma:

Ser travesti eu acho que é uma condição diferenciada de outras pessoas. Uma forma de ser né. Acho que travesti, ser travesti é ter, ser uma mulher que aceita sua própria sexualidade. Se aceita, se olha no espelho é a mulher com algo, digamos entre parênteses, uma mulher com algo a mais, que se aceita assim, aceita seu próprio sexo, travesti é isso. Só que existe assim a diferença entre travesti e transexualismo né. Então eu acho assim, eu me enquadro mais na forma do transexualismo, mas também tem dias que eu me acho travesti. Mas para muitas pessoas é a mesma coisa travesti e transexualismo (Elis Regina, entrevista concedida em 09/07/2016).

Elis Regina informou que existem travestis e transexuais, que ambas se sentem como mulheres, porém a diferenciação entre elas é o fato da travesti aceitar a presença do pênis e a transexual não. Ela afirmou ser transexual, mas logo se contradiz ao dizer que às vezes se sente travesti. Acredito que esse fator se dá através do que as pessoas afirmam que ambas são a mesma coisa, e para não ir ao contrário ao que a maioria afirma ela se identifica com ambas as categorias. Elis Regina afirmou que tem interesse em realizar a cirurgia de redesignação sexual, por isso ainda se reconhece como travesti por não ter realizado a cirurgia e mudança de sexo.

Em relação ao seu reconhecimento enquanto travesti, Selena relata: “Sei lá, acho que na verdade é uma mulher, só que não nasceu com o órgão adequado. Só, assim, tipo ter uma mentalidade, uma cabeça assim bem feminina, entendeu? E sei lá, saber que eu sou feliz né, a nossa maneira” (Selena, entrevista concedida em 18/05/2016).

Selena enfatiza que se sente mulher, apesar de não ter nascido com a genitália adequada à condição de existência do feminino biológico. Mesmo tendo nascido com a presença de um pênis em seu corpo, o se sentir e se considerar feminina é a condição necessária para se sentir mulher. Tal fato lhe traz felicidade em relação a sua maneira de ser.

Ao ser questionada se a presença do pênis em seu corpo poderia ser um fator que impediria dela ser uma mulher, Selena afirmou que mesmo tendo o pênis possui outras atribuições que a faz ser mulher. “Tem também outras coisas que envolvem, tipo os traços, né? Sempre tem aquela coisa, metade/metade. [Referindo a partes de seu corpo que não considera tão feminino] O rosto, assim umas partes” (Selena, entrevista concedida em 18/05/2016 – grifos meu).

Nesse relato de Selena é notório a preocupação dela sobre a transformação de seu corpo, em que pode se apresentar, ainda, com características atribuídas ao masculino. Para ela o rosto ainda lhe traz resquícios de seu passado, apresentando um pouco de músculos do qual ela procura libertar-se. Portanto, sua feminilidade é questionada por ela mesma quando percebe que ainda lhe resta algo para mudar em seu rosto, de forma a se perceber totalmente feminina.

A referida travesti, ao ser questionada sobre o processo de reconhecimento enquanto travesti, tendo em vista que a mesma afirmou ter virado travesti há oito anos atrás, nos afirmou que:

Eu comecei aos pouquinhos com dezenove. Não me via como travesti não, só um gayzinho só. Eu, agora como travesti não sei explicar como começou isso em mim. Acho que foi através de um namorado. Quando comecei a namorar né, aí eu percebi que o meu namorado gostava, principalmente muito bonito [Ele] aí falava as coisas pra mim pra usar determinadas roupas quando estivesse com ele. Aí daí que eu comecei, entendeu? E antes, realmente antes deu me tornar tinha amigas que elas ficavam falando por que tu não vira trava, vai ficar bem não sei o que (Selena, entrevista concedida em 18/05/2016 – grifos meu).

É necessário perceber o processo de construção em percurso, que não há uma essência, como se sempre quisesse ser de determinada forma, mas que passou a assumir tal performatividade de gênero por solicitação do namorado, ao mesmo tempo em que suas amigas travestis afirmavam que ela ficaria bem de mulher.

Pelúcio (2005a, p. 225) relata que ser travesti se constata em um processo contínuo e sem fim e que, no geral, este percurso se divide por fases.

A primeira delas é quando se é “gayzinho” (classificação êmica), ou seja, já assumiu a orientação sexual para familiares e para a “sociedade” (como elas dizem, para um conjunto mais abrangente de pessoas), mas ainda não se vestem com roupas femininas ou ingerem hormônios. A fase seguinte é “montar-se”, que significa, no vocabulário próprio do universo homossexual masculino, vestir-se com roupas femininas, maquiarse de forma a esconder a marca da barba, ressaltar maçãs do rosto, evidenciar cílios, as pálpebras dos olhos e a boca. Nessa etapa, vestir-se com roupas femininas ainda é algo ocasional, furtivo, restrito a momentos de lazer. O terceiro momento é o da “transformação”, uma fase mais nuançada, pois tanto pode envolver apenas depilação dos pelos do corpo e vestir-se cada vez mais frequentemente como mulher, como pode indicar o momento inicial de ingestão de hormônios, quando estes ainda não mostraram

efeitos perceptíveis; finalmente, a quarta etapa, quando já se é travesti, além do consumo de hormônios, vestem-se todo o tempo com roupas femininas (sobretudo roupas íntimas, pode estar de shorts, sem camisa, mas de calcinha) e planeja injetar silicone nos quadris e nádegas.

O percurso apresentado por Pelúcio (2005a) evidencia um processo linear em que as travestis percorrem para conseguirem assumir sua travestilidade, desde a primeira etapa em que se reconhece como gay, ao momento de assumir atributos femininos e formas corporais na construção de uma imagem feminina. Porém, nem todas percorrem este caminho de forma linear. Algumas, simplesmente, ficam no trânsito da montagem e passam a vivenciar os espaços societários de ambas as formas, como travesti ou simplesmente de gay, ou necessariamente como travesti sem precisar ter que vivenciar 24 horas como mulher.

Edith Piaf, que vivencia sua performatividade feminina 24 horas, afirma que não importa estar como mulher todo o tempo ou apenas se montar. O que importa, para ela, é estar feliz da forma que achar melhor.

Tem umas que, no começo, é a pessoa fica meio indeciso né. Aí no começo faz a montagem, é dar o close, chega em casa tira, tem uns que gostam, tem outros que já não gostam já querem permanecer 24 horas de mulher e tem outros que não né. Tem outros que quer só se montar, fazer aquele divertimento e voltar pra casa e se desmontar por causa da família, como no meu início foi assim também. Na minha opinião [Pausa] eu acho que sim, por que o que vale é a pessoa se sentir bem né, por dentro. Se você tá se sentindo bem, você pode permanecer do jeito que você tá. Por que você tem que ir por você e não pelos outros, o que você está sentindo não é. Você tem que ir por você, pelos outros não, se a gente for pelos outros a gente nunca vamos ser feliz, tem que ir por agente. O que vale é a pessoa se tiver se sentindo de travesti, isso vem da alma. Então, ele tem que sentir que é um travesti e pronto. O que vale é o respeito né, consideração e é isso, seguir a vida, aproveitar (Edith Piaf, entrevista concedida em 09/07/2016).

Segundo ela, o que vale é a pessoa se sentir bem, pois, para ela, o fato de se sentir bem como travesti vem da alma, de seu interior, esteja vestida como mulher 24 horas ou não. Ela respalda o caso de Carmen Miranda que se encontra no trânsito entre estar na condição de mulher ou de homem, sem ter que assumir de forma fixa as vivências travestis. Quando questionada acerca de como ela se considerava uma

travesti, relatou suas dificuldades em aceitação por parte da sociedade e mostrou sua condição de trânsito.

É difícil viver 24 horas de preconceito, é difícil. Toda vez que você sai de casa você vivencia a chacota, você vivencia a brincadeira, você vivencia o xingamento e a gente termina tomando essas atitudes meio que para se proteger, meio que para se defender, se proteger dessa sociedade que às vezes maltrata, xinga. Então, pra evitar um pouco isso a gente meio que é obrigada a mudar nosso jeito, é meio que obrigada a mudar aquilo que eu me identifico como mulher, eu sou mulher, mas sou obrigada a me vestir como eu me vejo por que o preconceito é grande e às vezes a gente quer evitar um pouco esse preconceito e termina acontecendo essas mudanças [Pausa] Ainda visto minha roupa colada dependendo pra onde eu vou. É dependendo de onde estou, mais é bom dar uma, dar uma [Pausa] É que a sociedade obriga a gente. Eu me considero mulher, por que eu [Pausa] Como eu me sinto mulher, hoje eu sou uma mulher. Então, é mas não sou uma mulher operada, então, é sou uma travesti, por não ser operada. Então eu, mas eu ainda me sinto mulher, não sou mulher, mas sou uma travesti [Pausa] Mas hoje eu me identifico não só como travesti, mas como mulher também, principalmente como mulher, que é o que eu sou. Eu não sinto a necessidade de fazer a cirurgia. Tem, eu já vi pessoas que se sentem que fazem né, mas eu me identifico como uma mulher que não precisa dessa operação. Por isso que eu sou uma travesti. É eu me sinto mulher, mas não [Pausa] Não quero fazer. Eu acho que eu me sinto bem, então se você se sente bem [Pausa] eu gosto do jeito que eu sou. Tipo, não precisou, não sinto a necessidade de operar (Carmen Miranda, entrevista concedida em 24/07/2016 – grifos meu).

Em seu relato, Carmen Miranda enfatiza a realidade vivenciada pelas travestis que sofrem violências de todas as formas na sociedade ocidental, como os xingamentos, as brincadeiras, os quais são refletidos por ela de forma negativa, dificultando a vivência plena e tranquila com o travestismo. Em função dessas violências se sente bem vivendo no trânsito.

A gente sofre muito preconceito e às vezes a gente fica com essa carga enorme, a gente também sente uma vontade de não passar por tanto preconceito, então eu prefiro como um Ho..., não vou dizer como um homem por que eu me sinto uma mulher, mas eu me visto menos... eu vou dizer que uma roupa menos de travesti, uma calça mais é, menos colada, é uma camisa mais masculina, mas isso não quer dizer que eu seja, que eu não seja travesti. Apenas eu me monto para me prostituir e uso outras roupas para evitar um pouco do preconceito que existe é [Pausa] Ser aceita pela família isso ajuda também a você ser mais aceita pelos parentes [Pausa] Passar um pouco despercebida pela sociedade vamos dizer assim (Carmen Miranda, entrevista concedida em 24/07/2016 – grifos meu).

Para Carmen Miranda vivenciar o trânsito através da montagem a mantém segura na sociedade por conta do preconceito sofrido e, mais do que isso, ajuda a ser aceita pela família. Esse fato se confirma nos relatos de Elis Regina que, vivendo a performance feminina, sente a hipocrisia revelada na sociedade em relação a sua condição de gênero.

A sociedade que vivemos hoje em dia é muito hipócrita. Existe muita hipocrisia, aqueles que te jogam pedra de dia são os mesmos que te procuram a noite. Então a sociedade é hipócrita, é muita hipocrisia. Pois a maioria, todos são assim. Os que nos procuram são homens casados, que constituem família, homens de poder que podiam até fazer alguma coisa, mas não querem se expor. São os mesmos que te criticam e jogam pedra em você de dia. Olha, isso vai do preconceito que sempre vai existir, por que o preconceito é, nasce com você. O que eu acho é que as pessoas deviam respeitar, respeitar mais. Se você não aceita tudo bem é opcional é uma coisa sua, mas você tem que respeitar, respeitando acho que já é um grande avanço pra tudo, acho que respeito acima de tudo é a melhor coisa a se fazer e em relação a tudo, não só em relação a sexualidade, também a união, a política, a religião, eu acho que você respeitar o outro já é um passo muito importante (Elis Regina, entrevista concedida em 09/07/2016).

Elis Regina relata que a maioria dos homens que praticam algum tipo de rejeição e ou violência contra elas durante o dia, são exatamente os que vão procurá-las à noite para satisfazer seus desejos. Portanto, ela visibiliza a hipocrisia no modo dos homens as tratarem como forma de esconderem suas fantasias com elas.

Mais uma vez, o ser/estar travesti vem sendo perpassado pela vivência do preconceito existente, como afirma Edith Piaf:

Mulher, ser travesti eu acho que é um, ser travesti. É pra explicar é meio complicado, mas assim, eu gosto de ser travesti, só não gosto do preconceito né que existe, mas eu me sinto bem né. Me sinto bem como eu me vejo, me sinto bem a maneira de expressar, de conversar com as pessoas, de ser o que eu sou, eu me sinto bem. Pois o preconceito você sabe que existe muito, pessoas iguais a mim assim, por que hoje em dia as portas se fecham né, se você for nos cantos é, até pra entregar um curriculum mesmo, quando olha pra pessoa as portas já se fecham. Existe muito preconceito nesse meio né, mas se a gente baixar a cabeça, a gente nunca vai seguir em frente (Edith Piaf, entrevista concedida em 09/07/2016).

Edith Piaf não conseguiu explicar o que seria ser travesti, mas não deixou de relatar seu sentimento de pertencimento à vivência da travestilidade. Ela gosta de ser travesti, se sente bem para se expressar, conversar, mas o preconceito é o fator negativo que a mesma afirma existir. Ao afirmar que existe o preconceito, ela também confirma que existem muitas travestis e que não podem baixar a cabeça por conta do que sofrem em seu dia a dia. Portanto, ela se sente bem na maneira que vivencia sua travestilidade, apesar dos inconvenientes que sofre aos chegar a determinados locais, como ser discriminada por ser travesti.

O fator preconceito e discriminação se fizeram presentes nos discursos das travestis. Apesar de serem muitas, afirmaram sofrer diariamente desdém, estigma e desrespeito. Para elas vivenciar suas travestilidades numa sociedade que as recrimina é um constante desafio.

Para uma maior compreensão das violências vivenciadas pelas travestis, no segundo capítulo desta dissertação irei realizar uma discussão acerca da prostituição e os espaços que as mesmas utilizam para exercerem a atividade prostitucional.

CAPÍTULO II – PROSTITUIÇÃO E O FAZER-SE NA RUA

O propósito primordial deste capítulo é analisar os discursos construídos sobre prostituição emanados das travestis que vivenciam a venda de serviços sexuais em Campina Grande.

Para tanto, iniciarei o capítulo tecendo reflexões acerca da vinculação da prostituição com as práticas sexuais na civilização europeia e os discursos produzidos para nomeá-la, tomando como foco de análise os textos de Silva (2010), Afonso e Scopinho (2013), Foucault (1988a, 1987).

Neste sentido, a prostituição será considerada, nesta reflexão, como uma produção discursiva que é acionada para nomear sujeitos a partir de suas práticas sexuais.

Em momento posterior, me debruçarei nas análises acerca das formações discursivas relacionadas à prostituição no Brasil, tomando de empréstimo as contribuições de Rago (1991, 2005), Miskolci (2012) e Costa (1999).

No terceiro subtópico, adentrarei na reflexão específica da prostituição em Campina Grande, quando busco situar os movimentos de modernização ocorridos na cidade visando extirpar as mazelas da sociedade que não correspondiam às ideias de progresso. Esse movimento acabou por redesenhar a geografia espacial dos locais de prostituição em Campina Grande. Estarei utilizando as análises de Nascimento (2011), Souza (2005), Dinoá (1993), Benedetti (2005) e Duque (2011).

O quarto subtópico, enfocará reflexões acerca dos discursos das travestis sobre a prostituição, os quais elas evidenciaram seus processos de inserção na prostituição e o significado do termo para si. Utilizei Antunes (2013) para enfatizar o percurso que as travestis vivenciam para se manterem na prostituição.

2.1 Prostituição enquanto produção discursiva

Falar da prostituição exercida pelas travestis é trazer à tona as discussões das formas de utilização dos corpos e dos lugares sociais em que as referidas estão

inseridas, ao mesmo tempo em que se torna necessária uma abordagem acerca destes espaços e os usos que elas fazem dos mesmos como meio de sobrevivência.

Na literatura escrita sobre a temática, a prostituição sempre foi e continua sendo um tema polêmico, tendo em vista que está diretamente ligada às práticas sexuais. Silva et al (2010) compreende o trabalho de natureza sexual exercido através da prostituição como,

uma prática laboral, caracterizada por significados sociais, históricos e culturais construídos sobre influências da época e do local em que é praticado. A definição de trabalho sexual, como um comércio conhecido popularmente como prostituição, refere-se à prática de comercializar serviços de natureza sexual, como prazer, fantasias, sexo, carícias, etc. É exercido mediante negociação direta com o cliente sobre os serviços a serem prestados, e os preços variam de acordo com a performance do profissional (SILVA et al., 2010, p. 110).

Nesse sentido, a prostituição irá denotar concepções específicas de acordo com os períodos históricos em que seja pensada para o presente estudo. Assim, tomarei como reflexão o período histórico do final da Idade Média, quando ocorreu o processo de surgimento do capitalismo.

Foucault (1988a), reportando-se ao século XVII até o século XIX, afirma que alguns pensadores defenderam que nesse período ocorreu uma intensa repressão sexual no Ocidente, particularmente na Europa. Tais defensores argumentaram que, após centenas de anos de expressão livre da sexualidade, a partir do século XVII ocorreu uma profunda repressão da sexualidade, coincidindo com o desenvolvimento do capitalismo, ou seja, fazendo parte da ordem burguesa. Nesse período, o sexo foi reprimido com muito vigor, visto que numa época que é preciso explorar a força de trabalho para gerar lucro, não havendo repressão tal força de trabalho poderia dissipar-se, enfraquecer-se nos prazeres. O sexo normal/permitido, então, deveria ser aquele que objetivasse apenas a reprodução da espécie humana. Foucault (1988a) denominou esse discurso de hipótese repressiva. Para ele, apresentando críticas a essa ideia de repressão sexual, em nenhuma sociedade, no citado período, falou-se tanto, detalhou-se tanto sobre sexo. Assim, no lugar de intensa repressão sexual o que ocorreu foi uma incitação a que se falasse do sexo e da sexualidade.

Ao invés de ver esse homem singular o foragido corajoso de um “vitorianismo” que o forçava ao silêncio, eu seria tentado a pensar que, numa época onde dominavam instruções, aliás bem prolixas, de discrição e de pudor, ele foi o mais direto representante e, de certa maneira, o mais inocente, de uma injunção pluricelular de falar de sexo (FOUCAULT, 1988a, p. 25).

Para o autor, ao final do século XVII surge uma difusão de regimes de verdades sobre o sujeito, e, assim, a possibilidade de colocação do sexo em discurso, momento em que a sexualidade se torna um dispositivo¹⁶ de controle, como forma de tratar o sexo e a reprodução de maneira política numa emergente sociedade capitalista. Através da invenção da *scientia sexualis*, quando o sexo se torna objeto de estudos, foi construído um aparelho para produzir a verdade sobre o sexo, em que através dele poderíamos descobrir a face mais íntima dos sujeitos. Segundo Foucault (1988a), quanto mais se aprofundasse em conhecer os corpos, mais produtivas seriam as formas do controle sobre eles.

Logo, a prática da *scientia sexualis* foi desenvolvida na sociedade europeia para que pudessem ser ditas as verdades do sexo. Para Foucault, ainda no século XVIII e, especialmente, no século XIX, o sexo ganha uma intervenção científica, ocorrendo uma dispersão dos focos de discurso sobre o sexo e sexualidade, antes restritos à Igreja, tomando forma das diversas disciplinas, visto que a medicina, a psiquiatria, a demografia, a justiça penal, também passaram a se preocupar com o sexo.

Atribuiu-se a tarefa de produzir discursos verdadeiros sobre o sexo, e isto tentando ajustar, não sem dificuldade, o antigo procedimento da confissão às regras do discurso científico. A *scientia sexualis*, desenvolvida a partir do século XIX, paradoxalmente, guarda como núcleo o singular rito da confissão obrigatória e exaustiva, no Ocidente cristão, a primeira técnica para produzir a verdade do sexo. (FOUCAULT, 1988a, p. 66-67).

A confissão dos prazeres se torna objeto científico, e assim a vontade de saber cada vez mais sobre o sexo se torna imprescindível, de maneira que pudéssemos saber quem nós somos, já que havia uma necessidade da busca do sexo verdadeiro. Com a

¹⁶ Para Foucault, o dispositivo é um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito, são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 1979, p. 244).

produção da verdade sobre o sexo e sexualidade, o sexo passa a ser, então, controlado, interdito, confiscado ao espaço privado do lar através da prática legítima da reprodução.

Ao contrário daquilo posto pela hipótese repressiva, inicialmente, os discursos sobre o sexo e sexualidade foram criados e direcionados a burguesia, como modo de distinção positiva da mesma. Por isso, e por muito tempo, as classes populares/trabalhadoras escaparam dos dispositivos da sexualidade, ou seja, dos processos de normalização.¹⁷ Ora, tal processo de normalização/disciplina da sexualidade e dos corpos e práticas foi uma invenção que tinha o objetivo de positivar a classe burguesa, ou seja: a construção de uma sexualidade e vivência sexual para a autoafirmação de uma classe e não a sujeição de outra.

Ao invés de uma repressão do sexo das classes a serem exploradas, tratou-se, primeiro, do corpo, do vigor, da longevidade, da progeneração e da descendência das classes que “dominavam”. Foi nelas que se estabeleceu, em primeira instância, o dispositivo de sexualidade como nova distribuição dos prazeres, dos discursos, das verdades e dos poderes. [...] A classe que se tornava hegemônica no século XVIII se atribuiu um corpo para ser cuidado, protegido, cultivado, preservado de todos os perigos e de todos os contatos, isolado dos outros para que mantivesse seu valor diferencial (FOUCAULT, 1988a, p. 116).

Ocorreu uma intensificação, uma higienização e uma valorização do corpo como forma de melhorar as descendências humanas, uma problematização da saúde e de suas condições de funcionamento, a partir da invenção de novas técnicas para maximizar a vida dos burgueses e, portanto, ligada ao crescimento e ao estabelecimento da hegemonia burguesa. Portanto, “o sexo não é essa parte do corpo que a burguesia teve que desqualificar ou anular para pôr para trabalhar os que ela dominava” (FOUCAULT, 1988a, p. 117). Houve uma autosssexualização de seu próprio corpo como possibilidade de garantir uma descendência para a classe em ascensão. A burguesia afirmava sua diferença e hegemonia a partir da conversão do “sangue azul dos nobres em um organismo são e uma sexualidade sadia” (FOUCAULT, 1988a, p. 119).

¹⁷ Foi somente na primeira metade do século XIX que as condições de vidas impostas ao proletariado, ou a normalização do seu comportamento, começaram a acontecer, visto que antes disso pouco importava se a gente vivesse ou morresse, pois de qualquer maneira se reproduzia sozinha. O proletariado só passou a ser “possuidor” de um corpo e de uma sexualidade – ou sua saúde, seu sexo e sua reprodução passou a ser um problema – quando o Estado necessitou aperfeiçoar o processo de disciplinarização, controle, agora voltado para o HOMEM ESPÉCIE, ou seja: para as massas, a população...

Foucault (1988a) afirma que a família burguesa foi utilizada como ponto de saturação sexual e controle. Foi, nesse sentido, que houve, inicialmente na classe burguesa, o controle das crianças e adolescentes e a medicalização da sexualidade feminina. A partir do século XVIII, então, a ciência sexual implementa um conjunto de estratégias a respeito do sexo, entre estas: histerização do corpo da mulher, pedagogização do sexo da criança, socialização das condutas de procriação e psiquiatrização do prazer perverso. A regulação do corpo feminino aconteceu através de um triplo processo em que seu corpo passou a ser analisado, qualificado e esquadrinhado, levado aos saberes médicos como patológico.

A histerização do corpo da mulher se deu como possibilidade de produzir uma sexualidade e subjetividade das mulheres adequando-a ao modelo burguês que se apresentava a partir do modelo da mulher ligada diretamente à família e ao espaço privado, tendo como finalidade a reprodução e os cuidados com o esposo e filhos que iriam se inserir no mundo do trabalho.

No século XVIII, período marcado pela Revolução Industrial e, por isso, pela inserção de mulheres e crianças no mundo do trabalho, considerando que as indústrias precisavam de mão de obra barata para a produção de mercadorias, a miséria na Europa foi um fator que empurrou algumas dessas mulheres para a prostituição devido ao desemprego e aos baixíssimos salários que recebiam.

A entrada das mulheres no mercado de trabalho em ascensão também desencadeou uma série de discursos negativos em referência à mulher, significando-as como infiéis, mulheres que abandonavam a família, de modo que as comparavam a figuras de prostitutas. Dessa forma, baseando-se no modelo da família patriarcal, houve uma intensificação de discursos referendando as mulheres à prostituição, como tentativa de normalizar as relações conjugais, atribuindo à mulher o papel de esposa, mãe, do lar.

Mesmo com a presença de um dispositivo de controle das sexualidades, Foucault (1988a, p. 10) afirmou, acerca de algumas concessões, que “se for mesmo preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar noutro lugar: que incomodem lá onde possa ser reinscritas, senão nos circuitos da produção, pelo menos nos do lucro”. Não há uma negação da existência de sujeitos ilegítimos, como a prostituta, o cliente, a histórica, entre outros, mas que fossem vivenciar suas práticas “não naturais” longe do modelo de normalidade que era a família procriadora.

O controle exercido sobre os corpos fez aparecer regulamentações e proibições, de maneira que a prática da prostituição passaria a ficar em evidência nos debates da época entre a permissividade, sob o controle do Estado, e a proibição.

Segundo Roberts (1992, apud AFONSO; SCOPINHO, 2013), houve regulamentação entre as décadas de 1860 e 1870 na Grã-Bretanha como forma de regulamentar a profissão de prostituta, em específico pelo agravante da sífilis que veio a contribuir ainda mais para o controle dessas mulheres. Nesse momento, foram criados os Atos das Doenças Contagiosas de maneira a legalizar a polícia a prender qualquer mulher suspeita de ser uma prostituta, sendo classificada como prostituta comum.

Ainda de acordo com Afonso e Scopinho (2013), no ano de 1917, as zonas de meretrício nos EUA foram fechadas e a prostituição foi posta na ilegalidade. Na Itália e Alemanha durante a segunda guerra mundial, havia rígidas políticas de regulamentação em relação às sexualidades consideradas desviantes, momento em que as prostitutas eram marcadas com uma estrela negra em suas vestimentas.

Movimentos como este eram construídos para que a profissão fosse regulamentada ou abolida visando um retorno da mulher ao lar, ao mesmo tempo em que legitimava a construção de um estigma de doença, de morte, atrelado às mulheres que se prostituíam.

2.2 Prostituição no Brasil

Rago (1991), analisando as formações discursivas relacionadas à prostituição no Brasil, afirma que no século XIX a prostituição passou a ser vista como um problema público, embasada num regime discursivo médico-policia.

A expansão do comércio do prazer e a sofisticação crescente do mundo da prostituição provocaram reações moralistas entre os setores diversificados da população. Ao lado dos chefes de polícia, envolvidos com a moralização dos costumes, a imprensa provocou sucessivas campanhas exigindo respostas mais eficazes de vigilância do submundo. Logo mais, médicos, juristas, criminologistas tentaram unificar seus esforços no sentido de definir a melhor forma de intervenção dos poderes públicos na organização do mundo do prazer (RAGO, 1991, p. 107).

Rago (1991) afirma que a prostituição era relacionada à doença, como forma de justificar as medidas de vigilância realizadas contra as prostitutas. Assim, as investidas policiais estavam embasadas nos tratados médicos como justificativa do controle da sexualidade das prostitutas.

Como possibilidade de combater as doenças venéreas, em especial a sífilis, os médicos adentraram a vida cotidiana das prostitutas para conhecer suas práticas sexuais e, assim, poderem atuar perante a realidade da vida que levavam tais mulheres que exerciam a prostituição. Nesse contexto, havia uma espécie de guerra sanitária pregada pelos médicos num processo de moralização dos costumes e contenção dos desejos das pessoas que exerciam essas práticas sexuais, bem como de seus clientes.

Enfatizando a importância da prevenção e educação sanitária da população, os higienistas abolicionistas defendiam o esclarecimento da opinião pública sobre os problemas decorrentes das doenças venéreas, a separação dos conceitos de higiene e de polícia, através da realização de conferências populares, cursos gratuitos, instalação de postos de saúde e enfermarias nos hospitais, com atendimento gratuito à população e distribuição de medicamentos. Reconheciam a impossibilidade de eliminar o comércio do prazer nos grandes centros urbanos, mas posicionavam-se radicalmente contra qualquer forma de cadastramento das meretrizes e contra a obrigatoriedade das visitas médicas e internamento das doentes (RAGO, 1991, p. 134).

Os higienistas abolicionistas realizavam campanhas para controlar as práticas sexuais das prostitutas e da população, tendo como foco conscientizar os jovens dos perigos advindos do contato com as meretrizes, de forma que, controlando a prática da prostituição, faziam com que esta pudesse ser higienizada, trazendo, assim, a moralidade da sociedade. Nesse contexto, Rago (1991, p. 20) aborda a posição que a prostituição ocupa na sociedade.

A prostituição configurou um espaço visível, espetacularizado e quantificável, à medida que se tornava uma profissão reconhecida com a expansão do comércio capitalista, permitindo então que chefes de polícia, médicos, higienistas e juristas constituíssem um universo empírico para suas observações, classificações e análises. Se o adultério feminino, ao qual aludem vários textos, escapava às codificações sensoriais dos especialistas, as práticas do amor venal ganhavam toda visibilidade na topografia da cidade, possibilitando a constituição de saberes especializados.

Houve uma produção discursiva sobre o sexo e a sexualidade das mulheres que exerciam a prostituição como forma de classificá-las, estudá-las, tendo como respaldo as práticas médicas. Ocorreu o esquadramento do corpo da mulher por profissionais médicos, juristas, como forma de classificá-las em padrões de normalidade da época.

Dessa forma, havia uma necessidade de identificar a mulher em um determinado padrão societário. Portanto, seus hábitos e costumes passavam a ser vigiados para que fossem enquadradas em duas conotações: moça de família ou mulher da vida. A primeira diz respeito àquela mulher que é recatada, que vive dentro de casa sob a autoridade do patriarca, criada dentro de princípios para o casamento monogâmico. Já a segunda é o avesso da moça de família, é a que transgrede as normas sociais, tem vida sexual livre, aquele sujeito sem limites.

Essas mulheres de “vida fácil” são as prostitutas, aquelas que realizam a comercialização sexual de seus corpos. A partir dessa vigilância dos profissionais em relação às práticas sexuais das mulheres, passam a construir um conceito moralista para a prostituição, uma atividade que degrada os sujeitos que vivenciam tal prática. Rago (1991, p. 23) afirma que,

o conceito de prostituição no século XIX é saturado de conotações extremamente moralistas e associado às imagens de sujeira, do esgoto, da podridão, em suma, daquilo que constitui uma dimensão rejeitável na sociedade. Condenando e estigmatizando a prostituição, quer-se eliminá-la como a parte cancerosa. Vale lembrar a constância com que a metáfora orgânica do “cancro social” é utilizada para designar o comércio amoroso.

Assim, cabe evidenciar que todo sujeito que vivenciava esta relação de troca sexual passava a ser considerado imoral, sujo, poluidor da ordem societária. Portanto, devendo ser controlado para não contaminar toda a sociedade com seus hábitos ilegítimos, pervertidos, que de alguma forma iria contaminar homens e mulheres com suas práticas desregradadas.

A autora Rago (1991), em seu livro *Os Prazeres da Noite*, retrata como se configurava a prostituição feminina em São Paulo no começo do século XX, mais precisamente entre o ano de 1890 e 1930. Em sua primeira constatação percebeu que a prostituição despertou interesse entre os médicos, juristas, criminologistas, literatos e

jornalistas, ligados diretamente à moralidade pública, fator que influenciaria a definição dos códigos de conduta da mulher.

A autora acima citada afirma que a construção das concepções de prostituição, a partir de um referencial médico-policial, se deu no século XIX.

O conceito de prostituição não pode ser projetado retroativamente para nomear práticas de comercialização sexual do corpo feminino em outras formações sociais, sem realizar um aplainamento violento da singularidade dos acontecimentos. Fenômeno essencialmente urbano, inscreve-se numa economia específica do desejo, característica de uma sociedade em que predominam as relações de troca, e em que todo um sistema de codificações morais, que valoriza a união sexual monogâmica, a familiar nuclear, a virgindade, a fidelidade feminina, destina um lugar específica às sexualidades insubmissas (RAGO, 1991, p. 23).

A autora evidencia que a prostituição seria a transformação de um corpo em mercadoria, de forma a obedecer à lógica do capital, apropriando-se a concepção ligada a uma economia dos desejos. Surgia uma predominância de relações de troca em que as mulheres utilizavam seus corpos para a prática sexual e recebiam dinheiro pelo trabalho prestado.

Segundo Rago (2005), houve um impacto da modernização na cidade, período entre os anos de 1809 e 1930, em que o Estado de São Paulo se torna o mais industrializado do país.

Nessas décadas, constitui-se o mercado de trabalho livre, forma-se o proletariado urbano, como resultado da massiva imigração europeia e constrói-se um movimento operário combativo, liderado por grupos anarquistas, anarco-sindicalistas, socialistas e, depois, comunistas (RAGO, 2005, p. 94).

A partir das mudanças evidenciadas pela autora, houve um crescimento econômico e social acelerado, e a expansão demográfica levou policiais e autoridades públicas a se preocuparem com alguns sujeitos que povoavam as cidades, eram eles: prostitutas, cafetinas, vagabundos, usuários de drogas, mulheres que abandonavam crianças. O discurso policialesco propagava, a partir do aumento da taxa de criminalidade, que eram necessários manter uma vigilância sobre as condutas das prostitutas para manter a ordem na vizinhança.

Se por um lado a prostituição era considerada um cancro social, por outro, não havia dúvidas acerca de sua necessidade, pois os homens tinham uma sexualidade mais premente, livre para vivenciar, portanto, se fazia importante à presença das prostitutas para “aliviá-los”.

É bastante conhecida na história da cidade a importância que teve o bordel enquanto lugar de iniciação sexual dos jovens. Moços da elite ou das camadas menos favorecidas eram introduzidos nas “artes do amor” ou nos “vícios elegantes”, como dizia o dr. Orlando Vairo, em 1926, pelas prostitutas, com as quais às vezes chegavam a manter relações duradouras. Se moralmente condenada, essa função era bem-vinda na sociedade, pois, segundo se acreditava então, garantia a virgindade das futuras esposas e permitia que os moços arrefecessem parte do “fogo interno”, numa fase da vida em que os impulsos libidinais eram muito prementes. Além disso, o universo das práticas sexuais ilícitas desempenhou uma função “civilizadora” na sociedade provinciana do período. Muitos romances e depoimentos destacam essa dimensão da vida dos bordéis e cabarés, onde as prostitutas estrangeiras, experientes e viajadas, ensinavam regras sofisticadas de conduta aos paulistanos deslumbrados com as conquistas da modernidade e com o progresso. Juntamente com a venda do prazer, o mundo da prostituição destilava práticas eróticas, sexuais e sociais mais refinadas, já que aí se praticavam formas de sociabilidade referenciadas pelos padrões da cultura europeia. Homens de idades, classes, profissões, nacionalidades diversas participavam desse microcosmo, discutindo política, jogando cartas, bebendo, dançando, acompanhados pelas cocotes ou pelas meretrizes mais pobres (RAGO, 1991, p. 25).

É importante ressaltar a presença de discursos que tentam legitimar a presença das prostitutas a partir de suas práticas, dos serviços prestados aos rapazes através da iniciação sexual deles, como forma de preservar a virgindade das moças de família tradicional. Ou mesmo através da sociabilidade entre as mulheres que se prostituíam e os seus clientes, trazendo comportamentos europeus, como no caso do refinamento dos hábitos a serem apreendidos pelos brasileiros como forma de legitimar a ideia de progresso que o país experimentava. Um exemplo disso era a chegada das mulheres dançarinas e artistas estrangeiras para ocupar os espaços de prostituição nas cidades em desenvolvimento, que se constituía um fator de entretenimento para os homens.

Se de um lado eram bem vistas pelos homens que frequentavam tais locais, por outro, como afirma Rago (2005, p. 103):

Os médicos e autoridades policiais apontavam a presença das prostitutas estrangeiras, supostamente mais experientes e malévolas, como um perigo moral para a juventude nativa. Segundo ou doutores, elas eram responsáveis pela dissolução moral crescente, pela feminização e enfraquecimento da raça e pela perda das antigas referências morais [...] A imagem sedutora da *femme fatale* era frequentemente invocada para designar as belas, porém, perversas prostitutas que eram responsabilizadas pela loucura que despertavam nos homens.

Para a autora, os discursos construídos em relação às prostitutas estrangeiras, atribuindo-as uma esperteza e maldades, são moldados a partir da imagem e/ou significado que se construiu para elas, como uma mulher fatal, sedutora, que poderiam levar os jovens a cometerem loucuras, como o incentivo de uso de drogas, por exemplo. Ao entrarem no mundo dos vícios, por incentivo das prostitutas, os jovens contribuíram para o enfraquecimento do modelo familiar da moral vigente.

Como forma de exercer uma vigilância nos espaços que se concentravam as prostitutas, havia a necessidade de um planejamento para regularizar os locais que eram habitados por elas.

A prostituição se concentrava nas áreas comerciais e centrais da cidade [São Paulo] próxima aos bares, cafés concerts, teatros, cinemas e cabarés. Estes espaços atraíam a burguesia rica, os políticos, fazendeiros, advogados, estudantes, trabalhadores e vários tipos de marginais. Lá poderiam encontrar as novas figuras da prostituição, em especial as francesas e polacas, reais ou imaginárias, que, especialmente nas fantasias masculinas, apareciam como introdutoras dos hábitos de civilidade trazidos do mundo europeu, assim como de muitos refinamentos nas artes eróticas (RAGO, 2005, p. 101).

A autora evidencia a localização dos espaços de prostituição em São Paulo, no início do século XX, nas áreas comerciais, locais em que se expandiram casas noturnas que necessariamente deveriam ser controlados.

Os profissionais que exerceram esse controle, preocupados com a moralização das condutas sociais, viram na figura da prostituta o fantasma que ameaçava fragmentar a estrutura da moral e os valores sociais atribuídos à família. Portanto, suas ideias construíram a figura da prostitua de forma degradante.

Definiu-se a prostituta como “mulher anormal”, “delinquente nata”, proveniente das classes pobres e deslumbrada com as atrações do

mundo moderno. Sua debilidade psíquica, associada a uma constituição orgânica deficitária, explicaria em primeiro plano a existência da prática da comercialização sexual do corpo. Assim, as teorias científicas sobre a condição feminina, marcadamente biologizantes, culpabilizaram a mulher pela existência da prostituição (RAGO, 1991, p. 141).

Em seus discursos, os saberes médicos pregavam advertências contra os perigos de contaminação física e moral causado por estes sujeitos anormais, delinquentes, que representavam um desequilíbrio para a sociedade.

Rago (1991, p. 160) afirma que as concepções sociais cristalizadas acerca da imagem das prostitutas indicavam que “a prostituta nata se caracteriza, ainda, pela atração pelo roubo simples, estilo chantagem; adora bebidas alcóolicas, como os criminosos; é violenta, gosta de brigas, enfim, concentra tudo aquilo que de pior existe na humanidade”.

Há uma naturalização da imagem da prostituta lhe atribuindo o que há de pior na humanidade. O ser que iria desvirtuar/distanciar homens e mulheres de um modelo de moral direcionado para a reprodução da espécie e embasado por rígidos costumes a serem seguidos visando o êxito do progresso, representado na familiar tradicional. Logo, as prostitutas não poderiam ser aceitas socialmente por suas práticas que iriam de encontro ao ideal de nação que se pensava construir no Brasil.

Corroborando Rago (1991) acerca da ideia de progresso que o país estava vivenciando, Miskolci (2012) aponta que, entre os finais do século XIX e início do século XX, as elites políticas e econômicas no Brasil, assentadas nas práticas higienistas, construíram medidas moralizantes e disciplinadoras para garantir um branqueamento da população. A ideia seria a criação de uma população branca e superior, baseada num modelo caracterizado como reprodutivo, branco e heterossexual. Tratava-se de um controle que se concretizava pela domesticação do desejo, respaldada pelo casamento.

A partir da imagem construída da Europa como sendo a quinta-essência de civilização, o Estado brasileiro passou a investir em medidas moralizantes e disciplinadoras para afastar os perigos da nação, representados, sobretudo, na anarquia e a degeneração.

Nesse caminho projetado e seguido com fervor em seus anos iniciais, a hoje chamada República Velha esmerou-se na imposição de um projeto modernizante e autoritário que via o território nacional como espaço de intervenção por meio de reformas urbanas e missões “colonizadoras” ao interior, assim como encarava nosso povo como uma massa racialmente heterogêneo a ser “embranquecida”, não apenas pela recepção de milhões de imigrantes europeus, mas – sobretudo – por um modelo idealizado de família, o cimento com o qual construiriam a futura nação brasileira (MISKOLCI, 2012, p. 147).

Para que o país pudesse desenvolver-se era necessário afastar-se dos grandes fantasmas da época: a anarquia e a degeneração. Segundo Miskolci (2012), desde os meados do século XIX, esses dois fatores passaram a serem considerados desvios que necessitavam ser anulados. A anarquia se daria a partir da instabilidade política que vinha passando o país com a mudança de governo, de uma monarquia escravista para uma república, temendo-se uma revolta dos escravizados. A degeneração, caracterizada como hereditária e sem cura, se daria através de manifestações que iam desde imperfeições como orelhas imperfeitas, crescimento atrofiado, até doenças mentais como histeria, apatia, pessimismo, etc.

O projeto de nação em questão, de uma população branca e superior, não poderia aceitar as práticas desvirtuantes. Não bastava a vinda de imigrantes brancos, seria necessário um adestramento de um tipo ideal de família para garantir a reprodução da futura nação.

Nosso ideal de branquitude estritamente vinculado ao agenciamento do desejo em direção ao casamento e à família se deparava com “perigos” e “desvios”, entre os quais se destacavam as aspirações de autonomia feminina e os desejos masculinos por outras mulheres e homens. Os saberes hegemônicos, principalmente médicos e criminológicos, assumiram progressivamente a função de polícia moral que antes coubera à religião, de forma a analisar e condenar os comportamentos femininos que consideravam danosos para a coletividade, assim como os masculinos, expostos aos perigos venéreos, ou aos ainda mais preocupantes desejos por outros homens. O desejo da nação era um ideal político embranquecedor assentado no desejo heterossexual, o qual parece mais frágil e ameaçado do que faz supor sua hegemonia cultural que o identificava com um potencial civilizador. (MISKOLCI, 2012, p. 150).

Para a construção de um ideal de nação, seria necessário que a formação da sociedade fosse moldada a partir de padrões sociais enaltecidos por uma população

elitista, buscando realizar um branqueamento do povo brasileiro, uma espécie de missão civilizadora visando uma nação branca que seria agenciada por um regime de códigos legitimados pela sexualidade. Miskolci (2012) afirma que havia um controle sobre os desejos dos sujeitos de maneira que os direcionava para o casamento e para a família como forma de garantir a reprodução, ao mesmo tempo em que se desviassem dos perigos que impunham os homossexuais e as prostitutas, considerados sujeitos desviantes.

Tal processo civilizatório se dá assentado na heterossexualidade masculina, que se encontrava sob ameaças constantes provenientes de sujeitos desviantes, como o caso de homossexuais e prostitutas. Havia uma preocupação com ambos: as prostitutas, por serem classificadas como perigosas por conta das doenças que passavam aos homens, como no caso da sífilis; e quanto aos homossexuais, os cuidados se davam através das práticas sexuais entre homens. A preocupação era tanta que se fez necessário o incentivo da militarização como forma de disciplinar os jovens da época.

Nesse contexto, os médicos e criminológicos assumiram o controle em direção às relações extraconjugais, fossem entre homens e mulheres ou mesmo entre homens. Nesse contexto, a família deveria ser preservada e para isso os discursos de condenação aos comportamentos femininos desviantes e as doenças causadas pelas relações fora do casamento apresentava o alibi mais que necessário para punir as prostitutas e os homossexuais.

O culto e a valorização do progresso em busca da civilização não são compreensíveis sem reconhecer o temor das forças que – acreditavam – poderiam levá-lo a retroceder e degenerar. O projeto nacional dependia de um suporte familiar, íntimo e subjetivo. O desejo da nação exigia exorcizar os disruptivos, não mais com as rezas dos padres, mas com os remédios e recomendações dos médicos. A moral do passado, modernizada, ganhava feições higiênicas e mais poderosas estendendo-se do controle do espaço público e do privado, das ruas aos lares, mas sobretudo dos discursos políticos dos dirigentes aos sentimentos subjetivamente vividos. Dos pecados aos desvios, do temor da danação ao de degenerar, do castigo de deus ao da natureza, a experiência subjetiva ganhou corporeidade de forma que o crescente agnosticismo não exorcizou antigos temores, antes deu-lhes novas feições. O medo da punição divina foi crescentemente associado ou substituído pelo de uma vingança da natureza, uma força tão ou mais cruel do que a de Deus. Um novo código moral emergiu, assim, entre referências distintas, mas similares e aparentadas,

distribuindo reconhecimento e punição em novos termos (MISKOLCI, 2012, p. 176-177).

Havia uma valorização de um padrão que fosse de acordo com a ideia de progresso implementado no país, com base num suporte familiar que estaria em disputa contra os disruptivos, os sujeitos que poderiam interromper o seguimento normal do progresso. O temor da degeneração ganharia novas formas de controle atreladas ao que os discursos religiosos mencionavam acerca dos mesmos, somado aos novos discursos dos saberes médicos com suas classificações e normatizações.

Corroborando as reflexões apontadas anteriormente por Rago (1991, 2005), Costa (1999), analisando a sociedade brasileira no século XIX e início do século XX, afirma que a sociedade enfrentou uma intensa mudança pela organização de um caráter rural para uma sociedade urbana. Nesse período, um crescimento acelerado em nosso país, embasado na ideia de modernidade trazida da Europa, fez surgir problemas de estruturação urbana devido a grande expansão das cidades e os aglomerados de pessoas que habitavam casas sem condições de higiene, atraindo, desta forma, doenças.

As epidemias, as febres, os focos de infecção e contágio do ar e da água foram fantasmas para a administração colonial. A população era dizimada por ocasião dos surtos epidêmicos e nos períodos intercricos apresentava uma taxa de mortalidade elevada (COSTA, 1999, p. 29).

A vivência da população brasileira era aterrorizada por doenças advindas da falta de estrutura das cidades, portanto, era necessário um controle por parte do Estado perante a população e seus hábitos. O Estado, nesse contexto, passa a medicalizar suas ações políticas, já que respaldava a presença do profissional médico sob o controle das doenças, havendo uma convergência entre Estado e medicina.

A medicina constrói um saber sobre a população baseada numa técnica de higienização. Para Costa (1999), a saúde da população inscreve-se numa política de Estado.

Por meio de ações a medicina se apossou do espaço urbano e imprimiu-lhe as marcas de seu poder. Matas, pântanos, rios, alimentos, esgotos, água, ar, cemitérios, quartéis, escolas, prostíbulos, fábricas, matadouros e casas foram alguns dos inúmeros elementos urbanos atraídos para a órbita médica. A higiene revelava a dimensão

médica de quase todos estes fenômenos físicos, humanos e sociais e construía para cada um deles uma tática específica de abordagem, domínio e transformação (COSTA, 1999, p. 30).

Os saberes médicos se apossaram dos espaços públicos e privados para por em prática um processo de medicalização da sociedade. Baseado num processo de higienização das cidades e das populações como sendo estratégia do Estado Moderno, a inserção do saber médico esbarrava nos hábitos e condutas da família tradicional brasileira. Havia uma preocupação em reconverter as famílias ao Estado através da higiene, uma tarefa urgente a ser implementada pelos médicos.

Portanto, era necessário criar ações de intervenção que pudessem reverter os costumes desregrados que viviam as famílias, de modo que a medicina social “vai dirigir-se a família <<burguesa>> cidadina, procurando modificar a conduta física, intelectual, moral, sexual e social dos seus membros com vistas à sua adaptação ao sistema econômico e político” (COSTA, 1999, p. 33). A medicina social passa a ganhar legitimidade por meio das intervenções higiênicas e sanitárias junto às famílias de elite no Brasil, como possibilidade de reproduzir o modelo de família burguês em conformidade com as estratégias do Estado.

A higienização da família se deu a partir do processo de modernização que estava vivendo o país, de maneira que pôde trazer mudanças na estrutura social envolvida diretamente no processo de urbanização, promovendo a “secularização dos costumes, racionalização das condutas, funcionalidade nas relações pessoais, maior esfriamento das relações afetivas interpessoais, etc.” (COSTA, 1999, p. 35).

Segundo Costa (1999), havia uma desestruturação familiar que estava atrelada ao afrouxamento dos laços conjugais, causado em função da mobilidade sociocultural do universo da cidade, que privou os vínculos tradicionais e a possibilidade de novos relacionamentos sólidos. Portanto, era necessário um trabalho que pudesse modelar a estrutura familiar que se encontrava em falência. Dessa forma, os discursos médicos começaram a construir um ideal de sexualidade que passa a distinguir o que seria patológico do considerado normal.

Costa (1999) afirma que a higienização queria estabilizar a solidez da família e a proteção da prole. Ao poder estatal interessava a reprodução da família fecunda e responsável, pois manter os filhos era algo tão importante quanto produzi-los. Dessa

forma, busca-se uma completa servidão dos indivíduos ao modelo burguês que se coloca contrário às práticas de libertinagem que seriam uma das causadoras da fragilização da família nuclear.

A crítica à libertinagem tentava drenar a sexualidade masculina para a procriação no âmbito da família. Procurava-se fazer crer ao homem que a sexualidade sadia era incompatível com relações extraconjugais. A família era seu limite natural. Retida na casa se preservava não só da sífilis como dos excessos que, embora não sífilíticos, eram igualmente patogênicos. A higiene buscava por freios ao patriarca, cuja incontinência sexual estava associada à prostituição, sífilis e mortalidade infantil (COSTA, 1999, p. 244).

O autor aborda as críticas que os higienistas construíram para enquadrar os homens, pais de família, à realização de práticas sexuais apenas para a procriação. Para o convencimento, criaram estratégias de atribuírem uma patologia dos excessos, relacionada, sobretudo, à doença da sífilis, a qual se pegaria através do contato com as prostitutas. Estas foram consideradas pessoas devassas que em poucos minutos de prazer infiltrariam nos corpos dos homens o veneno devastador da sífilis. As práticas sexuais com as prostitutas seriam a ameaça à relação conjugal das famílias.

Os discursos médicos evidenciavam que “a natureza física e emocional do homem o impelia a ser pai [...] A mulher, por sua vez, nascera para a família e para a maternidade” (COSTA, 1999, p. 238-239). Dessa forma, naturalizavam a função da mulher higiênica e do homem-pai para os cuidados com a família. Nesse contexto:

A prostituta e a mulher mundana foram para a mãe higiênica o que os celibatários, libertinos e homossexuais foram para o homem-pai. Como estes últimos resistiam a cumprir as tarefas familiares que lhes eram impostas, para se entregarem, sem escrúpulos médicos, aos prazeres do mundo, à vaidade do corpo e ao gozo do sexo. As prostitutas tornaram-se inimigas dos higienistas principalmente pelo papel que supostamente tinham na degradação física e moral do homem, por extensão, na destruição das crianças e da família. Contaminando os libertinos com suas doenças venéreas, induziam a produção de filhos doentes e voltados à mortalidade precoce. Seduzindo os incautos com suas sensualidades depravadas, levaram a miséria e a infidelidade a famílias inteiras. Criminosas, neste sentido, as prostitutas cometiam, com o mais, uma outra falta higiênica, a de perverterem, com o exemplo desregrado de suas vidas, a moral da mulher-mãe. A corrupção da moral feminina pela <<mulher perdida>> fazia-se, em primeiro lugar, pela exibição de seu comportamento sexualmente descontrolado. Mantendo relações

sexuais por dinheiro e entregando-se à masturbação, à sodomia e práticas <<antinaturais>> do gênero, a <<perdida>> era um manual vivo da forma anti-higiênica de ser mulher. Em segundo lugar, a <<mulher pública>> era incorrigivelmente irresponsável para com a vida dos filhos. Costumava abortá-los; abandoná-los à roda; expô-los à imoralidade de sua vida perversa; não amamentá-los e o que é pior, quando fazia, envenená-los com o leite corrompido por doenças venéreas. Por último, a <<perdida>> era acusada de amar o luxo e a ociosidade. De não exercer nenhuma profissão útil <<nem pensar no futuro (COSTA, 1999, p. 265).

Para o autor supracitado, há uma série de fatores que legitimam a degradação física e moral da mãe higiênica e do próprio homem-pai, atribuindo às prostitutas a responsabilidade por esse mal. Embasado nesta premissa da moral da mulher, a prostituta será classificada enquanto um sujeito “perdido” no sentido moral, mundana por natureza, sem condições de vivenciar uma relação familiar. Portanto, na organização dos espaços proporcionados pelo discurso médico, a esta mulher prostituta só caberia o afastamento de todos que de alguma forma viesse a ter contato.

É necessário compreender que entre os séculos XIX e início do século XX, o Brasil passou por um processo de mudanças vinculado ao sistema público de governo, à industrialização e modernização das cidades. Tendo como proposta a construção de uma sociedade civilizada, na qual a prostituição não deveria fazer parte, os médicos higienistas constroem a imagem das mulheres prostitutas, lhes atribuindo diagnósticos de seres que poderiam contaminar a todos com suas doenças venéreas.

Logo, esse sujeito do desvio não poderia fazer parte do modelo de sociedade que estava em construção, devendo ser controlado para que a família nuclear não entrasse em crise advinda dos problemas causados pelas prostitutas.

Até o momento, tratamos a abordagem da prostituição brasileira tomando-a na sua formação mais refletida pela literatura: a prostituição feminina. A partir de agora iremos focar a prostituição exercida por travestis nas ruas como possibilidade de aprofundarmos as discussões acerca de suas permanências nesses espaços.

A prostituição exercida num corpo travesti apresenta-se de forma diferenciada da experienciada pelas mulheres. Se para as mulheres havia certa permissividade para com a sua atividade prostitucional, já que elas iniciariam à sexualidade dos jovens, bem como atendiam aos desejos dos homens que as procuravam, como possibilidade de

resguardarem as suas companheiras apenas para a reprodução, a prostituição realizada pelas travestis tem como significado “gozos ilegítimos” (PELÚCIO, 2009).

Para a autora acima citada, as travestis não são percebidas pela sua clientela como uma expressão legítima do feminino, mas como um homem vestido de mulher, fator que faz com que o prazer não seja percebido como legítimo, pois foge o padrão heteronormativo. Dessa forma, Pelúcio (2009) evidencia que a presença do pênis em seus corpos demarca sua posição na relação sexual pelo fato dos homens não a reconhecerem como um feminino legítimo, a partir do modelo reprodutivo implantado pelo casamento monogâmico homem e mulher.

Há poucos escritos acerca da inserção de travestis nas ruas para a prática da prostituição. Porém, Green (2000, apud GARCIA, 2008) afirma que a ida de travestis às ruas para a prostituição teve início na década de 1970 no Brasil. Foi neste período que houve uma ocupação das ruas e avenidas das grandes cidades da prática da atividade prostitucional pelas travestis, de modo que houve uma incorporação do termo travesti como forma de diferenciação das transformistas que participavam de shows na década anterior.

Esse fator de visibilidade do trabalho prostitucional de travestis não significa dizer que em tempos anteriores não havia travestis se prostituindo, mas que só a partir de 1970, em nosso país, houve uma apropriação do campo de trabalho prostitucional pelas travestis.

Conforme constado por Braz (2012), há uma exclusão dos sujeitos travestis do mercado formal de trabalho pelo fato de estarem vivenciando suas identidades de gênero feminino, pois a abjeção está explícita em sua vivência. Neste sentido, a rua passa a ser um espaço atrativo para as travestis, pois o discurso do dinheiro fácil reproduzido por muitas que se prostituem faz com que este se torne o espaço de fácil acessibilidade para cada uma que pode “se fazer”¹⁸ a partir do lucro obtido com a atividade prostitucional. Dessa forma, a rua passa a ser o espaço de sobrevivência econômica, social e política das travestis.

Ao “cair na batalha”, termo utilizado pelas travestis para designar o espaço de trabalho nas ruas, conforme Benedetti (2005), elas podem passar por experiências

¹⁸ ‘Se dar bem na vida’ é uma expressão do grupo para afirmar que a travesti irá faturar dinheiro em boa quantidade, de maneira que dá pra sobreviver de forma adequada.

positivas como: encontrar um namorado, fazer novas amizades, aprender conhecimentos específicos para sua construção corporal. Mas, também, podem encontrar experiências negativas como violências sofridas, seja por parte de seus clientes ou mesmo de outras travestis.

A prostituição evidencia-se a partir da necessidade econômica das pessoas que a exercem. Também é necessário destacar que para as travestis a prostituição serve como forma de afirmação de sua feminilidade a partir dos investimentos que se concretizam no processo de transformação do seu gênero (BENEDETTI, 2005).

Segundo o referido autor, os espaços de batalha são cenários que favorecem um aprendizado no convívio social das travestis, assim,

é na esquina que as travestis procuram se exibir, se insinuar e se oferecer de forma a se sentirem atraentes para os desejos dos homens que ali circulam. É na rua que suas formas corporais e sua performance feminina dão resultado, isto é, eficientes para os homens as desejarem. Esse espaço é concebido como o principal meio de troca e aprendizado da carreira travesti (BENEDETTI, 2005 p. 116).

Os espaços da rua, em que as travestis realizarem a venda de serviços sexuais com o intuito de obter lucratividade, também tem como finalidade o favorecimento da construção de si. Em específico, são nas ruas que muitas fazem amizades, relações de proximidades, de solidariedades, tendo em vista que muitas são expulsas de casa pelo fato de assumirem sua travestilidade (BENEDETTI, 2005).

Na rua, com seus corpos à mostra como em uma vitrine à espera do consumidor para aquele produto, as travestis se utilizam de artifícios diversos para mostrar o que há de melhor em seus corpos para conseguir clientela.

Segundo Benedetti (2005), se para as travestis as ruas apresentam-se como meio de sobrevivência econômica, mas também como espaço de sociabilidade, a troca de informações entre elas as fazem simplesmente existir. A rua irá ter a representação do lugar social por elas ocupado.

Seja por necessidade ou mesmo pela obtenção de prazer, as ruas se tornam para as travestis o espaço em que elas podem vivenciar sua sexualidade. As ruas são espaços que no período da noite encontram-se totalmente desertas, escuras, inseguras, mas que neste contraste revela sujeitos que se utilizam destes fatores para se mostrarem, através de corpos transformados por hormônios e silicone, ou mesmo, utilizando-se apenas a

vestimenta feminina como possibilidade de sentir-se mulher, bonita e desejada aos olhos dos clientes que por ali transitam à procura de prazer.

2.3 Prostituição em Campina Grande

O contexto de modernização das cidades brasileiras retratado por Costa (1999) pode ser refletido nas análises voltadas para o município de Campina Grande. Durante o primeiro quartel do século XX, a cidade de Campina Grande passa por mudanças com o intuito de garantir um ar de progresso. A ideia era tornar a cidade mais bela, higiênica é implementada pelos ideais europeus.

As mudanças que transformaram as cidades vieram acompanhadas também de mudanças nos hábitos, nas relações sociais e culturais das pessoas. Campina Grande, entre os anos de 1930 e 1950 também passa por mudanças, com suas especificidades de cidade do interior do Nordeste, e elas, entre outras cidades, visavam modificar o aspecto do centro da cidade, onde existiam várias ruas labirínticas, becos e esgotos a céu aberto, o que não correspondia, para as elites campinenses, aos foros de civilização e progresso que Campina deveria ostentar (NASCIMENTO, 2011, p. 01).

Nascimento (2011) mostra que a cidade passava por mudanças em sua estrutura de cidade do interior, na qual se configurava enquanto um espaço em desenvolvimento a partir da reprodução de valores europeus por parte de uma elite letrada. Havia a necessidade de extinguir as mazelas da sociedade que não correspondiam com o ideal de progresso que a cidade estava iniciando. Nesse contexto, a higiene estética da cidade visava mudar não só sua arquitetura, mas também todos aqueles sujeitos que não serviam para respaldar a ideia de modernidade que se pensava implantar na cidade.

A prostituição de Campina Grande tornou-se um problema para os letrados da cidade no final dos anos de 1920 e início dos anos de 1930. A área central da cidade, que era composta praticamente pela rua Grande, Venâncio Neiva e Emboca, eram áreas de constantes denúncias dos nossos letrados, visto a cidade estar crescendo e, em certa medida, se “modernizando”, por isso mesmo não poderia existir em pleno centro da cidade algo tão “repugnante” como as “caixas de fósforos” e o “exibicionismo” de meretrizes de “baixo calão”. Para o articulista do Brasil Novo, “aquilo se tolera em subúrbio não no centro

de uma cidade como a nossa”. Daí a necessidade de se transferir àquelas mulheres para um local mais afastado, onde suas “vestes porcas e imundas” não incomodasse a visão e o olfato de homens e mulheres que queriam respirar e sentir “ares modernos” (NASCIMENTO, 2011, p. 02).

Como forma de tentar extinguir a atividade prostitucional do centro da cidade, era necessário que a higienização dos espaços fosse posta em prática para que os homens e mulheres da elite local pudessem sentir ares modernos. É nítida a diferenciação entre as “pessoas de bem” e as prostitutas que eram consideradas seres poluidores dos espaços da cidade. Logo, fazia-se necessário uma limpeza dos espaços centrais como forma de retirar a sujeira e o mau cheiro provocado por aquelas mulheres de vestes porcas e imundas, pessoas não enquadradas no discurso do progresso e da civilização burguesa para cidade de Campina Grande.

Não só as ruas centrais eram espaços de vivências das práticas sexuais, mas também os banhos no açude localizado no bairro de Bodocongó, prática favorecida pela presença do desenvolvimento de indústrias e curtumes naquela área. Portanto, havia uma grande quantidade de homens que trabalhavam nas proximidades do açude, participando dos banhos e dos prazeres proporcionados pelas mulheres que o frequentavam.

Mesmo com outros espaços funcionando, a atividade prostitucional prevalecia nas ruas centrais da cidade.

Durante todos os anos 1920 o local onde se concentrava o maior número de prostitutas e casa de pensão em Campina Grande era a antiga rua 4 de Outubro, atual Major Juvino do Ó, mais conhecida popular e sugestivamente como “Rói Couro”. Era uma das ruas centrais da cidade que ficava relativamente próxima as ruas mais frequentadas pelas elites, como a rua Grande por exemplo. Essa proximidade incomodava, especialmente por que as mulheres circulavam e se exibiam muito próximas as “famílias de bem” e repugnavam os letrados, fazendo com que eles carregassem nas tintas e pedissem insistentemente para as autoridades a transferência do meretrício daquele local para um mais afastado (NASCIMENTO, 2011, p. 08).

Para Nascimento (2011), o crescimento da cidade proporciona os deslocamentos das zonas de meretrício para áreas mais distantes do centro comercial, de modo que as “famílias de bem” pudesse transitar pelas ruas centrais sem terem que se deparar com

mulheres se exibindo na tentativa de seduzir os homens. A partir do momento em que ocorreram essas mudanças, outros espaços vão se configurando para abarcar o comércio sexual.

Segundo Souza (2005), assim como no restante do país, na cidade de Campina Grande a prostituição teve seu auge nos anos de 1920. A cidade experimentava um grande desenvolvimento econômico proporcionado pelo algodão, o qual se desenvolveu a partir de 1907 com a instalação da estação ferroviária, fator que favorecia uma quantidade muito grande de pessoas vindas de todo país para comercializá-lo. Assim, a cidade oferecia meios de diversão para os que a frequentavam, entre estes se encontrava a prostituição.

Por conta das reformas na estrutura arquitetônica ocasionadas desde os anos 1920, em específico o período de 1937 a 1945, Campina Grande passou por demolições de prédios antigos para alcançar o ‘ar’ de modernidade tão desejada. Assim, a zona do meretrício, como era chamada os espaços de prostituição, foram sendo deslocada:

Em um primeiro momento funcionou mais fixamente na rua “singelamente” intitulada de Rói Couro (antiga 4 de Outubro e atual Jovino do Ó). Com as reformas do centro da cidade a “zona” foi saindo da área residencial e se transferindo aos poucos para as proximidades da Feira Central ou bairro da Manchúria (SOUZA, 2005, p. 03).

A modernidade trazida para a cidade fez com que houvesse deslocamentos da zona de prostituição para a área onde hoje se situa a feira central, na época classificada como bairro da Manchúria, como forma de identificação do comércio sexual que se exercia naquele espaço. Nesse período, entre os anos de 1937 e 1943, a cidade teve o cabaré mais famoso do Brasil, o Cassino Eldorado, situado no centro da Rua dos Currais próximo à Feira Central. Segundo Souza (2005, p. 04): o Cassino Eldorado “despertava os sonhos da juventude que ficava sabendo, por ouvir falar, da exibição de artistas, cantores, dançarinos, músicos e, principalmente, das lindas e divinizadas mulheres que desfilavam por seus salões com deslumbrantes vestidos inspirados na última moda parisiense”.

Além dos jovens, em especial, o cassino atraía os homens de negócio que vinham à cidade para a negociação do algodão e ficavam pela diversão que era ofertada

no turno da noite para seu entretenimento. Eram cabarés, pensões, que ofertavam jogos, músicas e belas mulheres para os acompanharem em sua estadia.

Segundo Dinoá (1993, p. 559), era notório o deslumbre que causara o Cassino Eldorado na medida em que trazia para a cidade espetáculos de shows com cantores nacionais e internacionais, jogos, além de práticas sexuais com mulheres elegantes, educadas, propensas a realizar os desejos dos frequentadores.

Porém, o cassino sobreviveu a um período muito curto. Ainda na década de 1940, houve uma queda do comércio do algodão na cidade, fator que levou ao desaparecimento do cassino, permanecendo na localidade cabarés e prostíbulo de pequeno porte, no qual os homens de baixo poder aquisitivo podiam frequentar.

Ainda a respeito dos espaços de diversão existentes na cidade, Souza (2005, p. 10) afirma que, com o fechamento do Cassino Eldorado,

aos poucos, a vida boêmia foi se transferindo para a região central conhecida como “Boninas” [...] Homens e mulheres das mais diferentes categorias sociais sempre encontravam maneiras diferentes de se divertirem e aproveitarem os prazeres proibidos que a cidade, dita capital do trabalho, lhes oferecia

Souza (2005) também aborda o contexto histórico que propiciou o deslocamento da área de prostituição da Feira Central para as Boninas. Conforme o autor:

A prostituição na área da feira foi uma atividade muito intensa e lucrativa no final dos anos 1930 até meados dos anos 1940. Contudo, após a 2ª Guerra Mundial, com a saída de alguns contingentes militares que estavam sediados na cidade, aquela área entrou em decadência e as “pensões de mulheres” se transferiram, em parte, para a região conhecida como “Boninas”, onde pontificaram os anos 1950 e 1960, prolongando suas atividades até os anos 1970, mas sem o mesmo “encanto” ou “glamour” que lhe era atribuído nos anos anteriores (SOUZA, 2005, p. 4).

É importante perceber o quanto os espaços de prostituição vão sendo reconfigurados de acordo com as apropriações que se fazem da atividade. Entre 1939 e 1945, a existência do trem em nossa cidade favorecia o deslocamento dos soldados em defesa do território brasileiro que se localizavam nos estados do Nordeste: Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Com a retirada dos soldados da cidade, esse

A rua abriga as travestis mais velhas em tempo de trabalho, espaço marcado por um maior número de profissionais. Estas travestis ficam situadas nos pontos 1 e 2 localizados no mapa acima entre o cruzamento das ruas Bartolomeu de Gusmão e outra esquina que dá acesso a um beco (sem identificação).

A rua Bartolomeu de Gusmão e o citado beco que cortam a Rua Presidente João Pessoa são utilizados pelas travestis como locais da efetivação da prática de sexo, principalmente nos casos em que os clientes chegam a pé. Os locais não possuem iluminação elétrica adequada e não há movimento de transeuntes. Além disso, existem barracas de madeira nas quais a parte de trás serve de local para que a relação sexual seja consumada. Já para os clientes que chegam de carro, no geral vão parar em uma das ruas localizadas nas Boninas, pois também são sem iluminação, sendo possível fazerem sexo no interior do veículo, podendo retornar rapidamente aos seus pontos.

Vale lembrar que o local onde se encontra situado o ponto 5 foi exatamente o espaço onde ocorreu o assassinato da travesti Inete de 24 anos de idade, no ano de 2011.¹⁹ Ela foi assassinada com mais de 30 facadas durante o período em que estava exercendo a prostituição.

Whitney Houston me informou em seu relato alguns dados acerca das ruas em questão:

Atualmente aqui têm umas cinco travestis. Ai segundo as partes lá debaixo, ali ao redor. Olhe, ali onde eu atuo, na rua João Pessoa tem umas cinco. Agora na parte de baixo vamos dizer que tem umas quatro, na outra parte de baixo umas quatro também [referindo-se aos pontos localizados na Rua Presidente Epitácio Pessoa] fecham umas doze, treze travestis por noite ali. Não todas as noites, em todas as noites pode dar oito, outras vezes pode dar doze, outra pode ter seis travestis. A partir da quarta-feira sempre tem movimento [Pausa] até o domingo, no domingo é muito, muito movimento todo domingo cedo. Agora segunda e terça-feira o movimento é mais, até na quarta o movimento é meio fraquinho, mas quando não é bom na quarta é bom geralmente quinta e sexta e o resto da semana (Whitney Houston, entrevista concedida em 22/01/2016).

Em sua fala, Whitney Houston indica a presença de travestis nas ruas Presidente João Pessoa e Presidente Epitácio Pessoa que se revezam entre os pontos existentes para

19

http://www.obeabadosertao.com.br/v3/policia_prende_acusados_de_matar_travesti_com_32_facadas_em_campina_grande__4797.html. Acessado em: 29/05/2016.

adquirir a clientela. Afirma que a partir da quarta-feira há sempre movimentação maior do comércio sexual.

A Rua Presidente Epitácio Pessoa, como já abordado anteriormente, apresenta um ponto fixo 3 e um fluido 4. Chegando ao local, encontrei algumas travestis mais jovens, aparentando entre 18 e 27 anos de idade. Nestes locais encontrei as travestis que se montam, fator que as tornaram expulsas da Rua Presidente João Pessoa por não exercerem sua travestilidade o tempo todo, portanto, não se enquadrando nos códigos construídos pelas travestis mais antigas da rua.

Duque (2011), no livro *Montagem e Desmontagem*, aborda uma reflexão a respeito das novas travestilidades a partir das experiências de adolescentes travestis que vivem na cidade de Campinas – SP. O autor propôs o conceito de “montagem estratégica” como uma maneira de vivenciar a travestilidade, embasado na fluidez entre o masculino e o feminino, de forma que a montagem seja realizada a partir das vivências em alguns momentos. A “montagem estratégica” não pressupõe uma mudança física definitiva, perpassada pela vivência 24 horas do dia como mulher.

A “montagem” estratégica se dá a partir da manipulação do montar-se e desmontar-se em ocasiões que o sujeito envolvido no processo se sinta à vontade para estar vivenciando sua feminilidade. Duque (2011) afirma que este processo está perpassado pela vergonha e pelo estigma que essas travestilidades juvenis tentam superar por conta da violência ocorrida contra as travestis. Dessa forma, fica evidente a existência de lugares em que as travestis podem frequentar estando montadas sem ter que se preocupar com agressões que possam ocorrer contra elas. Em outros locais que frequentam se desmontam para serem aceitas.

Entre os espaços que as novas travestilidades podem utilizar para executarem a montagem estão às ruas onde é exercida a prostituição pelas travestis. Mas, ao mesmo tempo em que se sentem à vontade para se montarem e frequentar estas ruas, podem ser expulsas desses locais pelas travestis mais antigas que passaram por processos de transformação de seus corpos, realizados através de modificações hormonais ou cirúrgicas. Essas travestis procuram valorizar esse processo de transformação que, por sinal, não é barato em termos econômicos. Por esse motivo, as travestis mais antigas passam a expulsar as mais jovens que não estão nesse patamar de modificação e/ou as que se montam para frequentar as ruas em busca de sexo furtivo.

Uma cena foi presenciada por mim em relação a esse fato, em que uma travesti novinha chegou à Rua Presidente João Pessoa e foi expulsa aos gritos por uma das travestis mais antiga de lá, sendo-lhe indicado o espaço que ela deveria ocupar, que era a rua de baixo, pois “é lá que ficam os veadinhos como você” (anotações de campo em 26/12/15).

Na Rua Presidente Epitácio Pessoa, as travestis ficam situadas em frente à Gráfica Marcone e de lá saem com os clientes para a prática dos programas nas ruas próximas, espaços que favorecem a prática da atividade por serem escuras. Este local está situado próximo a um posto de gasolina, e, por esse motivo, quase sempre elas se deslocavam para lá para a compra de cigarros e bebidas.

Nas ruas que estive realizando o mapeamento, presenciei vivências de sociabilidade entre as travestis, conforme já afirmara Benedetti (2005). Era nítido vê-las conversando acerca dos hormônios, sobre suas relações afetivas, ou mesmo realizando a troca de perucas, *megahair*, informando umas as outras acerca dos truques para dar volume aos cabelos, aumentar a perna e bumbum com a ajuda de enchimentos, etc.

Como exemplo do processo de sociabilidade no espaço da rua, posso destacar o momento em que uma das travestis trouxe um *megahair* para outra, afirmando que o cabelo deveria ter mais volume e comprimento maior para se assemelhar ainda mais com uma mulher. Passou a ensinar os truques de como deveria colocar o ‘tic tac’ por baixo do cabelo, além de mostrar como ela deveria pentear o ‘tic tac’ para que pudesse ter maior durabilidade (anotações de campo em 16/01/16).

Por mais que as travestis estejam sujeitas a uma série de fatores negativos nas ruas, como assaltos, violências físicas e verbais, ainda, assim, é nítido que o local tem a função de acolhimento. Propicia que elas relatem para as outras as suas experiências de vida, de maneira que há uma troca de informações que podem auxiliar umas as outras em suas vivências.

É importante perceber que as ruas mencionadas na pesquisa já são conhecidas por abrigar travestis. Por conta deste fator, há uma curiosidade dos moradores da cidade de Campina Grande em passar pelo local e visualizar corpos seminus naquelas esquinas no período da noite. Para a grande maioria, ver um “homem” apresentando corpos arredondados assemelhados aos de uma “mulher” torna-se um atrativo. Dessa forma,

aquele espaço é visto pelas travestis como lugar de trabalho, de sociabilidade, mas também de opressão e discriminação por parte da sociedade.

2.4 Os discursos das travestis acerca da prostituição

A prostituição e seus significados, para a sociedade de uma forma geral, é vista de forma degradante, imoral, e as pessoas que a exercem são vistas como sujeitos que devem ser evitados, seja por questões de contágio de doenças ou mesmo como desvirtuantes da moral e dos bons costumes.

Perpassadas por discursos higienistas, médico-policia, nos resta compreender, segundo as travestis que estão exercendo a prostituição, o que a atividade representa em suas vidas. Assim, lhes foi perguntado o que é a prostituição para cada uma das entrevistadas.

Em seus relatos, as travestis expuseram os motivos que as levaram a adentrar a prostituição, além de descrever qual o significado que elas tinham da atividade. Todas as entrevistadas acreditam que a prostituição é uma forma de trabalho, seja forçado ou por opção, mas é uma espécie de trabalho. Nesse contexto, Whitney Houston relata que sua entrada nessa atividade se deu por falta de qualificação profissional.

A prostituição pra mim é um modo de viver, de vida, por que pra arrumar emprego travesti mesmo só se ela tiver um, se ela tiver um curso e eu não tenho curso nenhum. Eu fiz até o segundo ano, quase terminei, faltou pouquinho e prostituição pra mim é isso. É um trabalho, é um trabalho como outro qualquer, mas que em breve eu pretendo deixar até por que eu tô com 35 anos, daqui pros 45 não vou poder continuar. Com 40 anos já fica meio esquisito, os homens dão preferência às novinhas, então é assim (Whitney Houston, entrevista concedida em 22/01/2016).

Whitney Houston percebe a prostituição como um trabalho igual a qualquer outro. Ela afirma que adentrou nessa atividade profissional por não ter qualificação, pois a mesma não realizou curso que pudesse lhe abrir as portas para o mercado de trabalho. Em seu relato, ela nos aponta uma preocupação em decorrência da idade, por que ela se encontra com 35 anos e aos 45 acredita que não mais poderá continuar exercendo a prostituição, pois os homens dão preferência as mais novas no mercado.

Antunes (2013), em sua dissertação intitulada “Travestis Envelhecem?”, aborda sobre as experiências do envelhecimento de travestis afirmando que elas sofrem uma dupla estigmatização: por estarem envelhecendo e por estar envelhecendo como travesti. Em sua análise, aborda que as travestis que se prostituem sofrem por estes dois marcadores da diferença que são a velhice e a travestilidade.

Em relação a travestis que se prostituem, Antunes (2013, p. 104) afirma que são geralmente permeadas por valores, nos quais “os valores exaltados pelas travestis são a juventude, tamanho do pênis avantajado, traços delicados, nádegas grandes e belas”. É evidente que a questão da juventude pesa bastante para sua sobrevivência na profissão. “Fica claro que para as travestis que se prostituem, a velhice chega mais cedo, por volta dos quarenta anos de idade. A competição se torna mais acirrada em relação as mais jovens” (ANTUNES, 2013, p. 128).

A prostituição evidencia algumas relações desvantajosas para as travestis mais velhas em detrimento das mais jovens, pois há uma busca pela novidade e o novo. No caso as travestis mais jovens serão percebidas pela clientela como uma mercadoria a ser utilizada por mais tempo. Essa é uma preocupação que se faz presente no discurso de Whitney Houston, ao afirmar que aos 45 anos não vai mais dá para permanecer na profissão.

Quando questionada acerca de sua inserção no mercado da prostituição, Whitney Houston nos relatou que iniciou a trabalhar na prostituição aos 16 anos.

Quando eu comecei a me prostituir eu era novinho dezesseis anos, eu acho que foi por aventura mesmo, no começo foi aventura e não era nem falta de nada comida, nem era falta de vestir, não era falta de roupa, não era falta de comida era por aventura, eu caí na aventura. Aí comecei a me prostituir mesmo com 16, muitos anos mesmo. 16 anos já comecei a me prostituir e com dois anos depois virei travesti mesmo. Tomei hormônio, coloquei silicone no corpo, aí depois [Pausa] Aí depois, me senti à vontade. É automática, eu sou né, o negócio é dinheiro. Pra mim é dinheiro, eu só sinto mesmo prazer, amor, carinho quando eu tô com relacionamento ou quando eu saio pra uma festa que conheço uma pessoa, aí eu vou por que eu quero e não cobro nada. Mas na rua, quando eu baixo na rua o meu negócio é dinheiro e é automático, dinheiro mesmo. Eu não tenho esse negócio de ir pra rua, na maioria das vezes eu uno o útil ao agradável né, por que geralmente a gente sai com homens interessantes e tem outros homens que a gente não suporta nem olhar, vai por causa do dinheiro. E geralmente em festa, em alguma coisa evento que a gente vai, a gente se relaciona com a pessoa que sabe que ali ele não vai pagar, mas a gente vai por

pura vontade vai fazer o que for, mas é isso (Whitney Houston, entrevista concedida em 22/01/2016).

Em seu relato, Whitney Houston afirmou que adentrou na prostituição por aventura, diversão e não por falta de dinheiro. Em depoimento anterior, ela mencionou que a falta de qualificação profissional lhe empurrou para a prostituição, mas aqui deixa nítido que adentrou por aventura. É importante perceber que em ambas as formas mencionadas que a levaram a iniciação na prostituição, a mesma deixa explícito que o que importa é o dinheiro, ou seja: a partir do momento em que está nas ruas o que impulsiona a sua permanência é o dinheiro, pois ela se percebe de forma automática, e o conseguir dinheiro é o que importa naquele espaço.

Diferentemente de Whitney, que adentrou a prostituição por aventura, Selena afirma que, no geral, a falta de empregos as direcionam para a venda de serviços sexuais:

A maioria se prostitui por que não tem espaço, não consegue emprego e outras fazem por que realmente gostam. Acho que na maioria é uma questão financeira realmente, da necessidade. Por que não tem outros empregos e às vezes você arruma empregos ganha bem menos, aí não dá e você acaba se prostituindo. Lógico que tem o lado bom e o lado ruim também (Selena, entrevista concedida em 18/05/2016).

Há uma preocupação em relação ao fator de exclusão dos espaços formais no mercado de trabalho, pois a partir do momento que as travestis não são aceitas de alguma forma terão que sobreviver. Portanto, o mercado da prostituição se torna uma possibilidade de sobrevivência econômica. Apesar de, em seu relato, Selena informar que algumas travestis optaram por tal atividade, mas o que pesa realmente é a questão financeira.

E mais, Selena relata que há o lado bom e o ruim da prática da prostituição, entre estes:

O lado bom é que a gente consegue um dinheiro com os programas e conhece uns homens interessantes, já o lado ruim é a humilhação que a gente passa lá. Alguns passam jogam coisas, falam coisas, essas coisas de transfobia né que sempre acabam acontecendo. Aí também passam pessoas a pé olhando, é muita discriminação. Na verdade, é muito humilhante. Por isso que eu vou parar assim de ir [Parar de se prostituir], por que realmente você ganha algum dinheiro, mas

você é muito humilhado. Por que você realmente ganha um dinheiro, mas você é muito humilhada e você está ali exposta a tudo. Por que muitas vezes assim acontece, muitas vezes, eu nunca tive problemas assim né. Por que muitas que são enganadas, acho que é uma questão de quanto mais anos você tem mais acontece de tudo né. E eu tenho pouco tempo, acho que uns cinco meses só ou menos, mas assim é muito perigoso. Um dia eu também tava lá e pararam um carro com três rapazes que chamaram uma trans, aí começaram a conversar bem normal, aí de repente eles tiraram um spray de pimenta e tascaram no olho dela. Aí pronto (Selena, entrevista concedida em 18/05/2016).

Selena ressalta que o lado bom é o dinheiro que se adquire com os programas, mas ao mesmo tempo é muito humilhante, e por isso ela pretende largar a prostituição por conta das humilhações que passa. É importante mencionar que faz aproximadamente cinco meses que ela se prostitui e menciona que quanto mais tempo de atividade prostitucional, mais experiências de violências e humilhações elas passam. Ela afirma não ter sofrido violência, e talvez o pouco tempo que realiza atividade prostitucional seja o motivo dela não ter vivenciado agressões até então.

Para Selena, a prostituição representa humilhação, a realização de um trabalho que por mais que lhe garanta receber algum dinheiro, a faz se sentir triste por causa das coisas que é obrigada a ouvir e ver no exercício da prostituição. Por não se sentir à vontade nas ruas se prostituindo está tentando sair de tal atividade para buscar outra oportunidade de trabalho.

É importante perceber que na sociedade heteronormativa as travestis e transexuais são sujeitos que não correspondem à lógica hegemônica heterossexual. Portanto, esse fato lhes impossibilita de serem inseridas no mercado de trabalho que é hétero, burguês e misógino. A partir das exclusões que as travestis vivenciam, algumas cidades brasileiras, como o caso de São Paulo, criaram um site “Trans Emprego”,²⁰ um site direcionado para travestis e transexuais cadastrarem seus currículos e aguardarem vagas disponíveis nas empresas parceiras.

Esse feito se faz necessário tendo em vista as exclusões que as travestis e transexuais passam na sociedade. O ‘Projeto Trans Emprego’ surgiu de um grupo de amigas travestis como possibilidade de ofertar serviços para o público alvo. Ao mesmo tempo, serve de meio de divulgação de empresas no mercado de trabalho que atendam à

20

Disponível em: http://agenciapatriciagalvao.org.br/wpcontent/uploads/2013/11/estadospaulo07112013_havagasparatransexuaisetravestis.pdf acessado em 29/08/16. Acessado em: 29/08/16.

população de travestis e transexuais sem discriminação. É importante perceber que, se houvesse empregabilidade para as travestis não haveria a necessidade de construir um serviço específico para favorecer suas inserções no mercado de trabalho formal.

Corroborando as falas de Selena, Elis Regina menciona que a prostituição é um trabalho que a sociedade empurra as travestis para esta atividade.

A prostituição eu acho que a gente pode dividir em duas fases: a gente pode usar como opção e profissão né? E digamos assim que pode usar como uma forma de [Pausa] é que a sociedade empurra né? Por não ter emprego, por não ter muitas vantagens para o próprio transexual ou travesti, então às vezes a transexual ou travesti opta por esse caminho da prostituição e enxerga isso como um trabalho. Eu acho que é um trabalho, diferenciado, mas é um trabalho. Às vezes forçado e às vezes opcional. Tipo assim, diferenciado eu falo da forma, é como a sociedade vê. Não é um trabalho que você tem uma renda fixa, não é um trabalho que as pessoas é vem de uma forma honesta né? É uma forma desonesta que vem de seu corpo, de seu instrumento de trabalho [que] é seu corpo, então é diferenciado por esses motivos. É diferenciado também das pessoas que tem preconceito em relação a isso (Elis Regina, entrevista concedida em 09/06/2016 – grifos meu).

Elis Regina afirma que a prostituição é um trabalho diferenciado por conta da sociedade, que a vê de forma desonesta, pelo fato de utilizar o corpo para obtenção de lucratividade. Mas a diferenciação posta por Elis Regina está embasada no preconceito que as pessoas têm por conta de uma travesti ou transexual está numa rua se prostituindo. Ao mesmo tempo, dando continuidade ao seu relato, Elis Regina evidencia o olhar negativo com que a sociedade as percebe:

Olha, tudo o que eu vivi ali, muitas experiências traumáticas assim [Pausa] que eu possa assim dizer por mim né, assim em relação aquele ambiente de prostituição, mais o que eu gostaria de falar, eu acho que a gente tem que lutar por aquilo que a gente deseja. Acho que prostituição não é um caminho legal né, não é um caminho bom, a gente teve que lutar mesmo com o preconceito, mesmo por que a gente tá aí pra dar a cara pra bater. A sociedade nunca [Pausa] nunca vai ver como realmente nós somos como nos enxergamos como mulheres. A sociedade sempre vai ter um pezinho atrás em ver a gente ou como objeto sexual ou objeto de pirraça, objeto de zoação né, então eu acho que a gente tem que lutar mesmo tendo todas essas dificuldades da gente ter que mostrar para as pessoas que a gente tem que matar dois leões por dia, não um só, são dois leões por dia, então eu acho que a gente tem que lutar sim, estudar, a gente tem que procurar emprego, a gente tem que tentar. É só tentando que a gente consegue algo né? Quando a gente vai pro lado da prostituição às vezes a gente, às vezes

vai obrigado mesmo né. Algumas até, eu não vou dizer por comodismo né, mas é aquilo que naquele momento tá aberto pra ela, então ela vê aquilo como única opção. A gente tem que tentar sim por que não? Somos humanos, somos seres humanos como qualquer outra pessoa, temos sentimentos, temos desejos, nós choramos, ficamos tristes, eu gostaria que a sociedade nos visse como seres humanos acima de tudo. É isso (Elis Regina, entrevista concedida em 09/06/2016 – grifos meu).

Para Elis Regina a prostituição é percebida não como escolha, pois a mesma informa que esse não é o caminho, pois as travestis já lutaram muito para continuar existindo, principalmente dando à cara a tapa para que pudessem continuar sobrevivendo. Como ela mesma enfatiza, não é um, mas dois leões por dia que cada uma delas tem que vencer para continuar existindo. Mesmo suportando a todas as discriminações e preconceitos pelas quais vivenciam cotidianamente, ainda há esperanças que consigam algo para tentar desconstruir essa ideia de que travesti só serve para a prostituição.

Há um desejo no discurso de Elis Regina em que a sociedade possa enxergar as travestis como seres humanos, pois compartilham dos mesmos sentimentos de qualquer humano, como alegrias, tristezas. São seres humanos iguais a todos os outros, mas são excluídas por serem travestis.

Para Santos (2015), a prostituição é apontada pelas travestis da cidade dos Goytacazes como uma situação de comodidade e a travestilidade é utilizada como um recurso para vivenciarem as atividades sexuais. Nesse contexto, há uma naturalização em reconhecer as travestis que vivenciam as práticas sexuais como pessoas acomodadas e que assumem sua travestilidade apenas para tal prática.

Esse dado se confirma a partir de Carmen Miranda que se monta para exercer a prostituição de rua:

Prostituição é meu trabalho, é [Pausa] Eu não sou travesti 24 horas é por dia e eu trabalho me prostituindo. Por que é o meu trabalho, a gente meio que é obrigada a se prostituir. Eu não terminei os meus estudos, então eu não tenho um currículo bom. É, eu não consigo um emprego por que as pessoas vão olhar pra mim e vou sofrer muito preconceito, as pessoas vão ficar com indiretas, com chacotas e aí eu, a gente tem terminou sendo meio que obrigada. Eu me sinto obrigada a me prostituir por que não consigo abertura nos lugares. Os lugares não me dão oportunidade e aí eu preciso então a prostituição é um trabalho, que eu me monto e vou pra rua e me prostituo (Carmen Miranda, entrevista concedida em 24/07/2016 – grifos meu).

Carmen Miranda, em seu relato, afirma não ter um currículo bom e por esse motivo foi obrigada a ir para as ruas como forma de sobrevivência, e, portanto, se vê obrigada a realizar a atividade prostitucional. Atrelada a falta de formação mencionada por Carmen Miranda, vem à questão do preconceito como fator excludente exposto por Edith Piaf.

É como eu lhe falei, devido o preconceito que é muito grande, é difícil hoje em dia a gente encontrar alguém que diga: “vou arrumar um emprego pra você, vai começar a trabalhar”. Aí não tem aquele trabalho fixo, pra se manter a última solução é isso [Prostituição]. É melhor fazer isso do que roubar, matar, então é melhor fazer seu trabalho com prostituição, ganhar seu dinheiro e vim pra casa. Assim, eu não vou dizer, é uma coisa que me mantém, é um dinheiro miserável você sabe, por que é um dinheiro que vem fácil e vai fácil. É um dinheiro miserável. Mas assim, eu não vou dizer: que eu gosto cem por cento por que eu não gosto, por que quem tá nessa vida é obrigado a sair com todo tipo de gente né, sujo, limpo, gordo, magro, velho, feio, bonito. Então, é, assim, tem pessoas que vale a pena, tem pessoas que me trata bem, que é educada, sabe conversar, têm pessoas que já é ignorante, pessoas eu vejo sujo, aquela coisa toda e a pessoa é obrigado a aguentar. Mas, se eu tivesse um trabalho fixo eu acho que deixaria (Edith Piaf, entrevista concedida em 09/07/2016 – grifos meu).

Para Edith Piaf a dificuldade de inserção no mercado de trabalho é baseada no preconceito tão presente em nossa sociedade, pois, quem poderia dar emprego a uma travesti? Afirmou que a prostituição não é lá essas coisas, pois o fato de ter que se relacionar com todos os tipos de homens, sujos, velhos, feio, etc., por esse fator ela confirma que se tivesse um emprego formal deixaria a vida da prostituição.

É importante perceber o quanto as relações de inserção e permanências na atividade prostitucional traz desconforto para as travestis que a exercem. Nesse contexto, a prostituição é identificada por elas como um trabalho humilhante, desonesto, obrigada a realizar, que pretendem largar a atividade caso possam arranjar um emprego formal.

Para além da percepção da prostituição pelas travestis como algo negativo, vale mencionar que as relações exercidas nas ruas estão perpassadas pela violência, nas quais iremos abordar no terceiro capítulo desta dissertação, assim como elas (re)agem a tais violências caracterizadas por agressões verbais e físicas.

CAPÍTULO III – AGIR PARA EXISTIR: AS AGRESSÕES SOFRIDAS PELAS TRAVESTIS QUE SE PROSTITUEM E AS SUAS (RE)AÇÕES A ESSES ATOS DE VIOLÊNCIA

No decorrer do presente texto, mencionei que a heteronormatividade é uma ordem social/sexual que incita todos os indivíduos a se comportarem como heterossexuais, sendo considerado o modelo ideal, “natural”, de orientação sexual, legitimando uma linearidade/binaridade entre sexo e gênero. Assim, a linearidade entre sexo e gênero é uma norma exigida pela sociedade em geral, determinando que se você é ‘identificado’ como possuindo determinado órgão sexual (pênis ou vagina), então será obrigado a ter determinado gênero que corresponda ao seu sexo. Daí, dois conceitos podem ser confundidos:

De um lado, a orientação sexual de um indivíduo relaciona-se ao sentido do desejo sexual, seja com pessoas do sexo oposto, do mesmo sexo ou por ambos; desse modo, uma pessoa pode se considerar heterossexual, homossexual ou bissexual. Por outra perspectiva, a identidade de gênero costuma ser menos compreendida, e muitas vezes, confundida com o conceito de orientação sexual. No entanto, o termo faz referência a como os indivíduos se reconhecem dentro dos padrões de gênero estabelecidos socialmente (SILVA et al, 2016, p. 02).

Nesse sentido, destaco que, para além dos conceitos fixados a despeito da performance homem/mulher, incluo aqui a população trans – como exemplo travestis e transexuais, conceituadamente estabelecida como pessoas que apresentam performance de gênero contrária ao atribuído biologicamente. Destaco que tais pessoas são sujeitos que vivenciam experiências entre gêneros. Como não se enquadram na lógica heteronormativa são classificadas como identidades não-inteligíveis, ponto já destacado anteriormente. Sobre o assunto, Silva et al (2016) informa que entre a população de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, as travestis e transexuais “são as que mais sofrem com o preconceito e a discriminação no ambiente familiar e social, e por extensão, nos serviços de saúde, entre outros, nos quais prepondera a dificuldade de aceitabilidade e empregabilidade no mundo do trabalho e ocupação” (p. 02). Para essa população, resta, então, o trabalho informal, como a atividade prostitucional,

reconhecida como um espaço que ocorre todo tipo de violência, e, especialmente, neste caso, são rotineiramente destacadas diversas formas de agressões.

Análoga a uma rota de fuga pela sobrevivência, as pessoas com identidades transgênero são “não visíveis” na experiência e vivência societária, escapando à norma social e sendo, portanto, renegadas a uma subsistência oculta e vitimadas pelo preconceito imposto pela normatização social. Ou seja, apesar das conquistas e garantias constitucionais e outros direitos obtidos pela população de LGBT, o Brasil se mostra como um dos países com forte intolerância contra esse segmento (SILVA et al, 2016, p. 02).

Destaco aqui que a ênfase deste estudo que se concentra nas travestis que vivem da prostituição, pode inclusive reforçar a ideia de um lugar de destino destas. Mas quero deixar aqui bem claro que as travestis não vivem apenas da prostituição (apesar de que a grande maioria delas se prostitui ou exerce profissão do tipo cabeleireira, pelas próprias condições a que são submetidas, como visto anteriormente). Sobre o assunto, objetivando apresentar formas de sociabilidade das travestis que não sejam fundadas apenas no espaço da prostituição ou que teria como única saída à prostituição, pois isso poderia imobilizar a identidade da travesti, Andrade (2012), em sua tese de doutorado, apresenta a realidade de jovens travestis, estudantes de escolas públicas, que resistem a esse destino, provocando mudanças em suas vidas a partir de enfrentamentos e lutas travadas cotidianamente.

Sobre as múltiplas formas de intolerância e violência contra as travestis, estas se modificam de modo crescente, indo desde o assédio moral, passando pela discriminação até a morte. Certamente, a violência vivenciada pelas pessoas trans, seja psicológica ou física, é naturalizada no imaginário social, articulada e legitimada por significações do que é ser travesti e transexual, representações produzidas e disseminadas sobre o preconceito e discriminação no universo deste grupo. Como exemplo, tal afirmação pode ser comprovada através dos dados sobre a violência que esta categoria enfrenta no Brasil, sendo declarado em uma pesquisa que 10% dos sujeitos entrevistados – a maior parcela de homens – sentem ódio e aversão por pessoas trans. Destacando somente a antipatia pelo público, os números sobem para 46% (SILVA et al, 2016).

Diante do breve exposto, questiono: como as travestis resistem ao modelo heteronormativo a partir das relações de poder? Quais os tipos de violências sofridas por

elas quando exercem a atividade prostitucional? Quem são os/as principais agressores/as desde grupo? E, finalmente, como as mesmas, que cotidianamente resistem ao modelo heteronormativo, (re)agem às violências vivenciadas, especificamente, no momento da atividade prostitucional exercida por elas?

Aqui, então, estarei lançando um olhar sobre as violências vivenciadas pelas travestis que se prostituem na cidade de Campina Grande. Para tanto, será apresentada uma discussão acerca da violência e suas formas exercidas. Tomarei como reflexão as discussões proporcionadas por Rios (2009) e Goffman (1988), e apresentarei dados acerca das violências praticadas contra as travestis a partir de autores como: Brasil (2012), Carrara e Vianna (2006), Lopes (2015), Jesus (2012, 2013) entre outros.

Neste capítulo, inicialmente, buscarei reflexão em autores como Foucault (1988a, 1988b, 1995) de maneira que abordarei como as pessoas trans em geral, com destaque para as travestis, resistem ao modelo heteronormativo, circunscrito nas relações de poder, numa experiência de construção e/ou reinvenção de si. Seguidamente, por apresentarem um corpo transgressor ao referido modelo – são pessoas com corpos biologicamente masculinos e identidades de gênero femininas –, e, por isso, sofrem constantemente agressões verbais e físicas, analisarei os discursos das travestis acerca de suas vivências nas ruas da cidade de Campina Grande, no momento de exercerem a atividade prostitucional, destacando a violência sofrida decorrente da transfobia e, finalizando, suas (re)ações perante às práticas de violência exercidas contra elas.

3.1 Relações de poder e resistência à heteronormatividade

Ressalto que ao discutir a violência vivenciada pelas travestis é nítida que a mesma não ocorre como um fenômeno isolado, direcionado apenas para as travestis que estão exercendo a prostituição, mas se faz presente no decorrer de suas vidas, visto que quando decidem ‘se montar’, familiarizando-se e exibindo traços que a sociedade considera que são exclusivamente femininas, quase que imediatamente passam a sofrer violência sob as mais diversas formas de agressões.

As travestis, no seu processo ‘de montagem’, desconstróem e rompem com os papéis que são esperados para pessoas que são indicadas como homens e mulheres ao nascer, construindo, também, uma sexualidade na ‘fronteira’ entre os gêneros, ousando não seguir tais roteiros que a sociedade cria e dissemina. Elas inventam, atrevem-se, e como resposta recebem da sociedade desrespeito, estigma e exclusão. “Por seu desafio aos padrões de gênero historicamente e culturalmente construídos, são vistas comumente abjetas pelo restante da sociedade, sendo um dos alvos de violência preferidos, ou então colocadas dentro do campo do incompreensível e do patológico” (CEMIN; ECKER; LUCKMANN, 2012, p. 02).

Inseridas no interior das relações de poder/gênero construídas na sociedade ocidental moderna, as travestis, assim também como as transexuais, formam um grupo sempre colocado à margem, ‘do fora’, diante de tais relações hierarquizadas/assimétricas de poder estabelecidas.

Para compreendermos esse processo de resistência à heteronormatividade vivenciado pelas travestis, apresento a analítica de poder foucaultiano, no sentido de que para o mesmo “não há relação de poder sem resistência”, ou que toda relação de poder necessita, pelo menos de modo virtual, de uma estratégia de luta. (FOUCAULT, 1995, p. 244)

No texto *O Sujeito e o Poder* (1995), Foucault informa que não teve como alvo principal o estudo do poder, mas a compreensão das diferentes formas com que os sujeitos se constituíram. Portanto, em suas análises, conclui que a construção do sujeito se dá pelas formas de atuação do poder, seja de maneira mascarada ou não.

Foucault (1995, p. 234) afirma que o poder é algo “entre o invisível e o visível”, portanto, sendo exercido de uns sobre outros. Para ele,

o exercício do poder não é simplesmente uma relação entre “parceiros” individuais ou coletivos; é um modo de ação de alguns sobre outros. O que quer dizer, certamente, que não há algo como o “poder” ou “do poder” que existiria globalmente, maciçamente ou em estado difuso, concentrado ou distribuído: só há poder exercido por “uns” sobre os “outros”; o poder só existe em ato, mesmo que, é claro, se inscreva num campo de possibilidade esparso que se apoia sobre estruturas permanentes (FOUCAULT, 1995, p. 242).

Nesse sentido, o autor supracitado informa que não há algo como o poder, pois o mesmo só existe em ato, em ação de uns sobre outros. Porém, opera a partir de condutas reproduzidas pelos sujeitos, de maneira que o exercício do poder não passa de

um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações (FOUCAULT, 1995, p. 243).

É nesse sentido que o poder é uma relação de forças e toda relação de forças é uma relação de poder. As relações de poder se tornam ações sobre ações, ou seja, o poder opera a partir das possibilidades em que as ações de um sujeito facilitam para que o mesmo possa coagir ou agir diretamente contra outro.

A força não está nunca no singular, ela tem como característica essencial estar em relação com outras forças, de forma que toda força já é relação, isto é ‘poder’: a força não tem objeto (que não tem poder) e nem sujeito (que tem o poder) a não ser a força. É uma ação sobre a ação, sobre as ações eventuais, ou atuais, ou futuras e presentes. O poder não é essencialmente repressivo (já que incita, produz, suscita). Ele se exerce antes de possuir. Passa pelos ‘dominados’ quanto pelos ‘dominantes’ (já que passa por todas as forças em relação).

Um exercício de poder aparece como um ‘afeto’, já que a própria força se define por seu poder de afetar outras forças e de ser afetado por outras forças (afetos ativos e afetos reativos). Simultaneamente, você exerce poder sobre os outros (força afetiva) e os outros exercem poder sobre você (força afetada). E cada força que tem o poder de afetar (outras) e de ser afetada (por outras, novamente), de tal forma que cada força implica relações de poder. Assim, todas as relações estabelecidas são relações de poder, pois “o poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 1988a, p. 89).

O referido autor apresenta como significado o poder não como uma instituição e nem uma estrutura, mas como sendo “uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada”. Ele descreve o poder como sendo:

a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalizado institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais (1988a, p. 88-89).

É importante mencionar que Foucault (1988a, p. 89-90) ressalta acerca do poder que o mesmo “não é algo que se adquire, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis”. É nesse sentido que as relações de poder são assimétrica, hierárquicas, no propósito de que alguns possuem a chance de exercer mais poder do que outros: os homens mais do que as mulheres, as pessoas brancas mais do que as pessoas negras, os heterossexuais mais do que os gays, lésbicas e pessoas trans etc.

É a partir da ideia de que o poder, como relação de forças, age sempre como gerador de afetos, que a resistência surge para Foucault como um terceiro poder da força. (MACIEL JR., 2013)

Se as forças se definem segundo o poder como um afetar e um ser afetado, resistir é a capacidade que a força tem de entrar em relações não calculadas pelas estratégias que vigoram no campo político. A capacidade que a vida tem de resistir a um poder que quer geri-la é inseparável da possibilidade de composição e de mudança que ela pode alcançar (MACIEL JR., 2013, p. 02).

Para Maciel Jr. (2013, p. 02), não devemos confundir resistir com reagir, sabendo que, quando reagimos, oferecemos a resposta àquilo que o poder deseja de nós; porém, quando resistimos causamos possibilidades de existência a partir de composições de forças nunca vistas. É neste aspecto que resistir é sinônimo de criar. “Sendo assim, a resistência é, para Foucault, uma atividade da força que se subtrai das estratégias efetuadas pelas relações de forças do campo do poder”. Tal atividade possibilita à força entrar em relação com outras forças surgidas de um lado de fora do poder. “Forças do devir, da mudança, que apontam para o novo e engendram possibilidades de vida”. Exatamente por isso as resistências são sempre mutáveis,

sempre se refaz de acordo com os poderes que se atualizam na atualidade. “Nesta inflexão, resistir é criar, para além das estratégias de poder, um tempo novo”.

Referindo-se às possibilidades de resistência, Foucault (1988a) explica que dois termos ‘poder’ e ‘resistência’ não se encontram em relação de exterioridade.

Lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder. Deve-se afirmar que estamos necessariamente “no” poder, que dele não se “escapa”, que não existe, relativamente a ele (FOUCAULT, 1988a, p. 91).

Para Foucault, se o poder existe em uma rede multiforme de relações, os pontos de resistências também devem existir. Dessa maneira, como não existe um poder central, não existe um local único de recusa, mas sim pontos de resistências, “de escape, de fuga, de estratégias que revertam à situação” (FOUCAULT, 1988b, p. 12). Pontos estes que não podem existir a não ser no campo estratégico das relações de poder. Assim, as resistências “são o outro termo nas relações de poder; inscrevem-se nestas relações como o interlocutor irreduzível” (1988a, p. 91).

Também são, portanto, distribuídas de modo irregular: os pontos, os nós, os focos de resistências disseminam-se com mais ou menos densidade no tempo e no espaço, às vezes provocando o levante de grupos ou indivíduos de maneira definitiva, inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento (FOUCAULT, 1988a, p. 91-92).

Foucault (1988a), ao afirmar que as resistências estão ligadas a relações de poder, não quer dizer que estejam fadadas ao fracasso, mas que ambas estabelecem um tecido espesso que atravessa os aparelhos e as instituições como possibilidade de existir sem se localizarem nestes dispositivos. Os pontos de resistências são, na maioria das vezes, “móveis e transitórios, que introduzem na sociedade clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam agrupamentos, percorrem os próprios indivíduos, recortando-os e os remodelando, traçando neles, em seus corpos e almas, regiões irreduzíveis” (p. 92).

Nas páginas finais de *A Vontade de Saber*, Foucault vai nos dizer que quando o diagrama de poder abandona o modelo de soberania em

proveito de um modelo disciplinar, quando ele se torna “biopoder”, responsável pela gestão da vida, é esta, enfim, que surge como o seu novo objeto. Entretanto, ao tomar a vida como objeto ou objetivo, a resistência ao poder passa a fazer-se em nome da vida, e se volta contra o poder. Ou seja, a vida se torna resistência ao poder quando este toma como objeto a vida. (MACIEL JR., 2013, p. 02)

Ainda sobre a obra *A Vontade de Saber*, os pontos de resistência são apresentados como invencíveis diante das relações de poder, como destacado até agora neste texto em relação à analítica do poder foucaultiana. Quando se refere ao dispositivo da sexualidade, os pontos de resistência encontram-se nos corpos e nos prazeres. Assim, contra o dispositivo da sexualidade, o ponto de apoio do contra-ataque deve ser os corpos e os prazeres. Porém, os indivíduos não possuem os meios para fazer uso do corpo e dos prazeres contra esse poder subjetivante. É nesse sentido, até então, que a analítica do poder foucaultiana não possibilita modos de resistência para além do poder. (BAMPI, 2002)

Mas o primado da resistência - que constitui o ponto mais intenso da vida, ali onde ela se debate contra o poder, tenta utilizar as suas forças e escapar às suas armadilhas – não impede que Foucault perceba um certo equívoco ligado a *A Vontade de Saber*: se as relações de resistência não param de fabricar nós de poder, as capturas e as estratificações estarão sempre ocorrendo. E aqui surge a seguinte objeção: não estaria este livro atestando ainda uma certa incapacidade de passar para um lado distinto do poder, daquilo que ele faz dizer ou diz? Este livro termina explicitamente com esta dúvida. (MACIEL JR., 2013, p. 02)

Em suas entrevistas de 1984 – *O cuidado com a verdade* (1999c) e *Uma estética da existência* (1988c) –, Foucault afirma a necessidade de ter “invertido a frente”, de “dar voltas sobre o mesmo problema”, de “uma mudança de perspectiva”, dentre outras expressões que utilizou, para caracterizar um “deslocamento teórico no eixo do poder” e dar “voz à resistência” [...]. Na *Ética do cuidado de si como prática de liberdade* – entrevista com Foucault de 20 de janeiro de 1984 –, a noção de resistência é, explicitamente, retomada e reelaborada. A noção de resistência acompanha este deslocamento teórico no eixo do poder. (BAMPI, 2002, p. 135-136)

Posteriormente, a saída da dúvida acontece com a descoberta de um novo eixo, distinto ao mesmo tempo do eixo do saber e do poder. A ideia, então, é de uma terceira prática, estabelecida de uma subjetivação que foge aos poderes e saberes vigentes,

permitindo que Foucault realize uma revisão geral na origem das resistências, esclarecendo esse caminho “que mal se discernia enquanto se encontrava enrolado junto com os outros. Nesse sentido, podemos dizer que é a prática de si que resiste aos códigos e aos poderes, e que a relação consigo estará sempre se fazendo em qualquer momento da história” (MACIEL JR., 2013, p. 02).

Foucault passa, então, a analisar as tecnologias de governo não somente orientadas para os outros (poder de afetar os outros e de ser afetado pelos outros: governabilidade dos outros), mas também para si (poder de se auto afetar: governabilidade de si mesmo). É o deslocamento do governo dos outros para o governo de si que permite introduzir a temática da autoconstituição do sujeito.

Ora, é a criação deste novo eixo – o terceiro eixo – que irá permitir a Foucault formar um novo estatuto para a subjetividade.

Quando se fala de “sujeito”, para Foucault, deve-se “falar de ‘modos de subjetivação’”. A relação da força consigo se constitui em ações sobre ações. Trata-se de dobrar a “linha de força”, ou melhor, da invenção de outros e novos modos de existência “capazes de resistir ao poder bem como se furtar ao saber, mesmo se o saber tenta penetrá-lo e o poder apropriar-se deles”. (BAMPI, 2002, p. 137)

Tais modos de existência ou possibilidades de vida, não param de se criar e recriar, visto que é um trabalho de si, sobre si mesmo, que pode ser compreendido como certa liberação, como um ato de liberação. É essa constituição de um lado de dentro como efeito de uma prática de si, como afeto de si para si, que possibilitará pensar uma prática de liberdade positivamente. “A consecução desta prática e a teleologia do sujeito livre é a novidade destacada pelo terceiro eixo que compõe o sistema de pensamento de Michel Foucault” (MACIEL JR., 2013, p. 03).

E como essa prática de si condiciona a resistência?

O relacionamento a si, como condição que deriva do par saber/poder, constitui um terceiro eixo que abre para a subjetividade um campo facultativo de escolhas, inseparáveis das resistências que o humano desenvolve em relação à sujeição imposta pela cultura (MACIEL JR., 2013, p. 03).

Dessa maneira, as relações são pautadas em uma ampla rede de acontecimentos em que os sujeitos se fazem permitir. Nesse contexto, as travestis, assim como as transexuais, nessa relação consigo mesma, nessa possibilidade de se auto afetar, desafiam e resistem constantemente às normas regulatórias da sociedade, assumindo o desconforto da ambiguidade, do ‘entre lugares’. (CEMIN; ECKER; LUCKMANN, 2012)

Como evidenciado anteriormente, aquilo que é desafiado pelas pessoas trans é a ordem compulsória sexo – gênero – desejo. Tal ordem é compreendida como sendo construída através de um discurso situado histórico e culturalmente. Nesse caso, é imprescindível compreender não apenas o caráter de construção histórica social do gênero, “mas também do próprio sexo (corpo biológico), de forma que a distinção entre gênero e sexo seja nula” (CEMIN; ECKER; LUCKMANN, 2012, p. 04).

Assim, é necessário compreender que a nomeação do corpo (como menina ou menino), ocorre no interior de uma lógica a-cultural, a-histórica, imutável e binária, no sentido de que determinado sexo (macho ou fêmea) desencadeará ‘naturalmente’ determinado gênero (masculino ou feminino) e como consequência induzirá a uma única forma de desejo (o outro sexo). Tal ordem compulsória sexo – gênero – sexualidade é desconstruída pelas pessoas trans. Ora, as travestis comprovam como as ideias de masculino e feminino são construções e não algo dado biologicamente.

É na relação de si consigo mesma, no poder de se auto afetar, que os corpos das travestis estão constantemente passando por processos de transformações, sempre se reiventando, se fabricando, se redesenhando. A liberação ou libertação da heteronormatividade, no caso das travestis, ocorre nesse processo de transição do masculino para o feminino. Entretanto, tais transgressões e subversões, possível pela descontinuidade da ordem sexo – gênero – sexualidade, são colocadas no lugar do incompreensível e do patológico, e, por isso, não estão livres dos constrangimentos e/ou de violências caracterizadas por agressões verbais e físicas (LOURO, 2004; BENEDETTI, 2005).

São pessoas que “fogem” às linhas demarcatórias de normalidade, sujeitos que subvertem o gênero e a sexualidade. Travestis e transexuais que redesenham as fronteiras das “verdades” sobre o sexo. Os “maus sujeitos”, que são a todo tempo controlados e vigiados, pois

são indivíduos fora da ordem sexual hegemônica. (CARVALHO, 2016, p. 02)

Nos próximos subitens, então, irei apresentar e analisar as práticas de violência cometidas contra as travestis no momento de desenvolverem a atividade prostitucional e, também, como elas (re)agem frente às agressões sofridas.

3.2 Violência e transfobia: uma análise da violência exercida contra as travestis

Muitos trabalhos ressaltam que a problemática da violência acompanha a humanidade desde sua origem e manifesta-se de formas e em circunstâncias diferentes.

Segundo Levisky (2010), a busca pelo conceito do que seria a violência não é algo fácil, pois a ação geradora relativa à violência pode ter significados múltiplos de acordo com cada cultura em que esteja sendo realizada, seja em relação aos momentos e condições diferenciadas que possam vir a ocorrer. Como exemplo, o autor resalta que na Idade Média certos procedimentos violentos eram formas de demonstração de amor a Deus, como a prova do ordálio, “que consistia em submeter o suspeito de crime ou de falso amor a Deus a ter que segurar uma barra de ferro em brasa para provar sua inocência. Caso não se queimasse, seria absolvido como prova da verdade e do amor divino” (p. 06). Destaca, também, que tais atitudes de autoflagelo, que na Idade Média não passavam de uma prova de demonstração de amor a deus, nos dias atuais são inadmissíveis para o bom senso do cidadão comum e no interior da nossa cultura, visto que, a partir de nosso olhar atual, não passam de um tipo de violência. É nesse contexto que, para o referido autor, é difícil classificar o que é violência e o que não é violência por causa do fator cultural em que ela esteja sendo exercida.

Mesmo apresentando o seu ponto de vista acerca das dificuldades de compreensão do conceito de violência, Levisky (2010) apresenta tal conceito a partir de Rocha (1996):

A violência, sob todas as formas de suas inúmeras manifestações, pode ser considerada como uma força que transgride os limites dos seres humanos, tanto na sua realidade física e psíquica, quanto no campo de suas realizações sociais, éticas, estéticas, políticas e religiosas. Em outras palavras, a violência, sob todas as suas formas,

desrespeita os direitos fundamentais do ser humano, sem os quais o homem deixa de ser considerado como sujeito de direitos e de deveres, e passa a ser olhado como um puro e simples objeto (ROCHA, 1996, apud LEVISKY, 2010, p. 06-07).

Para o autor supracitado, a violência é uma força que transgride os limites dos seres humanos de maneira que perpassa todas as instâncias sociais, fazendo com que o sujeito perca a noção de seus direitos e deveres.

De acordo com Souza et al (2015), no âmbito da saúde coletiva, a concepção de violência é bastante abrangente, sendo considerada como um conjunto que envolve: “a possibilidade ou a ameaça potencial de uso da força física; os abusos nas relações entre grupos sociais; a opressão e o abandono de segmentos populacionais; e o abalo causado por torturas físicas e emocionais”. Tais acontecimentos de violência revelam as tensões presentes em todas as sociedades humanas. Nesse sentido, “a violência é um fenômeno de causalidade complexa, que envolve diversas dimensões da experiência humana”, apresentando contornos definitivos na contemporaneidade, “pois dramatiza causas emergentes e as situa no debate público”. Mesmo não sendo um problema específico da área de saúde, a violência afeta diretamente a saúde. (p. 768)

Quanto aos estudos sobre violência no Brasil vêm se multiplicando e informando dimensões necessárias da violência exercida contra crianças e adolescentes, assim contra mulheres e também idosos. Isso inspirou e tem influenciado importantes documentos, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a Lei Maria da Penha e o Estatuto do Idoso.

O tema violência entrou com mais vigor na agenda da saúde no Brasil, na década de 1980, e, a partir de 1990, a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e a Organização Mundial da Saúde (OMS) incluíram especificamente a violência no endereçamento das políticas públicas da saúde. Os reflexos da violência na saúde da população mundial e brasileira vêm sendo estudados por diversos autores (SOUZA et al, 2015, p. 768).

Referindo-se à discussão da violência contra travestis, Souza et al (2015) afirma que é um tema que, apesar de alguns louváveis esforços, até o presente tem recebido pouca consideração da academia, das organizações da sociedade civil e dos governos.

Quero destacar que neste capítulo não reconheço um conceito unívoco de violência, visto que meu interesse foi constatar, inicialmente, como as travestis entrevistadas definiram violência, observando situações que ocorreram agressões que as mesmas prefeririam, obviamente, não sofrer. Assim, a reflexão aqui não parte de nenhum conceito de violência, mas pretende focar as práticas de violência e modos de (re)ações das mesmas nas narrativas de agressões tanto físicas quanto psicológicas vivenciadas pelas travestis em seus trajetos, particularmente quando exerce a atividade prostitucional. Certamente, tais agressões produzem narrativas de sofrimento produzidas pela escolha e pela condição de travesti e/ou travesti prostituta. Contemplo, enfim, a violência vivenciada pelas travestis no seio de dinâmicas sociais marcadas por relações de poder hierarquizadas, que caracterizam a experiência das mesmas diante de uma ordem social heteronormativa.

Sobre a violência sofrida pela população de Lésbicas, Gays, bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), no ano de 2012, pela primeira vez no Brasil, foram publicizados dados oficiais sobre as violações de Direitos Humanos da referida população, reportadas ao Poder Público Federal por meio do “*Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil, Ano de 2011*”. Tais dados indicaram que o número de homicídios de pessoas LGBT no Brasil aumentou 11,51% de 2011 para 2012.

Os resultados também apontaram que travestis e transexuais seguem sendo as maiores vítimas de violência homofóbica e das violências de maior gravidade, como homicídios e lesões corporais. Autores que desenvolvem pesquisas a respeito da hostilidade contra a população LGBT mostraram que a violência que atinge travestis, sobretudo as que atuam como profissionais do sexo, é mais agressiva do que a que tende a vitimar outros homossexuais, particularmente os que não exibem os sinais de diferença no corpo (SOUZA et al, 2015, p. 768).

Silva et al (2016) destaca que a principal ocupação laboral de pessoas trans, principalmente travestis e transexuais, é cabelereira ou garota de programa. Por esse motivo, em decorrência da baixa qualificação e da falta de oportunidade no mercado formal, muitas encontram na atividade prostitucional um meio de renda, tornando-se os principais alvos de violência na rua e/ou de mortes por fatores externos. Como exemplo, “uma pesquisa sobre a territorialização da violência contra travestis e transexuais comparou a relação entre a ocupação exercida e a espacialidade da morte”, percebendo

que as principais vítimas foram as que praticam atividade prostitucional, “seguidas das cabelereiras, e a rua e a residência foram os locais predominantes” (p. 06).

A pesquisa que realizei mostrou que, nos itinerários das travestis, a violência é constante e ocorre de múltiplas formas. Assim, as travestis entrevistadas revelaram ter sido vítima de algum tipo de violência. Tais dados confirmam a intensa intolerância contra as pessoas trans e os inúmeros casos de violência transfóbica que são noticiados diariamente pela mídia.

A partir do exposto, inicialmente, no momento da entrevista, foi perguntado a cada uma das travestis o que seria violência para elas. Assim, para Whitney Houston, violência é:

Violência pra mim é o que acontece, acontece muita violência na rua. Principalmente à noite quando a gente tá se prostituindo. As pessoas passam e jogam pedras, outras pessoas passam e xingam e o risco que a gente corre também de está numa esquina e o pessoal sai com a gente e a gente não sabe o que ele tá pretendendo, se é o programa mesmo ou aprontar... Então é violência, né? Já abusaram de mim, primeiro sem eu querer né, que no caso já é violência. Não é nem estupro né, é violência. (Whitney Houston, entrevista concedida em 22/01/2016).

Nesse relato, é nítida a fragilidade em que as travestis que estão nas ruas se prostituindo sofrem, pois algumas pessoas passam e jogam pedras, ocorrem xingamentos constantes por estarem naquele espaço exercendo a atividade prostitucional. Além disso, apresentam o receio de estarem saindo com seus clientes, mas não saberem o que pode ocorrer. A Whitney Houston declara que já havia sido abusada, sendo forçada a prática sexual sem consentimento. Apesar dela não ter definido claramente em sua narrativa o que diferenciaria o estupro da violência, deixou claro que sofreu violência e não estupro. Evidente que o estupro é uma forma de violência, apesar de ser negado a sua prática contra as travestis, no sentido de que no imaginário social apenas uma mulher biológica pode ser estuprada, e estupro ocorre quando há penetração sem consentimento.

É preciso destacar aqui que a lei sobre o crime de estupro foi modificada em 2009. Assim, a Lei 12.015, de 2009, extinguiu o crime de atentado violento ao pudor incluindo tal conduta em estupro. Tal unificação dos crimes de estupro e atentado violento ao pudor num só tipo penal abriga como sujeitos passivos e como sujeitos

ativos o homem e a mulher. Nesse contexto, o artigo 213 do Código Penal passou a vigorar do seguinte modo: “Art. 213 – Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso”. Tal redação altera a ideia de que o sujeito passivo do delito só poderia ser “mulher” a partir da substituição da expressão “mulher” por “alguém”, ou seja: anteriormente o crime de estupro exigia a condição especial do sujeito ativo, que era considerado somente o homem, e do sujeito passivo do delito, que só poderia ser a “mulher biológica”. Agora, além do crime de estupro poder ser praticado por homem ou mulher, o sexo do ofendido é indiferente para a caracterização do crime, tendo como sujeito passivo o homem ou a mulher. É nesse sentido que o homem pode ser vítima de estupro, desconstruindo a Lei anterior que considerava estupro apenas a penetração do pênis na vagina.

Considero tal modificação uma inovação, visto que foi juntado em um único crime de estupro o constrangimento ao sexo vaginal e o constrangimento ao sexo anal (antes punido como atentado violento ao pudor). Certamente que, na atualidade, sem essa diferenciação, não poderá ocorrer mais dúvidas quanto ao fato de uma pessoa trans ser vítima ou não de estupro. A referida equiparação dos dois crimes extingue tais dúvidas e/ou discussões. Ora, atualmente, a sociedade exige respeito à diversidade de condições sexuais e de gênero, permitindo liberação de costumes sexuais antes desconsiderados e estigmatizados no meio social, entendendo que hoje também não é mais possível classificar os gêneros humanos numa lógica binária, simplesmente como masculino e feminino.

A nova Lei do estupro também modificou o Código Penal, ajustando-o às realidades da atualidade, substituindo, no Título VI, a antiga designação “Dos crimes contra os costumes” para “Dos crimes contra a dignidade sexual”, dividindo as vítimas entre maiores e menores de 14 anos (vulneráveis),²¹ entre outras.

Diz-se com razão que a objetividade jurídica dos delitos em causa deixou de focar a proteção dos costumes, ou seja, os hábitos sexuais das pessoas, para melhor acomodar-se na liberação de certos costumes

²¹ O menor de 14 anos tem uma proteção especial da lei brasileira, considerando que com essa idade é proibida qualquer conduta sexual, com ou sem consentimento. Assim, o estupro de vulnerável é crime mesmo com o consentimento da vítima. A lei também protege quem não pode oferecer resistência ao estupro, seja por possuir alguma enfermidade ou problema mental ou por estar em uma situação vulnerável, não tendo discernimento para oferecer resistência, como uma pessoa drogada, por exemplo.

antes reprimidos pelos padrões morais arraigados na sociedade [...]; na liberdade de escolha e na proibição de violar essa liberdade, justamente em respeito à dignidade da pessoa humana (RAMOS, 2009, s/p).

É nesse sentido que qualquer ato com sentido sexual praticado por alguém sem permissão da vítima, como um toque íntimo – um beijo lascivo forçado, por exemplo – atualmente é significado estupro pela lei.

Retornando à narrativa da travesti Whitney Houston, quando relatou que não aceitou a prática do sexo forçado e por isso havia sido vítima de uma violência (e para ela não foi estupro), é bom lembrar que na sociedade ocidental parte da população acredita que as travestis são sujeitas devassas, que estão na rua apenas para o sexo casual, portanto, abertas a prática sexual com qualquer pessoa e a qualquer momento. Ela informou também que alguns homens que as procuram nas ruas querem realizar a atividade sexual sem o devido pagamento exigido por elas. Um exemplo foi mencionado na introdução desta dissertação, quando os rapazes de moto apareceram na rua e abordaram as travestis e elas se recusaram a fazer sexo gratuito. Muitas vezes essa recusa gera a prática de algum tipo de violência contra elas, e, supomos, que esse foi o motivo de Whitney Houston ter sido estuprada.

Neste momento, questionei certa das piadas mencionadas por ela e presenciadas por mim quando estive nas ruas com as mesmas. Questionei como elas se percebem em relação às piadas, já que algumas vezes ouvi os gritos saindo dos carros que trafegavam pelo local.

Toda vida é assim, em uns minutinhos que você passou com a gente né. Você não chegou há cumprir cinco horas, quatro horas como a gente fica. Eles soltam piadas mesmo, soltam piadas quando a gente está dentro do carro deles com eles, eles soltam piada, eles geralmente dizem: “olhe eu tive essa transa com você, mas a minha mulher é bonita demais, não devia ter trocado não”, depois de ter feito a relação e tá levando a gente pro lugar, diz assim: “ganharam um dinheiro muito fácil, aí eu não dou costume nem de dar isso pra mulher e que não sei o que”. Isso é desvalorizando o nosso trabalho né e se ele tava ali não foi ninguém que puxou ele pra ir pra li, então, ele desvaloriza mesmo, a maioria deles são assim. Tem uns que vem e não fala nada, esse aí ainda escapa que não dão nem um piu e até na hora de sair do carro e dizer xau, nem xau eles dão, então é assim também. (Whitney Houston, entrevista concedida em 22/01/2016).

Essas formas de agressões verbais proferidas pelos clientes, por exemplo, desqualificando-as profissionalmente e/ou comparando-as as suas esposas que são “mulheres biológicas”, muitas vezes devem ser ouvidas e silenciadas por conta da violência generalizada no país e, especificamente, a violência contra as travestis que é fato corriqueiro, como afirma Edith Piaf:

A violência é uma coisa ridícula que tá acontecendo no nosso Brasil né, não vou nem dizer aqui na nossa região, por que é no Brasil inteiro que tá acontecendo a violência. Hoje em dia você não pode olhar pra ninguém e dizer que é feio ou bonito que tão matando né, e violência existe em todo canto, toda esquina, roubo e a gente tem que saber entrar e saber sair. Por mais que a gente esteja certa, mas a gente tem que baixar a cabeça nessa hora, por que a gente tem o que perder né e eles não. Eu nunca sofri nenhuma violência, nunca sofri graças a Deus, por que eu sei entrar, sei sair e conversar entendeu? Sei conversar com as pessoas, me mostro ser uma pessoa educada, entendeu? Nunca sofri agressão assim não, do povo bater em mim não [Pausa] Eu acho que hora a pessoa peca um pouquinho, se a pessoa não tem calma, tem estresse é o que eles querem pra levar pra frente e maltratar né. Eu acho que é safadeza mesmo que eles fazem com as outras pra chegar e tá batendo assim, mas comigo é assim, o que eu quis dizer que eu evito muito certos tipos de lugares para não acontecer isso. Só vou em lugares que tenham movimento, segurança, essas coisas são os lugares que eu gosto de ir. Lugares que sejam mais seguro pra mim entendeu? (Edith Piaf, entrevista concedida em 09/07/2016 – grifos meu).

Em seu relato, Edith Piaf ressalta que a violência é um dado generalizado em nosso país, que em toda parte pode acontecer roubo, agressão etc., ao mesmo tempo em que especifica a Região Nordeste que em sua visão apresenta um maior índice de violência. Para a entrevistada, a banalização da violência no país obriga as pessoas a não dizer mais nada ou dar ouvido as piadas e chacotas que são proferidas contra elas, apesar dela informar nunca ter sofrido nenhuma agressão, já que para evitar isso a mesma informou que sabe entrar e sair dos espaços, não incomodando.

Um exemplo acerca da violência cometida no país contra a população LGBT é apresentado no Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil, no ano de 2012, que ao divulgar os números de denúncias realizadas ao disque 100, apresenta os Estados da região Nordeste com os maiores índices de violência, especificamente o Estado da Paraíba, ocupando o 3º lugar no ranking das violências cometidas contra LGBT. Assim, no Estado da Paraíba, apenas no ano de 2012, foram realizadas 94 denúncias sobre 203

violações registradas pelo Poder Público. Em comparação ao ano de 2011, quando foram notificadas 28 denúncias, ocorrendo um aumento de 235% de denúncias, mesmo o Estado contendo 03 legislações estaduais protetivas da população LGBT:

Lei nº7.309, de 10 de janeiro de 2003 “Proíbe discriminação em virtude de orientação sexual e dá outras providências”; Lei nº7.901, de 22 de dezembro de 2005 “Institui o Dia Estadual da Diversidade Sexual da Paraíba”; Portaria nº41/2009-GS art.1º “Determinar que todas as Unidades que integram a Secretaria de Estado do Desenvolvimento humano, na Capital e no interior do Estado, passem a registrar o nome social de travestis e transexuais em fichas de cadastro, formulários, prontuários e documentos congêneres no atendimento prestado aos usuários dos serviços” (BRASIL, 2012, p. 73).

É importante que mesmo o Estado da Paraíba contendo leis específicas para o atendimento das demandas LGBT, ainda assim há um número significativo de violações dos direitos de LGBT. Nesse sentido, as leis não impedem que as práticas de violência aconteçam contra as travestis. Violência percebida pelas travestis como algo ‘natural’ que a sociedade lhes oferece como forma de punição por destoarem das normas hegemônicas baseado na heteronormatividade, portanto, sendo necessário que apresentem determinado comportamento ‘adequado’ para que sejam respeitadas. Edith Piaf nos relatou que “sabe entrar e sair dos lugares”, como se a existência de sua performance feminina precisasse ter uma conduta/comportamento adequado às normas societárias para que fosse aceita e não sofresse agressões.

Outro fator é que Edith Piaf tem que buscar espaços mais seguros para que se sinta à vontade para frequentá-lo. Assim, além de moldar seu comportamento, ainda tem que procurar um lugar em que possa ser aceita por conta da violência praticada contra as travestis.

Nesse contexto, Carmen Miranda informa sobre as práticas de violência como algo que a sociedade tem para oferecer para elas:

Violência é o que a sociedade tem para nos oferecer. É aquilo que a sociedade nos dá, é o xingamento quando se caminha pela rua, é o espancamento que recebe no trabalho, é a rejeição do currículo que você tenta conseguir [Referindo-se a busca por emprego], isso é a violência. A violência é essa forma que a sociedade rejeita e trata a gente. Eu já fui xingada de muitas coisas: bicha,

veado, essas coisas toda, xingamento é [Pausa] (Carmen Miranda, entrevista concedida em 24/07/2016 – grifos meu).

Segundo Cruz e Sousa (2014), o fato das travestis violarem a norma binária heterossexual faz com que elas sejam investidas numa personalidade de não humanos. Portanto, a sociedade passa a vê-las como monstros, anormais, a partir de classificações pejorativas em que esses sujeitos podem gerar um sentimento de ódio explícito, persistente e generalizado contra si.

Para as referidas autoras, as travestis, ao serem formadas em resistência às normas de gênero, passam a ser socialmente marginalizadas em uma sociedade ocidental constituída dentro de uma lógica binária dividida em homens e mulheres. Portanto, os sentimentos de aversão são formas de violência punitivas contra os sujeitos que não se adequaram a lógica hegemônica heteronormativa.

A partir da diferenciação do binário as travestis são relegadas a abjeção, de maneira que estarão mais vulneráveis às diversas formas de violências. Para Selena a violência acontece por conta das travestis serem diferente do padrão de normalidade. Nesse sentido, a violência é,

alguém me abordar ou então entendeu, alguns clientes me enganam, combinam um valor e depois não pagam e agride. E entre as travas também, as travestis também tem muito isso, a cafetinagem que você é obrigada a pagar, então eu acho que é isso. Violência é isso, na maioria das vezes elas se agridem né, se atacam mesmo. Tem, assim, cobra-se o ponto né, digamos assim, todo fim de noite você tem que dar algum dinheiro senão no outro dia que você voltar apanha e tudo né. [Pausa] Pela questão da sexualidade, pela questão dos trajes também né. E a gente, sei lá [Pausa] A gente quer ser outra pessoa, a gente quer ser realmente mulher mesmo. Não sei se todas concordam, mas eu acho que é isso. Assim você se sente mulher, eu me sinto mulher. (Selena, entrevista concedida em 18/05/2016 – grifos meu).

Selena enfatiza as formas de violências a que as travestis estão acostumadas a sofrer nas ruas, seja com seus clientes ou mesmo com outras travestis. Para ela, os clientes acertam um valor com ela e após a prática do sexo se negam a pagar o valor combinado, além das agressões praticadas por outras travestis, no geral as mais antigas, nos pontos de prostituição, que acabam se tornando as donas do espaço em que as mais novas vão trabalhar.

Outra questão mencionada por Selena é que à medida que as travestis passam a assumir sua performance feminina torna-se mais visível sua transgressão, pois é no corpo que se materializa a transformação do gênero. Para ela, o fato de querer ser uma mulher a torna suscetível das violências perpetradas ao gênero em construção.

Vale ressaltar que as violências estão diretamente atreladas ao estigma, quando Goffman (1988) afirma que nada mais é do que “uma marca ou um sinal no corpo”. Dessa forma, o estigma se torna algo que carregamos como identificação em que dita o que é ser normal e o anormal. O citado autor relata vivências de indivíduos que são considerados incapazes de se confinarem aos padrões normalizados da sociedade, a partir de exemplos de sujeitos com deformações físicas, psíquicas ou de caráter, ou mesmo qualquer outra característica que os torna diferentes e até inferiores aos olhos dos outros como sujeitos normais.

Goffman (1988, p. 13), acerca do termo estigma, afirma que o mesmo “será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo”. Para ele, o atributo que estigmatiza alguém tem como finalidade classificar a normalidade de outrem, como forma de enaltecer um sujeito em detrimento do outro.

Para o autor supracitado, o estigma passa a ser construído pela sociedade que “estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias” (GOFFMAN, 1988, p. 11). Dessa maneira, os membros da sociedade passam a construir categorizações para aqueles sujeitos que destoam do que é tido como normal, assim sendo, serão considerados anormais, estranhos, sujeitos contrários aos padrões naturais.

As prostitutas, os viciados em drogas, os delinquentes, os criminosos, os músicos de jazz, os boêmios, os ciganos, os parasitas, os vagabundos, os gigolôs, os artistas de show, os jogadores, os malandros das praias, os homossexuais, e o mendigo impenitente da cidade [...] São essas pessoas consideradas engajadas numa espécie de negação coletiva da ordem social (GOFFMAN, 1988, p. 154-155).

Fica evidente que os sujeitos mencionados por questão comportamental não devem contribuir para o progresso do país, pois, coletivamente, negam a ordem social. Nessa escala do desvio encontram-se as travestis atreladas a categoria homossexual, como sendo poluidora da sociedade por não exercer a masculinidade que lhe foi atribuída ao nascimento. Assim, as travestis, sujeitos que destoam do padrão de

normalidade a partir de sua performance de gênero feminina, de maneira que, de cara, estarão sendo visibilizadas a partir das transformações corporais realizadas em seus corpos, de modo que seus comportamentos sejam percebidos a partir do desvio, são consideradas sujeitos desviantes.

O pertencimento das travestis ao estigma construído pela sociedade faz com que esses sujeitos vivenciam, ao longo de suas vidas, discriminação e preconceito de modo que se sintam excluídas de todos os espaços possíveis. Na maioria das vezes, por serem sujeitos estigmatizados, sofrem uma rejeição de aproximação com o restante da sociedade.

Há pontos comuns na trajetória de vida das travestis, como sofrimento psíquico, discriminações, rejeição familiar, estigmas e dificuldades de inserção social. Logo na infância, seu profundo sentimento de inadequação, quando não se adequa ao modelo heteronormativo, ocasiona grande sofrimento psíquico. Na escola, sofre intensas perseguições no ambiente escolar, seja provocada pelos colegas, como também pelos professores e outros profissionais. A transfobia que experiencia, manifestada de forma mais perniciosa até do que a homofobia, encontra no ambiente escolar as condições favoráveis para se alastrar. Certamente que o preconceito e as agressões atingem lésbicas, gays e bissexuais, entretanto agravam-se enormemente em relação a travestis e também transexuais, visto que, ao construírem seus corpos, seus comportamentos, maneiras de se expressar, ser e agir, tornam visível uma nítida dissonância com as normas de gênero, destacando que não pretendem se adequar à “pedagogia do armário”.

Nesse contexto, as pessoas travestis e transexuais ao construírem seus corpos e suas maneiras de ser não passam despercebidas, portanto, ficando mais suscetíveis as diversas formas de negligências, violências por não reproduzirem o modelo heteronormativo.

É nesse sentido que as travestis estão expostas às piores formas de desprezo e estigmatização, exatamente por se situarem nos patamares considerados inferiores da “estratificação sexual”, ou seja, estão “mais visíveis”, “mais expostas” do que as lésbicas e os gays, por exemplo, e seus direitos são constantemente negados e infringidos, a partir da legitimação da indiferença geral.

Nesse contexto, as pessoas trans formam a parcela da população com maior dificuldade de permanência na escola e também de inserção no mercado de trabalho.

Neste último caso, a conquista de um vínculo formal de emprego, lembrando que seus documentos civis estão em desacordo com a identidade de gênero, é na maioria das vezes impossível. É assim, como colocado anteriormente neste capítulo, que essas pessoas são obrigadas a se submeterem a atividades subalternas e informais.

Goffman (1988, p. 27), ainda se reportando aos malefícios do estigma, sobre as relações entre uma pessoa considerada socialmente ‘normal’ – e que se intitula normal – e um sujeito estigmatizado, diz que:

Em vez de se retrair, o indivíduo marginalizado pode tentar aproximar-se de contatos mistos com agressividade, mas isso pode provocar nos outros uma série de respostas desagradáveis. Pode-se acrescentar que a pessoa estigmatizada algumas vezes vacila entre o retraimento e a agressividade, correndo de um para o outro.

Para Goffman (1988), a forma no trato com as pessoas muitas vezes se pauta seja pelo retraimento ou pela agressividade em decorrência do estigma, entendendo que os sujeitos que vivenciam um estigma acreditam que são visibilizados apenas por essa marca que carregam em seus corpos, pela categorização em ser nomeada por uma determinada característica. Dessa forma, ou o estigmatizado se posiciona de forma agradável para tentar esconder sua marca de diferenciação, ou de forma agressiva para evitar que seja percebido pelos outros, estes que são os normais em detrimento de outro ser inferior.

O estigma de uma travesti, como uma marca na personalidade a qual pode ou não ser ocultada, para aquelas passáveis por mulher, ou seja, que se assemelham a ponto de serem confundidas com uma mulher ‘verdadeira’, não terão tantos problemas quanto a que carrega determinados traços de masculinidade.

Para Rios (2009, p. 54), a violência contra travestis está perpassada por diversas manifestações de discriminação e preconceito. O autor descreve o preconceito como sendo “percepções mentais negativas em face de indivíduos ou grupos socialmente inferiorizados”. Essa identificação ou pertencimento a um determinado grupo faz com que os tornem inferiores nas relações sociais. Quanto ao termo discriminação, “designa a materialização, no plano concreto das relações sociais, de atitudes arbitrárias, comissivas ou omissivas, relacionadas ao preconceito, que produz violação de direitos dos indivíduos e dos grupos”. O conceito de discriminação está relacionado ao

preconceito, pois ele materializa o que é pensado de forma negativa acerca de um sujeito ou grupo. Portanto, a discriminação coloca na prática as percepções negativas sobre um determinado indivíduo.

O preconceito e a discriminação juntos são responsáveis pelas diversas formas de violências exercidas sobre os LGBT, violências estas que vão desde o assédio moral até a morte.

Perpassadas pelas diversas formas de violências, as travestis são hostilizadas, silenciadas, agredidas e até assassinadas. Essas agressões englobam um conceito maior que é a “homofobia”, em que Rios (2009, p. 59) a descreve como sendo “a modalidade de preconceito e de discriminação direcionada contra homossexuais”. A construção do termo está relacionada à rejeição ou aversão aos homossexuais e à homossexualidade.

A homofobia, para Rios (2009, p. 73), é exercida de forma intensa e cotidianamente,

ocorre sempre que distinções, exclusões, restrições ou preferências anulam ou prejudicam o reconhecimento, o gozo ou o exercício em pé de igualdade de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos econômico, social, cultural ou em qualquer campo da vida pública. Assim compreendida, a qualificação de um ato como homofóbico não depende da intencionalidade do ato ou da situação ocasionadora da lesão aos direitos humanos e liberdades fundamentais afetadas. Desse modo, há discriminação homofóbica sempre que, de modo proposital ou não, houver tal espécie de lesão a direitos, decorrente da concretização de preconceito diante de estilos de ser e de viver divorciados do heterossexismo.

Dessa forma, há uma negação e ou aversão à homossexualidade do modo de vida diferentemente do heteronormativo. Assim, a violência existirá sempre, seja proposital ou não, contra os sujeitos que destoam do padrão homem/mulher proposto como natural e normal. Cabe a cada um perceber que a violência não estará sendo exercida apenas através da força física, mas a todo o momento em que esteja sendo negado algum direito a uma pessoa do grupo LGBT.

Vale lembrar que Rios (2009) dá ênfase as formas de violências contra os LGBT a partir do termo homofobia, que enaltece a experiência da sexualidade masculina. O mesmo feito faz os movimentos LGBT de modo a evidenciar cada segmento que compõe a sigla, ao invés de utilizar lesbofobia, homofobia, bifobia, transfobia, etc.,

englobando todas as nomenclaturas ao termo homofobia como um guarda-chuva que pode abranger todos os segmentos.

No entanto, utilizo o termo transfobia proposto por Jesus (2012, p. 103) em que descreve da seguinte forma: “transfobia como sendo medo ou ódio a pessoas transgêneros”. Assim, evidencia os segmentos travesti e transexual a partir de suas particularidades, dando as devidas visibilidades as suas pautas de reivindicações.

Portanto, se faz necessário trazer para a discussão as vivências das travestis direcionadas pela transfobia como possibilidade de dar visibilidade as suas pautas de lutas, como: a questão do nome social nos registros, diminuir a discriminação ao serem respeitadas nos espaços por estar de forma feminina e sempre a chamarem pelo masculino, ou mesmo no momento de assassinatos em que a mídia faz questão de afirmar seu gênero contrário ao que ela vem construindo. Enfim, ao utilizar o termo transfobia quero estar fortalecendo a visibilidade do movimento trans ou transgênero em nossa sociedade.

A transfobia pode ser compreendida, então, como um conjunto de fatores que agrega o preconceito, violação dos direitos humanos como, por exemplo, a proibição do uso do nome social e a possibilidade de mudança no registro, exclusão estrutural desde a família, escola, mercado de trabalho – como destacado anteriormente –, ou mesmo o uso do banheiro a qual o seu gênero lhe atribui. Portanto, nesse trajeto de exclusões estão perpassadas por diversas formas de violências como ameaças, agressões e até assassinatos (JESUS, 2012).

Nesse sentido, a transfobia acontece das mais variadas formas, desde um xingamento, uma piada, a expulsão de casa, chegando ao ponto mais forte que são as agressões físicas e até assassinatos.

Desta maneira, questioneei acerca das violências que as travestis haviam sofrido no exercício da prostituição, o porquê aconteciam e as diversas formas de agressão contra elas. Em seu relato, Whitney Houston informou que ocorriam devido à exposição que as travestis se encontram nas ruas.

Essas violências acontecem por que a gente tá exposta ali na rua né e o preconceito também. É mais o preconceito, mas a gente esta ali também exposta e aí eles acham mais fácil e ali também se acontecer alguma coisa com a gente num vai [Pausa] acontece e fica por isso mesmo. Geralmente fica por isso mesmo, sempre fica por isso mesmo e principalmente como eu que nunca

denuncio. Eu acho que acontece por isso, por a gente está exposta e preconceito. Muito preconceito, homofobia mesmo. Pelo fato de ser travesti e pelo fato da gente está lá exposta na rua, pelos dois. Geralmente por a gente está exposta né, por que ser travesti também tem aquela coisa, se a gente não tivesse exposta ali não teria como acontecer, mas a maioria das vezes é por que a gente esta exposta. E a segunda por que somos travesti e tem muitos homens que, quando se juntam com dois, três se amostra, são muito homo [Referindo-se a serem homofóbicos], quer ser, vamos dizer assim querem ser homem e para a sociedade fica nessa coisa vê a gente e querem agredir mesmo, homofobia mesmo. Eu acho isso que a gente esta exposta primeira e homofobia (Whitney Houston, entrevista concedida em 22/01/2016 – grifos meu).

Para a travesti Whitney Houston as violências acontecem por dois fatores: primeiro pela exposição que se encontram as mesmas ao estarem nas ruas à espera de seus clientes, e segundo pela homofobia/transfobia. A transfobia, segundo seu relato, é causada pelo preconceito enraizado entre os homens que frequentam o local, seus principais agressores, principalmente ao se juntarem a outros homens como forma de demonstrarem sua masculinidade através da rejeição das travestis.

Ressaltando acerca do lugar que ocupam nas ruas e as vulnerabilidades vivenciadas por cada uma delas, Selena relatou que a violência pode acontecer a qualquer momento, tipo,

você fala com um cliente, amiga na rua fazendo programa, a gente é, a gente está exposta lá na rua, tô na rua e aí às vezes passa uma pessoa de moto, de carro e aí xingam e aí: “olha o veado, tu não dissesse que ela não vinha hoje”. E, existe esse xingamento, essa humilhação (Selena, entrevista concedida em 18/05/2016).

Para a entrevistada, ao estarem nas ruas exercendo a prostituição as travestis passam a ser um alvo fácil, pois a exposição de seus corpos naquele espaço marginalizado pelos discursos higienistas as deixam suscetíveis a qualquer ato de agressão possível. As violências verbais são muito constantes, fato presenciado por mim nas minhas idas aos espaços de prostituição das travestis. Lembro-me, em minha segunda ida à rua, que passou um carro com dois rapazes e em seu interior gritaram para as travestis “Cria vergonha na cara veado safado” (Anotação do caderno de campo em 26/12/2015). O relato de Selena deixa evidenciar o quanto é humilhante para ela ouvir os xingamentos proferidos contra elas que estão na rua batalhando pela sua sobrevivência.

Ainda acerca da transfobia sendo exercida através das violências sofridas pelas travestis, Selena corrobora com as entrevistadas citadas anteriormente em relação aos motivos que faz com que a violência seja reproduzida.

Pela questão de a gente ser diferente né, que as pessoas acham que na verdade, todo mundo acha que não deveria existir né. Eu vejo cada discurso homofóbico, transfóbico dizendo que homem é homem, que mulher é mulher. Então, a sociedade vem muito com essa questão e pra eles [Sociedade], de certa forma a gente vai incomodar. De certo forma não, incomoda e muito. Aí eu acho que tem pessoas que dizem que não tem preconceito, mas na verdade tem. Eu acho que todo mundo tem sim (Selena, entrevista concedida em 18/05/2016 – grifos meu).

Em seu discurso é nítida para ela a posição que acredita ocupar na sociedade como sujeito “diferente”, por não exercer a masculinidade que lhes foi atribuída ao nascimento. Sendo assim, ela diz que para muita gente sequer deveria existir, pois, como destacamos anteriormente, é a desordem da heteronormatividade e, portanto, um incômodo para a formação societária. Ao se perceber nessa posição de diferença, Selena reconhece que a questão do preconceito para com ela ainda é muito presente e por mais que as pessoas queiram afirmar que não são preconceituosas, muitas vezes até sem querer acabam exercendo algum tipo de preconceito e discriminação para com ela. Nesse contexto, ela acredita que todo mundo, sem exceção, é preconceituoso em relação a sua existência.

Adentrando a violência vivenciada pelas travestis, elas relatam as agressões que foram praticadas por sua clientela, pelos transeuntes, e, inclusive, aquelas praticadas por outras travestis. Dessa forma, Elis Regina nos descreveu um fato que ocorrera com ela em relação a um de seus clientes.

Uma vez eu saí com um rapaz, ele parou o carro pra mim e me levou pra um lugar bem esquisito ali próximo ao Vale do Jatobá, só tinha mato [Pausa] Só tinha mato ali não era, e era um lugar muito escuro que, quando foi chegando naquele local eu comecei a ficar com muito medo. Só que, eu não podia demonstrar esse medo pra ele, por que demonstrando esse medo eu tava demonstrando algum tipo de culpa, culpa que eu não tinha né. Então, eu não podia fazer isso. Então, chegando lá, a gente teve, fez relações, teve tudo né, fez tudo e depois, e ele era sempre calado olhando pra mim né. Então, eu vesti a roupa e ele e saímos do local. Quando eu vi a cidade, as luzes da cidade, de casas me deu um certo alívio. Só que ele olhou pra mim e me falou uma coisa que me deixou assim, com muito medo, mas ao mesmo tempo com alívio assim,

por que ele me mandou abrir o porta luvas do carro dele e lá dentro tava uma arma, tinha uma arma com um cano, tipo, não sei se aquilo era um silenciador ou alguma coisa e depois olhou pra mim e disse assim ó: “tá vendo essa arma que tá aí dentro, eu ia descontar todo o meu ódio que eu tive de alguém que me roubou aqui [Referindo-se a rua], ia descontar em qualquer pessoa e essa pessoa eu tinha escolhido você. Só que, você assim quebrou o que eu tava sentindo pela sua forma de agir, assim pela sua tranquilidade, pelo seu jeito. Então, eu mudei de ideia e eu gostei muito de você”. Então, eu agradei a ele, agradei né, também não questionei ele naquele momento, por que não era o que podia fazer naquele momento. Eu queria estar segura e descer do carro, então, ele pegou e foi conversando e conversando normalmente, claro que eu tava com o coração na mão. Ele me deixou num ambiente e ainda por cima disse, eu achei que ele nem ia me pagar nem nada e ele ainda me pagou e ainda queria o meu telefone né. Claro que eu dei o meu telefone, mas dei outro número. Mas, na verdade, eu não queria ver ele nunca mais ali, pois eu fiquei com medo. Então, foi uma experiência assim, bem forte, bem marcante e ao mesmo tempo bem assustadora. (Elis Regina, entrevista concedida em 09/06/2016 – grifos meu).

Nesse relato, é nítida a fragilidade em que se encontrara Elis Regina, pois a situação que aconteceu não a deixou com escolhas, a não ser tratar o cliente da forma mais sutil possível, tendo em vista que o local em que o mesmo a levou não lhe permitia outra ação a não ser tratá-lo bem. Por mais que ela estivesse apreensiva em relação ao que poderia acontecer consigo naquele local, a mesma não deixou o medo transparecer diante de tal situação, já que o homem tinha uma arma em seu carro para matá-la, e caso ela reagisse poderia ter sido mais uma travesti assassinada que aumentaria nossas estatísticas de assassinatos no Brasil.

Segundo Jesus (2013), o Brasil é identificado como sendo o país que mais mata travestis e transexuais, encontrando-se entre as 55 nações em que registram maior número de casos. Esse dado foi constatado entre os anos de 2008 e 2011 pelo Projeto *Transgender Europe's Trans Murder Monitoring*, um monitoramento realizado dos assassinatos de pessoas transgêneros no mundo. Como resultado, constatou-se que ocorreram 816 homicídios no período mencionado acima, dos quais,

desses 816 homicídios, a maioria absoluta ocorreu na região da América Latina (643 – 78,80% do total), com expressiva participação brasileira, que conta com 325 assassinatos no período de três anos pesquisado, seguida da Ásia, com 59 (cinquenta e nove) (JESUS, 2013, p. 109).

Dessa forma, a autora informa que o Brasil apresenta uma posição muito alta acerca dos assassinatos de transgêneros. Portanto, a fragilidade que as travestis vivenciam ao estarem nas ruas se prostituindo, os casos de violência sofrida e até de mortes, revela a naturalização da violência letal de gênero possível pela existência da transfobia que se legitima e exerce na forma de um genocídio contra esses sujeitos. Nesse contexto, em relação ao genocídio de travestis no Brasil, há uma comprovação de casos notificados de transfobia contra as travestis. Por esse motivo, Elis Regina refletiu acerca do que ela poderia ter sofrido perante seu cliente, ao ponto de agradecer ao homem por não tirar sua vida. A fragilidade e vulnerabilidade que sentiu naquele momento a fez refletir sobre o quanto de perigo as travestis que exercem a prostituição nas ruas da cidade estão sujeitas.

Carmen Miranda também relatou episódios de violência praticados por clientes contra as travestis.

É às vezes o cliente, ele com [Pausa] É muito agressivo, às vezes ele quer pagar a metade e só depois quando a coisa acontece, depois quando termina aí ele diz que só tem a metade, que só vai pagar a metade. E aí a gente tenta conseguir o que foi combinado, mas eles terminam batendo na gente, agredindo a gente, joga a gente no meio da rua. É, eu já fui colocada pra fora de um carro, agredida por ele, então, a gente sofre esses vários tipos [Referindo-se a tipos de violências] Então acontece de tudo, acontece daquele que xinga, daquela travesti que lhe expulsa, daquele cliente que não paga e termina a gente sofrendo todas essas agressões (Carmen Miranda, entrevista concedida em 24/07/2016 – grifos meu).

Carmen Miranda afirma que muitas vezes os seus clientes são agressivos, afirmando que não querem pagar o preço combinado pelo programa e passam a agredi-la.

Outro tipo de violência muito comum presenciado por mim nas ruas durante algumas poucas idas ao campo de pesquisa foi os xingamentos, os olhares de dentro dos carros para as travestis, etc. Em seu relato, Whitney Houston aborda um fato que lhe aconteceu na rua:

Eu estava na esquina aí um bicho nojento chegou, dois né, num carro aí pegou e começou a conversar de longe. Eu conversando com ele, aí abriram a porta ligeiro e saíram correndo assim, vai entra aí, entra aí, entra aqui, entra aqui. E já estavam com a arma na mão e aí quando eu entrei arrodaram à rua e um foi pra trás me ameaçando com o revólver tal [Pausa] e o outro pegou teve relação comigo à força mesmo sem camisinha sem nada, tanto que isso já faz o que uns

cinco anos. Aí, sem camisinha sem nada, um deles fazia isso, o outro batia nas minhas costas, me pegou na posição de quatro e me batendo e tal [Pausa] Teve relação comigo. Aí o outro pegou e não foi uma relação assim calma, era metendo mesmo com força, vou dizer no popular mesmo e ele dizia cala a boca fica aí que agora é o outro. Nesse caso, me deixaram no mesmo canto, mas levaram a minha bolsa e corre, corre, corre senão eu atiro nas pernas, coisa assim parecida, aí eu saí louca correndo e isso foi uma das que já aconteceram né. Já aconteceram outras coisas mais razoáveis, essa aí foi a que me deixou meio assim, por que me machucou. Além de ter me machucado, ainda tive que ir depois fazer três exames de HIV e graças a Deus não deu nada. Isso há quatro anos e meio ou cinco anos atrás. Pronto, nisso aí foi ciente na minha mente, foi à cena que eu não gostei e outras também que são mais razoáveis e também ruins, mas foi menos que eu lembro, mais não foi tão violência não, tipo de botar faca no pescoço e querer transar (Whitney Houston, entrevista concedida em 22/01/2016 – grifos meu).

Nessa narrativa, a entrevistada foi forçada a realizar a prática sexual, caso contrário poderia ser assassinada. Além do estupro ocorrido, ainda foi assaltada e correu o risco de ser contaminada pelo vírus do HIV/AIDS. Para ela, mesmo tendo sofrido tamanha violência, no caso sendo estuprada por mais de um homem, considera a mesma não tão grave. Percebo aqui o quanto para ela mesma a violência sofrida já se banalizou, quase que sendo ‘naturalizada’. Sequer pensou em denunciar o estupro, afinal, quem poderia acreditar que uma travesti que estava na rua se prostituindo foi estuprada?

Segundo Carrara e Vianna (2006), o que provoca as violências contra as travestis é o fato de está associado a “desestabilização provocada por sua performance de gênero” que se associa a um conjunto de estereótipos negativos ligado aos homossexuais, acrescentando-se o fato de não exercerem a masculinidade esperada pela construção societária.

Os assassinatos contra as travestis, segundo Carrara e Vianna (2006, p. 235), “têm lugar mais frequentemente na rua”, estejam elas exercendo a prostituição ou não. Os autores não explicitam esse fator, mas é nítida a diferenciação que é feita em relação aos homossexuais que na maioria dos casos são mortos dentro de seus lares.

Nesse sentido, as travestis são preferenciais de execução, principalmente pelo seu envolvimento com a prostituição que as colocam em maior exposição pública. Segundo relatos de Elis Regina, o simples fato de estar na rua já possibilita a existência de alguma violência, como no caso citado a seguir:

Uma vez eu tava sentada com um amigo né Marcio, a gente tava apenas conversando sentado nessa rua, né? [Referindo-se a Rua Presidente João Pessoa]

Passou um rapaz e do nada ele deu um tapa no meu rosto, do nada, sem ver de que e passou direto. Isso já aconteceu também de algumas pessoas descerem do carro e querer fazer sexo à força, já aconteceram várias coisas assim desse tipo. Sem esquecer que sempre acontece, xingamentos. Como eu te expliquei né, por você se expor ali independente até do sexo, qualquer pessoa se expondo, se expõe na prostituição né fica à mercê disso tudo. Então, assim já passava xingando, jogando coisas, sempre acontecia assim, chamando de veado safado, travesti ou rapariga quando pensavam que era mulher, prostituta, jogavam coco. Jogavam fogos de artifício, jogavam ovo, às vezes. (Elis Regina, entrevista concedida em 09/06/2016 – grifos meu).

O simples fato de estar na rua, nem necessariamente esteja exercendo a prostituição, já torna a travesti suscetível à prática de violências, e ao associá-la ao exercício da prostituição as agressões só tende a piorar.

As agressões não partem apenas para a questão física, mas também para a sexual, em que alguns rapazes ao tentarem a prática do sexo sem o devido pagamento estará exercendo uma violência sexual. Sem mencionar as agressões verbais diariamente ocorridas e na maioria das vezes naturalizada, visto que não estando atreladas a agressões físicas muitas vezes sequer é percebida como uma forma de violência. Desde os xingamentos, até o fato de atirarem coisas nas travestis, fazendo deste lugar de vivência da prostituição um espaço marginalizado e por esse motivo deixando a mercê todas as formas de acontecimentos que o espaço possa proporcionar, desde os amores até as violências cometidas lá.

Ainda sobre a violência sofrida na Rua, Elis Regina relatou que não sofrera nenhum tipo de violência ‘mais forte’, mas algumas do tipo...

já aconteceu de eu e uma turma tá na rua e alguns rapazes desceram [dos seus carros] dois rapazes me agarraram e ficaram mordendo as minhas costas. Morderam, morderam as minhas costas nesse tipo assim. Já aconteceu de alguém apontar arma pra gente também, eram variadas assim, mas agressão grave assim graças a Deus não cheguei a sofrer. Mas já tive colegas que aconteceu e eu já presenciei agressões super pesadas. (Elis Regina, entrevista concedida em 09/06/2016 – grifos meu).

Mais uma vez, percebe-se como atos de violência sofrida, no caso, por Elis Regina e suas colegas, são naturalizadas no sentido de serem considerados por ela tipos de agressões ‘não graves’, mesmo quando as agressões são mordidas e tapas no rosto dela. Percebo, então, que a naturalização das agressões é tamanha que as próprias

travestis passam a introjetar tais situações absurdas acontecidas diariamente como algo rotineiro em suas vivências. Tal fato pode ser comprovado em suas próprias falas, quando ao perguntar se teriam sofrido algum tipo de violência, já respondiam de imediato que não, como a travesti Edith Piaf, para, quase que imediatamente, ao serem questionadas se haviam sido xingadas, ameaçadas nas ruas, informavam que positivo, relatando algumas destas situações vivenciadas.

Whitney Houston relatou mais um caso de agressão sofrida na rua quando exercia atividade prostitucional:

Há quatro anos teve um [Homem], ele vinha a pé e bateu na minha bunda com força, passou ele e outro, aí eu discuti com ele e tal [Pausa] Ele pegou, ele simplesmente pegou e jogou uma pedra em mim, eu joguei outra nele, nisso ele desceu e foi embora. Eu discutindo com ele fui embora também. Depois de dez minutinhos, assim, ele chegou numa moto com um pau na mão, com um pau na mão não, com um pau dentro da roupa, aí ficou fazendo umas perguntas e descendo da moto, era o mesmo indivíduo velho que tinha batido na minha bunda que eu discuti, depois de quinze, vinte minutos ele voltou também com um pau na mão e começou a me espancar. Eu saí espancada correndo, ele me espancou, eu cheguei até a entrar num restaurante que tem Manoel da Carne de Sol, entrei lá apavorada até que o pessoal de lá foram tranquilos comigo e ligaram para um moto taxi pra mim ir embora. Mas, ele chegou a me bater bastante também. E teve agora a pouco assalto na rua que é constante ter assalto. Uma vez por semana tem assalto naquela Rua João Pessoa, que eu fui roubada. Fui fazer um programa com um cliente aí quando chegou num posto desativado aí um moto taxi com outro bicho magro velho que estava no bagageiro né como se diz, na garupa da moto pegou e anunciou o assalto, pegou e levou minha roupa inteira, levou minha roupa, rasgou. Tirou a minha roupa do corpo já que não achou dinheiro, que o dinheiro estava na calcinha e a sorte que ele não levou nem a calcinha, levou minha roupa inteira me deixando só de calcinha. Também querendo ou não, isso é uma coisa, pegou ainda deu um chute em mim, deu umas tapas em minhas costas. Isso acontece sempre e toda vez com as meninas na rua, isso é o meu relato, mais outros relatos teus com as travestis também vão ser parecidos com o meu (Whitney Houston, entrevista concedida em 22/01/2016).

Para Whitney Houston, que já vivencia a prostituição há dezessete anos e possui bastante história a ser relatada, inclusive cenas de violência sofrida, nesta situação em que um homem a agrediu com um pedaço de madeira, ela poderia ter sido assassinada caso não tivesse corrido para se livrar das agressões. Sem mencionar os assaltos que se tornam constantes, no caso específico de Whitney Houston, que saiu para um programa e foi assaltada ao chegar ao local em que seria realizado o programa, chegando a ficar

só de calcinha. A mesma ainda sofrera agressões físicas durante o ocorrido. A constância em relação aos assaltos fora corroborada por Selena ao afirmar que “Ele passou de bicicleta e botou uma faca em mim, aí levou o meu celular” (Selena, entrevista concedida em 18/05/2016).

Nesse contexto, o espaço da rua se torna propício a muitas violências e as travestis se fazem presentes nesses locais por conta da prostituição. A partir do relato mais uma vez de Whitney Houston é possível perceber essa violência sendo exercida na rua:

Foi agora fez um ano agora em fevereiro, vai fazer um ano né. Eu tava em pé na esquina, vinha de um programa, as minhas amigas já vinham correndo e eu sem nem notar tinham sete [Homens] com um pau na mão, tinha um ferro. Aí eu vinha assim sem notar, eles pegaram e correram atrás de mim, meteram à carreira atrás de mim, loucos, desesperados e começou a conversar comigo. Eu sabendo que eles iam fazer alguma coisa comigo três deles e quatro ficaram lá na frente, eram sete contados. Eu percebendo que eles iam querer me roubar, aí eu peguei e deixei a bolsa à vontade. Um tomou a bolsa de mim, quando tomou a bolsa de mim, aí veio mais três. Aí eu peguei e sai correndo por que eu vi que eles estavam com um pau na mão, aí quando eu fui descendo uma ruinha, uma ruinha assim, aí eles começaram a bater, bater [Pausa] bateram nas minhas costas. Eles queriam dar na parte da minha cara, da minha cabeça né pra desmaiar alguma coisa assim. Só que aí eu protegi muito o rosto, tanto que os machucados foram mais nos braços. Ai eles batendo, batendo eu caí no chão e quando eu caí, eu ainda tive foi Deus na hora que me pegou. Eu olhei pra trás perto de um poste e tinha uma lâmpada dessa fluorescente grande, aí eu me arrastei ainda pra pegar a lâmpada e eles batiam com força, eram três batendo em mim com um pau, um era com ferro e dois eram com um pau na mão. Aí eu peguei e cheguei a pegar o pau assim, a lâmpada fluorescente, quando eu peguei a lâmpada fluorescente eles saíram correndo. Eu ainda corri um pouquinho joguei a lâmpada, mas num chegou não [Não atingiu os homens]. Ainda tinha vigia na rua, mas ele não quis se envolver né, por que o povo tem medo, não sei. (Whitney Houston, entrevista concedida em 22/01/2016 – grifos meu).

Em seu relato, Whitney Houston trouxe à tona alguns fatos que ocorreram consigo, que além de ser roubada ainda sofreu várias agressões praticadas por sete homens. A partir do momento em que ela pegou uma lâmpada fluorescente para defender-se, talvez para não ser morta ou sofrer ferimentos mais graves, demonstrou uma reação contra as agressões que sofrera. Destaco que estarei analisando as (re)ações frente às violências de forma aprofundada no próximo subtópico.

Não podemos esquecer que nas entrevistas as travestis também citaram as violências causadas por outras travestis no espaço da rua. Entre estas, é muito comum, segundo o relato de Whitney Houston, as brigas entre travestis.

Geralmente por conta de cliente, aí saiu com ele, ele te deu tanto, ele me deu tanto, não ele me deu tanto. Não, ele dá tanto a tanto, não ele me deu isso e aquilo. Geralmente é por conta de cliente. Tem muito homem que gosta de pagar numa lógica, cinquenta a você e cem a outra, geralmente é por conta de cliente mesmo. O cliente fala assim, saí com ele e ele falou mal de você, você também falou mal dele, aí fica, mas por isso também e um pouco de despeito umas das outras. Por conta que a outra chama atenção por conta de uma perna, de uma bunda, de um corpo, de um peito, uma cara, de um rosto, uma roupa bem vestida, uma travesti chama mais atenção do que a outra. Geralmente é muito por isso, mas a maioria das vezes mesmo é por conta de cliente mesmo, cliente de rua. Cafetinagem também ajuda muito e nos lugares que eu viajo por aí também tem muito negócio de cafetinagem. A gente só para numa esquina e elas já começam a cobrar e querer dinheiro, a gente tá em pé numa esquina quatro, cinco horas cinquenta reais que a gente paga, fora à diária, fora o que comer durante o dia. Então tem muita briga por conta disso, por que têm muitas travestis que por conta de serem mais velhas a partir dos quarenta, cinquenta anos elas não querem [Referindo-se ao trabalho na prostituição], elas querem viajar, querem cair nas ruas, mas não querem pagar por que já são velhas. Geralmente travesti que cobra de nova, no meio da idade e de velha. É tudo cobrado e o mesmo preço, o que paga uma nova paga uma velha (Whitney Houston, entrevista concedida em 22/01/2016 – grifos meu).

Segundo Whitney Houston é comum às brigas entre travestis por causa da disputa por clientes, pelo valor pago entre elas, pelas diferenciações apresentadas em seus corpos, seja por uma perna mais torneada, um bumbum mais avantajado, etc. Travesti que se parece mais ‘naturalmente’ com mulher é mais invejada do que aquela que apresenta traços mais masculinos.

Quanto à cafetinagem, existe uma cobrança realizada pelas cafetinas, que no geral são as travestis mais antigas no local, para que as travestis mais novas permaneçam nas ruas. Desta forma, tudo passa a ser cobrado como forma de permissão para que a travesti possa trabalhar na prostituição.

Ao ser perguntada se havia cafetinagem aqui na cidade de Campina Grande Whitney Houston respondeu que não.

Aqui não tem cafetinagem não, por que a cidade até é pequena, o porte aqui é pouco e aqui é pequeno. Aqui não tem muito esse negócio de dinheiro, por que

se baixar ali mais de vinte travestis numa rua daquelas, a cidade não dá conta, as travestis vão ter que sair por que aqui é pequeno. Não dá pra ter um porte das travestis não (Whitney Houston, entrevista concedida em 22/01/2016).

Para ela a cidade de Campina Grande, mesmo sendo considerada a segunda maior cidade do Estado da Paraíba, ainda se torna pequena quando associada à prostituição, não oportunizando a prática de cafetinagem, diferentemente do que fora mencionado por Selena e Elis Regina acerca do assunto:

A trava já chega pedindo dinheiro, pediu um dinheiro e eu disse que não tinha, finalmente não tinha, aí eu tava com uma bolsa e tinha um dinheiro da minha moto de voltar. Aí ficou conversando, pediu perfume ai eu dei, ela passou, achei até que ela não ia entregar, mas devolveu. Ai teve uma hora que eu me encostei assim numa calçadinha ai marcou o dinheiro [marcou através do bolso da calça], ai ela disse a mona você disse que não tinha e o que é isso ai já puxou. A bicha bem pesada, drogada e tirou o dinheiro do meu bolso (Selena, entrevista concedida em 18/05/2016 – grifos meu).

Como Selena tem apenas cinco meses que está exercendo a prostituição, acaba se tornando uma novata em um espaço em que outras já estão ocupando há muito tempo, portanto, sentem-se no direito de cobrar pelo local utilizado pelas mais jovens.

Elis Regina corrobora com as falas de Selena ao mencionar acerca da cobrança dos pontos de prostituição na cidade de Campina Grande, afirmando que as travestis mais velhas na rua “Extorquiam dinheiro, às vezes quando não tinha batiam” (Elis Regina, entrevista concedida em 09/06/2016). Além do mais, elas cometiam violência conosco.

Olha era muito, era [Pausa] era muito o fator psicológico também, elas faziam uma pressão psicológica muito forte, era horrível. Se eu fosse dizer por mim e por minha colega que tava sempre comigo do lado. Nossa, era assim uma pressão psicológica horrível, então a gente tinha que dar pelo menos um pouco pra elas usarem drogas, essas coisas. Era horrível (Elis Regina, entrevista concedida em 09/06/2016).

Nesse contexto, de relações conflituosas entre as travestis nas ruas, Carmen Miranda afirmou ter sido expulsa, e, segundo ela, o motivo foi por não ser mulher 24 horas do dia. Afirmou que ao chegar à rua para trabalhar não foi aceita por uma das travestis cafetinas que comanda a rua.

Aí, elas brigam por espaço, brigam por local, brigam por oportunidade, elas tão lá e aí você chega e elas não aceitam as novatas, elas não aceitam quem tá chegando e nessa época eu estava chegando, então eu terminei [Pausa] era na Rua João Pessoa e eu terminei sendo expulsa. Terminou, terminou tendo uma confusão entre a gente e eu fui expulsa de lá. Eu fui agredida e expulsa, fui colocada pra fora. Hoje eu tô na Rua Epiácio Pessoa e ninguém me expulsou de lá, então, é lá que eu ficarei, mas isso acontece (Carmen Miranda, entrevista concedida em 24/07/2016 – grifos meu).

As ruas são os espaços de trabalho das travestis, portanto, é uma questão de oportunidade que cada uma vê naquele local. Dessa forma, elas brigam como meio de defesa, como possibilidade de garantir seu local de trabalho, e na tentativa de faturar em cima das que chegam como novatas nos pontos de prostituição. Carmen Miranda, ao afirmar que não foi aceita, reconheceu em seu relato que as brigas são comuns por conta do desejo de maior visibilidade, menos concorrência e, assim, por oportunidade de melhorar seu rendimento. Portanto, saiu de lá e foi para a Rua Presidente Epiácio Pessoa, onde se localizam as travestis mais novas.

Constatei, finalmente, a partir dos relatos expostos aqui, que a desestabilização possível por sua performance de gênero, frequentemente identificada a um conjunto de estereótipos negativos sobre a homossexualidade, faz das travestis as vítimas prediletas de violência homofóbica, mas, especificamente, transfóbica, em variados contextos. Assim, é raro uma travesti que trabalha na noite, principalmente como prostituta, nunca ter sofrido um tipo de agressão, seja física ou verbal.

3.3 A (re)ação das travestis diante da violência sofrida

A violência se encontra perpassada por diversas esferas na vida das travestis, mas ao atingir diretamente as que exercem a atividade prostitucional vai direto à autoestima delas. Nesse contexto, suscetíveis às violências reproduzidas diariamente nos espaços de prostituição, a transfobia faz parte do cotidiano das travestis.

A partir de uma naturalização da violência reproduzida pelas próprias travestis, foi perguntado a elas o que poderia ser feito pelas mesmas para evitar que a violência

acorresse. Whitney Houston informou que toma cuidados acerca dos clientes com quem ela sai para a prática do programa.

Eu procuro não sair com aqueles homens velhos, chatos e bêbados, principalmente bêbados, por que vai acontecer alguma coisa. Quando eu noto que ele está bêbado eu não dou muita confiança a ele, procuro sempre tá num, sempre tá sem o celular né exposto na rua e também procuro [Pausa] a gente não tem como impatar a violência não, mas também procuro não ficar com o celular na mão e nem sozinha muito tempo por que a pessoa sozinha está exposta né. Se alguma coisa acontecer e com coisa de marca: pulseira, relógio assim na rua também eu não procuro ficar não, por que quando eles vêm pra roubar, eles pegam e seguem logo você. Bolsa geralmente a gente entrega por que geralmente não tem nada mesmo, pra evitar que a violência aconteça né (Whitney Houston, entrevista concedida em 22/01/2016 – grifos meu).

A questão das travestis estarem expostas numa esquina de determinada rua para a prática sexual evidencia o quanto vulnerável a vários tipos de violências elas estão. Porém, aqui neste item, a intenção é apresentar as travestis que exercem a atividade prostitucional no espaço das ruas apresentando suas (re)ações frente à violência sofrida, inclusive como evitar que elas ocorram.

É importante lembrar nos discursos de Whitney Houston, já mencionados em outros momentos dessa dissertação, que já sofrera agressões de uns rapazes, ao todo sete, que a espancaram. Mas, a mesma, ao estar vivenciando a violência, conseguiu pegar uma lâmpada fluorescente que se encontrava jogada próximo ao local que estava acontecendo à agressão e (re)agir contra os rapazes que a espancavam, para, inclusive, talvez não ser assassinada.

Quando questionamos para as travestis o que elas faziam para evitar que as violências acontecessem consigo, Elis Regina afirmou em seu relato que não saberia informar, mas que seria,

tipo, andarem mais juntas para evitar que a violência aconteça assim uma ajuda à outra. Olha, quando eu vou para ali, eu procuro ir cedo e voltar cedo pra casa, pois a maioria desses acontecimentos acontece durante a madrugada ou mais tarde. Então, eu faço sempre isso, procuro olhar [tentando conhecer pela fisionomia que o cara pode ser um agressor] claro que quem vê cara não vê coração né? Você sabe quando você entra num carro com quem você tá saindo, muito arriscado. Mas, eu procurava sair com pessoas que eu achasse né, no meu modo de ver as coisas que eu visse de uma forma assim, que eu olhasse pra ele e me demonstrasse algum tipo de confiança. Então, eu procuro muito isso. Não

saio com mais de uma pessoa, essas coisas (Elis Regina, entrevista concedida em 09/06/2016 – grifos meu).

Nesse sentido, a entrevistada procura não andar sozinha, pois ao estar só se torna presa fácil para os agressores, ao mesmo tempo em que procura mudar sua rotina de trabalho por conta da violência, tendo que chegar cedo e sair cedo, já que para ela os atos de violência sempre acontecem na madrugada. Sem mencionar que ela procura olhar os seus clientes no rosto com o intuito de descobrir algum indício de que ele seja um transfóbico.

Para Elis Regina a violência acontece em todo lugar, portanto, naturalizando-a, mas ao mesmo tempo ressalta que quanto mais cedo for para a rua se pode evitá-la.

A violência tá em todo lugar, mas enquanto é cedo as pessoas evitam mais para não se expor e não ser reconhecido, e pela madrugada as pessoas estão dormindo, não tem nenhum movimento, então não tem como né, fica mais vulnerável a tudo isso (Elis Regina, entrevista concedida em 09/06/2016).

Ela ressalta que as exposições que elas enfrentam nas ruas as colocam em um patamar de vulnerabilidade, estando suscetíveis às várias formas de violência. Porém, como uma tentativa de amenizá-las, é necessário criar estratégias de permanência nestes locais, como exemplo, não chegar muito tarde para que possa sair mais cedo, evitando, assim, permanecer de madrugada no espaço da rua. Para Elis Regina o fato de ser muito tarde da madrugada se torna um clima apropriado para os agressores que podem exercer a violência contra elas, pois, diferentemente de ser cedo da noite, as ruas em que as travestis utilizam para se prostituir passam muito carro e pessoas transitando, e isso, supostamente, inibe que o agressor possa realizar algum tipo de violência contra elas.

Para Carmen Miranda, corroborando o que Elis Regina mencionou em seu relato, uma forma de evitar a violência é o fato de as travestis andarem sempre em companhia, pois em grupo fica mais difícil dos agressores praticarem atos violentos contra elas.

Eu procuro muito é estar em grupo, lá na Eptácio Pessoa tem algumas meninas que eu tenho mais afinidade com elas e aí eu fico andando com elas. Eu fico nos locais com elas, por que em grupo a gente ainda sofre a violência, quando eles xingam a gente, quando eles falam com a gente, mas já evita de por exemplo, ah sei lá, um marginal vai passando e aí às vezes eles tiram brincadeiras com a

gente e a gente não gosta, e aí estando em grupo evita, por que ele não vai tirar a brincadeira, não vai chegar na gente, por que a gente tá em grupo e eles sabem que ele é um e a gente somos três, sou eu e mais duas meninas lá e ele evita de brigar com a gente por causa disso, então, assim, de certa forma andar em grupo facilita [modo de defesa] (Carmen Miranda, entrevista concedida em 24/07/2016 – grifos meu).

Carmen Miranda nos relata que a o fato de permanecerem duas ou mais travestis juntas tem como funcionalidade a existência de um modo de defesa, pois, os “marginais” ao passarem pela rua e agredi-las verbalmente vão pensar duas vezes antes de fazer isso, visto que estão em dupla ou grupo, e, assim, podem (re)agir às agressões praticadas contra elas. Para ela o fato de estarem em grupo intimida o agressor.

Elis Regina menciona que seu meio de defesa encontrada é na fé em Deus. Lembrando um dos seus relatos, quando foi para um lugar deserto no meio do mato com um cliente e o mesmo lhe mostrou o revólver que iria usar para matá-la, a mesma disse que no momento do ocorrido sua reação foi silenciar e agradecer pelo fato dele não tê-la matado. Logo, ela atribui estar viva ao fator da fé.

Sinceramente o meu meio de defesa eu acho que é a minha fé em Deus. Por que eu acho que Deus me protege muito daquele ambiente [referindo-se as ruas]. Mas assim, as outras elas sempre tinham algum tipo de arma: uma faca, um estilete, alguma coisa, algum tipo de arma que elas usavam e eu mesma não usava nada. Era Deus mesmo que me defendia de certas coisas. Eu acho do ponto de vista delas por que a partir do momento que você saca alguma coisa, algum tipo de arma, ou você usa aquilo, ou você vai ser atingido por alguma coisa. Então, para elas, na visão delas é uma forma de se defender (Elis Regina, entrevista concedida em 09/06/2016 – grifos meu).

Elis Regina acredita que sua fé é a forma de evitar que algum tipo de violência ocorra com ela. Mas, ao mesmo tempo, nos informa que outras travestis utilizavam algum tipo de arma que serve como meio de defesa. Ela, entretanto, afirmou não ter coragem de utilizar arma alguma para se defender, por mais que a arma tivesse como função livrá-la de alguma violência.

Nesse sentido, há algum tipo de tentativa de se proteger por parte das travestis ao portar determinada arma como possibilidade de livrá-las das possíveis violências ocorridas no exercício das ruas, já que as mesmas se sentem vulneráveis ao estarem nos pontos de prostituição localizados nas ruas identificadas nesta dissertação.

Segundo Benedetti (2005), é natural à reprodução discursiva de que as travestis são perigosas, que andam com lâminas sob a língua, que são marginais. Esse discurso se pauta justamente pelas necessidades de se protegerem contra as violências vivenciadas por elas ao estarem se prostituindo. Ainda para o autor, era muito comum das décadas de 1970 e 1980 que as travestis andassem armadas por conta das agressões a que estavam suscetíveis e, portanto, a sua estratégia de defesa se dava pela utilização de uma arma cortante para sobreviverem.

Mas, também, há uma reprodução do perigo ainda provocado pelas próprias travestis, como menciona Edith Piaf em seu relato acerca do que fazer para evitar que a violência aconteça.

Aí eu não sei, por que tem muitas que tem roubo num é? Existe muito roubo e tem umas que é meio danada num é? Tem umas que realmente aprontam e tem umas que sabem levar né a carreira [referindo-se a prostituição], por que se você aprontar com aquela pessoa, a pessoa não vai lhe procurar mais nunca num é, e se você for uma pessoa boa para aquela pessoa, você vai permanecer saindo com aquela pessoa e ela lhe ajudando. Então, é isso o que eu digo você tem que saber entrar e tem que saber sair, por que senão, quem vai sair pela prejudicada é a gente num é, por que se a gente for fazer alguma coisa, eles podem mandar fazer alguma coisa como em termo de preconceito que hoje em dia mata uma da gente, e difícil deles ir atrás, deles correr atrás [referindo-se a polícia], fica no esquecimento né (Edith Piaf, entrevista concedida em 09/07/2016 – grifos meu).

Para Edith Piaf, algumas travestis roubam os clientes e é por conta desse fato que a violência acontece. Inclusive, passa a ditar normas de comportamento para que as travestis não sejam agredidas pela clientela.

Eu acho que esquecer o roubo né, jamais elas devem fazer isso, não roubar, fazer seu trabalho bem direitinho, atender bem o cliente, ser educada, eu acho que não vai acontecer violência se ela fizer isso né. Ser uma pessoa boa, mostrar que tem uma boa reputação. Tratar o cliente bem, agora se for fazer outra coisa, agora se for com a intenção de fazer outra coisa, aí que existe a questão da violência não é? (Edith Piaf, entrevista concedida em 09/07/2016).

Segundo Edith Piaf, não é adequado que a travesti pratique o roubo contra seu cliente e, caso ela realize, aí sim poderá ocorrer a violência contra ela por parte do homem que estará tentando vingar-se do que ela pode ter feito a ele.

Não bastasse sofrer a violência, ainda apresenta uma justificativa para as agressões que possam acontecer com as travestis, pelo fato delas roubarem os seus clientes e por isso são punidas por isso, como se o único motivo que possa levar os homens a exercerem violência contra as travestis precisasse de uma causa para tal atrocidade.

Ainda acerca das formas de evitar que a ocorra violência, Whitney Houston nos informou o seguinte:

Procuro me defender, por que ter ação de tirar alguma coisa pra matar alguém, eu não vou ter essa ação, mas eu tenho ação de matar. Por que pra se defender isso é coisa do ser humano né? Mas eu procuro sempre não está como é o nome, não está discutindo com ninguém por causa de besteira, se eu sair com um cliente e disser que é tanto e ele me der tanto, eu vou baixar a cabeça e vou sair do carro dele. Hoje em dia eu faço isso, mas há sete anos eu não fazia isso. Já evito, entendeu? Sempre pra evitar e eu não procuro também em está bebendo muito na rua por conta disso também. Isso é o que eu digo a você, procuro estar com pouca coisa, não fico com joia na rua, não fico com dinheiro e nem celular essas coisas, já pra evitar (Whitney Houston, entrevista concedida em 22/01/2016).

Para a entrevistada, como forma de se defender teria coragem até de matar alguém, tendo em vista que qualquer ser humano faria o mesmo se estivesse a ponto de ser assassinado. A ideia é justamente como estratégia de defesa, nem que para isso tivesse que matar seu agressor. Mas, para evitar que tal situação possa acontecer, ela, hoje em dia, devido à violência generalizada, procura não entrar em conflito com seus clientes, diferentemente de anos atrás em que ela não abria mão de certas situações, tipo um cliente não querer pagar e ela (re)agir, mas hoje não faz mais isso.

Ao estar na Rua Whitney Houston procura carregar consigo poucas coisas, como celular, por exemplo, para evitar ser assaltada. Dessa maneira, os hábitos de vestimentas, de estar portando objetos, passam a ser mudados por conta das mudanças comportamentais da sociedade atual, perpassada por violências e inseguranças. Nesse contexto, lhe perguntei o que havia sentido quando estava vivenciando alguma situação de violência.

Eu me sinto pequena, me sinto frágil apesar de eu ser travesti, da sociedade me ter como um homem, mas eu me sinto frágil por conta de hormônio, silicone. Não tenho, não tenho essas de tá brigando como homem não, brigando da

maneira que eles brigam de murro, chute, eu não brigo assim. Então eu me sinto [Pausa] Eu sempre levo desaforo, maneira de me, somos travesti e temos uma maneira diferente de brigar. E com mulher também é outra maneira, mas com homem a gente sempre leva desaforo, então é assim evitar (Whitney Houston, entrevista concedida em 22/01/2016 – grifos meu).

O fato de ser travesti a faz se sentir frágil, pequena. Também não exerce as atribuições que lhe foi designada ao nascer, principalmente, pelo fato dela não conseguir brigar como um homem. E por ser travesti, o uso dos hormônios e do silicone lhes deixa mais frágeis, portanto, não tendo força o suficiente para entrar em uma briga com homem, de maneira que sempre leva desaforo para casa. Porém, com mulher é outra história. Sendo assim, ela nos dá a entender que ao brigar com uma mulher tem força o suficiente para revidar, diferente de uma briga com um homem.

Não posso deixar de destacar aqui que a travesti pode quebrar as fronteiras de gênero exatamente quanto à questão da violência, porque as mesmas, ao mesmo tempo em que possuem uma proteção do feminino, podem reagir às agressões com um corpo que, mesmo modificado por hormônios, é um corpo que é masculino, com uma força bem maior a que a maioria das mulheres biológicas possuem. A própria Whitney Houston, que se coloca em seu depoimento como “frágil”, reagiu às agressões físicas provocadas por 07 homens contra ela usando uma lâmpada fluorescente.

Essa fragilidade também foi ressaltada por Selena em sua entrevista:

Eu me sinto de mãos atadas assim, me revolta por não poder fazer nada, essas coisas né. É revoltante assim por que todas ficam ali, sofreram e sofrem muito todo tipo de discriminação né, da família, das vizinhas do bairro, a gente enfrenta o mundo né de preconceito e as pessoas não entendem, pensam que a gente tá ali só pra aprontar e se tornar travesti só pra tá aprontando, as pessoas na verdade não é, é algo para além de você, entendeu? [referindo-se ao fato de ser travesti] Você viu aconteceu e nem eu entendo assim como foi que eu virei travesti. Por que eu era uma pessoa totalmente frustrada, presa mesmo, retraída. Só que é algo além de você, uma coisa que você não pode controlar, eu acho (Selena, entrevista concedida em 18/05/2016 – grifos meu).

Em seu relato ela descreve acerca de não poder fazer nada perante as discriminações que sofrem, desde o meio familiar até a sua inserção na prostituição. Em sua concepção o que causa a violência é o fato de ser travesti, pois as pessoas acreditam

que ela “virou” travesti para aprontar; o termo aprontar é muito utilizado por elas designando roubo.

Infelizmente, o fato de ser travesti e estar numa rua à noite as deixam em total fragilidade, como mencionado no relato de Selena.

Tinha uma travesti na rua uma vez que um cara desceu do carro e começou a agredir. Começou a agredir as trans e ele era muito forte, muito bombado. Ai tinha uma trava lá bem danada, bem machuda, bem grandona que pegou uma barra de ferro e quebrou esse homem no pau assim sabe, numa esquina. Ele ficou todo destruído lá no chão. E ela foi em cima dele e começaram elas [as outras travestis] a correr atrás dando chutes, dando voadora e tudo. Ai ela pegou, parou, pegou uma barra de ferro e começou a bater nele, barbarizou. Deixou ele no chão todo destruído. Ah, isso foi ótimo bicha (Selena, entrevista concedida em 18/05/2016 – grifos meu).

Em seu relato, Selena descreve um fato em que um homem desceu de seu carro e começou a agredir as travestis, até que uma delas que aparentava ser grande, forte, em sua fala “machuda”, como forma de descrever atributos masculinos que lhe dava posição de enfrentar o agressor. Nesse momento, ela revidou as agressões praticadas pelo homem, enquanto as outras travestis se uniram e o colocaram para correr de lá. Portanto, o fato em que a maioria ressaltou de estarem juntas nas ruas as torna forte o suficiente ao ponto de agredir alguém que queira praticar algum tipo de violência contra elas.

Assim, em uma rua onde existe muitas travestis prostitutas, é corriqueiro aparecer algum homem, ou grupo de homens, de carro ou moto, para xingar, ridicularizar, desrespeitar, atirar pedras, brigar, e até agredir as travestis fisicamente. Quando ocorre isso, as travestis (re)agem, gritando, xingando, esbravejando, brigando e agredindo de volta. É desse modo que elas se defendem, afinal, precisam (re)agir para se defender, caso contrário não vão conseguir atender, por exemplo, os possíveis clientes. Esses homens que praticam violência contra as travestis são denominados por Carvalho (2016) de “algozes externos”:²²

Para compreender a inserção dos “algozes externos”, é preciso ter em mente que, na sociedade ocidental, historicamente, se construiu uma série de padrões de comportamento tidos como (in) corretos e (in)

²² Algozes internos: a violência que há entre elas mesmas e também as agressões por parte da cafetina.

desejáveis. Assim, todos aqueles que saem da linha demarcatória da normalidade são frequentemente alvos de punição, rechaço e abjeção. Esta tensão entre normalidade e diferença se efetiva diariamente nas experiências trans (CARVALHO, 2016, p. 02).

Mas, por mais que as travestis possam estrategicamente se juntar como forma de proteção entre si, ainda prevalece o sentimento de impunidade, como no relato de Edith Piaf:

É um sentimento de impunidade, sentimento de você está amarrada e não poder fazer nada. Sabe, você está atada, está com suas mãos atadas e você não pode fazer exatamente nada. Por que infelizmente quando você está se prostituindo é cada um por si. Infelizmente você tem que cuidar da sua própria segurança, sua própria vida e se livrar de todos os perigos que ali lhe oferece (Edith Piaf, entrevista concedida em 09/07/2016).

Em relação ao sentimento de impotência mencionado por Edith Piaf, o fato de estar se prostituindo as tornam ‘solitárias’, sem um amparo de outros sujeitos. Mesmo que possam se articular e andarem juntas, conviverem mais próximas nas ruas em que se prostituem, ainda prevalece uma individualidade do tipo que não devem se meter em confusão alheia a si mesma, pois cada uma das travestis deve sair dos perigos que as aguardam na rua por conta própria, principalmente pelo fato de não poder ser feito nada para amenizar tal situação.

Edith Piaf relata acerca de um caso que presenciou acontecer com uma amiga, mas que preferiu evitar se meter, pois poderia ser agredida também.

É, uma vez eu vi uma amiga sendo, ela foi fazer um programa com um cara e aí, ela foi, ela foi pagar, pedir e o cara não pagou e terminou o cara agredindo. Eu vi a cena do cara agredindo ela. Eu confesso que, que eu até tentei me aproximar pra poder evitar né, evitar que alguma coisa acontecesse, mas aí eu preferi me afastar pra que a violência não viesse até mim e tal. Por sorte ela não sofreu nada. Ele deixou ela quieta e infelizmente o programa não foi pago, ela ficou revoltada, mas a gente tenta evitar essas coisas, a gente tenta se afastar, às vezes a gente é abordada na rua, aí a pessoa puxa muita brincadeira, puxa muita coisa, aí a gente tenta se afastar, tenta ir pra outro local, às vezes a gente aumenta a voz, faz alguma coisa, faz algum barulho, faz algum grito, alguma coisa, uma fechação e aí meio que, aquele que vai com uma má intensão também meio que se assusta né. A gente tenta evitar como um todo (Edith Piaf, entrevista concedida em 09/07/2016).

Para ela, a violência que outra travesti estava sofrendo pelo não pagamento de um programa poderia ser evitada caso ela fosse intervir junto à amiga, mas que o medo que sentira no momento em que a violência estava acontecendo à fez silenciar como forma de autodefesa. Ao mesmo tempo em que, em outras ocasiões, elas tentam reagir através do grito, do barulho como forma de chamar atenção de pessoas ou outras travestis que estejam próximas a elas, tendo em vista que ao fazerem barulho, ou ‘fechação’, como foi definido por ela, o agressor pode se assustar e fugir do local acreditando que outras pessoas podem vir ao auxílio da vítima.

Essas formas de evitar e (re)agir às violências mencionadas por elas nos faz perceber o quanto vulneráveis se encontram ao estarem nas ruas se prostituindo, principalmente pelo sentimento de estarem sozinhas e terem que se defender de alguma agressão que pode acontecer a qualquer momento, tendo em vista o lugar que ocupam. O sentimento de estar sozinha foi relatado na fala de Carmen Miranda:

É difícil [choro] É difícil, por que é [Pausa] Você sofre direto, você não tem ajuda, você não tem [Pensamento não concluído], então sente a pior coisa que possa existir que é a exclusão, ignorância, é um sentimento de tristeza por que você não tem apoio, você tem que viver e infelizmente a gente não tem, não tem em quem se apoiar, não tem [choro] eu evito, evito usar a roupa que eu queria por que eu sei que eu vou passar por preconceito e dói, machuca, é difícil, é um sentimento difícil (Carmen Miranda, entrevista concedida em 24/07/2016 – grifos meu).

O sentimento de impotência foi expresso em suas lágrimas durante a entrevista, a exposição do sofrimento, de exclusão, por não ter apoio para sobreviver a não ser estar na rua se prostituindo. Mas, principalmente, o fato de nem sequer poder utilizar a roupa ou estar da forma feminina que se deseja obter. Para Carmen Miranda o sofrimento é uma constante em sua vida, fator que machuca muito o seu íntimo. A não realização de sua performance feminina por conta do preconceito a torna triste ao ponto de interferir em sua autoestima e para ela se torna um sentimento difícil de conviver.

Para compreender qual procedimento fora tomado por elas após terem sofrido alguma violência, perguntei as travestis se já realizaram denúncias nas delegacias da cidade. Na maioria das vezes em que vivenciara algum tipo de violência Whitney Houston relatou que não denuncia.

Eu não tomei atitude nenhuma, minha atitude na hora, no momento foi me proteger até por que geralmente as violências nunca são com um. Nunca é um contra um, geralmente é de três em diante, dois em diante. Então, a gente sempre leva desaforo. Mas, depois de tudo eu fico pensando: “ai podia ter acontecido isso comigo, se eu tivesse outra coisa pra fazer e tal”, então é sempre assim, eu não me preocupo muito por que em dois, cinco, dez dias eu tô na rua de novo, então. Por que eu acho tão errado não denunciar, é bom a gente denunciar a polícia. Geralmente eu denuncio assim, se roubou um celular e um policial vai passando na hora eu falo, ei roubaram um celular, roubaram a minha bolsa e foi pras bandas dali, só isso. Geralmente esses negócios que acontecem eu nunca, pancada essas coisas eu nunca denuncio a polícia não. Deveria até, deveria né por que é registrado querendo ou não é registrado no [Delegacia], é registrado, mas eu nunca denuncio não, por que a justiça é tão lenta, tão lenta que eu imagino na minha cabeça vão pegar quando? Está certo que isso não ajuda, com esse meu pensamento eu não ajudo em nada. Nunca denuncio não, nunca denuncio (Whitney Houston, entrevista concedida em 22/01/2016 – grifos meu).

Em seu relato, Whitney Houston descreve que nunca realiza a denúncia por conta das violências vivenciadas na rua, pois estas agressões nunca são provocadas por um único homem, no geral são dois ou mais. Portanto, se denunciar pouco tempo depois ela irá retornar a rua novamente, sendo assim, o agressor poderá se vingar dela por ter realizado a denúncia. Além de que, a justiça no Brasil é muito lenta e que ela já imagina que não vão sequer apurar o caso da denunciante.

Relato como esse foi constatado nas falas das outras entrevistadas, pois caso denunciem ficarão suscetíveis a maiores agressões pelo fato de estarem nas ruas para trabalhar. Edith Piaf, em seu relato, informou:

Até é complicado pra mim falar né, por que se a gente denunciar, a gente fica arriscado morrer. É uma coisa que a gente não tem nem o que pensar na hora, eu não sei o que eu faria na hora da raiva, entendeu? Se eu ia à delegacia, o certo é ir à delegacia prestar uma queixa, a gente não deve deixar essas coisas acontecer não, por que a gente é se humano né. Do jeito que eles querem viver bem, a gente também quer viver, a gente é filho de Deus e a gente é ser humano. É complicado por causa da violência, se a gente for falar alguma coisa tem até homem casado que sai né, mas é aquele tudo embutido, com medo da família super [Pensamento não concluído]. É, vai que uma pessoa vai e conta pra mulher, pronto né, nessa hora a gente não é ninguém né, eles querem aprontar, do jeito que tá as coisas hoje em dia né, aí é meio complicado. Eu não denunciaria, pois eu tenho medo. (Elis Regina, entrevista concedida em 09/06/2016).

Em suas falas, tanto as de Whitney Houston quanto Edith Piaf, o medo de denunciar é muito presente, tendo em vista que elas continuarão nas ruas se prostituindo e, portanto, frágeis em relação ao agressor, até porque tem muitos homens que tem outra vida para além da prática sexual com travestis, vida essa que deve ser silenciada, escondida, de maneira que a sociedade poderia rejeitá-los caso descubra o que ela anda fazendo nas noites de Campina Grande com as travestis, sujeitos estes que sequer poderiam existir, sujeitos do desvio da ordem heteronormativa.

Nesse contexto, Carmen Miranda nos relatou o seguinte:

A denúncia é complicado por que a gente tem, a gente sabe que deveria ir, deveria denunciar, mas a gente chega lá no policial pra denunciar pra falar sobre o que está acontecendo, sobre as coisas, aí o policial [Pausa] Eles meio que chacotam com você, eles meio que é [Pausa] Eles chacotam, eles riem, eles tiram onda. Eu nunca fui bem recebida, então você termina sofrendo mais preconceito quando você vai denunciar o preconceito. Isso termina, você não tem nem o acesso a denúncia. Você não tem nem, você não consegue nem denunciar, por que pra quem você denuncia não, ele não está disposto a lhe ouvir, ele está disposto a ter mais preconceito com você. (Carmen Miranda, entrevista concedida em 24/07/2016 – grifos meu).

Em seu relato, Carmen Miranda descreve as dificuldades de chegar aos serviços de segurança, pois sabe que não vai ser ouvida, principalmente pelo fato dos atendentes do serviço não lhes respeitar pela sua performance de gênero feminina, portanto, esse fator lhes afastam da tentativa de realização da denúncia. “É comum não denunciarem as ofensas, pois, frequentemente, mesmo sendo vítimas, são transformadas em agressoras nos boletins de notificação (SOUZA et al, 2015, p. 772). É o caso, por exemplo, de muitas travestis que após o programa não são pagas pelo cliente, e aí para não ficarem no prejuízo pegam alguma coisa do mesmo, mas depois são acusadas de terem roubado algo deles.

É assim que, mesmo sofrendo agressões constantes, raramente elas procuram a polícia para denunciar e registrar Boletim de Ocorrência, e por isso tais agressões permanecem impunes. As denúncias não ocorrem seja por medo de represália dos agressores, até de policiais, por estes quase sempre também não fazerem nada, como também pelo atendimento muitas vezes caracterizado pelo desdém, hostilização e humilhação.

Dessa forma, as delegacias que poderiam ser espaços que deveriam amenizar ou erradicar as violências passam a reforçar ainda mais o sofrimento das poucas travestis que chegam aos serviços para realizar alguma denúncia de violência vivenciada nas ruas.

Essa naturalização do lugar de marginalização construído para as travestis está perpassada pelo contexto histórico das formas de defesa utilizadas desde as décadas de 1980, já mencionadas nesta dissertação, com a utilização de lâmina na boca, cortes pelo rosto para não serem levadas para os presídios, etc.

Para Sousa et, al (2015, p.772), essas formas de violência reproduzidas nas delegacias estão embasadas no fato das travestis “borrar as fronteiras de gênero tradicionais”, causando, assim, o sofrimento para com elas através da violência institucional nos espaços das delegacias.

Segundo o relato de Elis Regina acerca do tratamento dos policiais com as travestis, afirmou que em caso de violência se ligar para a polícia eles não vêm atendê-las.

Eles não vêm, não fazem nada assim, por que eu acho que eles veem o travesti e a transexual como marginais. Que estão ali se expondo e tão ali por qualquer coisa. Por que eles veem como uma forma marginalizada. Então, eles têm muito preconceito em relação a isso. (Elis Regina, entrevista concedida em 09/06/2016).

A imagem negativa construída pelos policiais acerca das travestis como sendo marginais os fazem reproduzir discriminações para com elas. Portanto, não vêm, por exemplo, atender a ligações para averiguar determinada violência acontecida contra elas. Nesse sentido, os relatos de Elis Regina e Carmen Miranda deixam evidentes o quanto não serão ouvidas nas delegacias por conta dos atendentes. É nesse contexto, sem ter um aparato legal que as protejam, vendo os agressores saindo impunes frente às agressões que praticaram, pois, sequer, são denunciados, restam a essas travestis exercerem algum tipo (re)ação a esses atos de violência.

Pensando nesse fator, perguntei às entrevistadas como era a relação delas com a polícia, principalmente por conta da segurança nos locais pesquisados, não só pela presença de viaturas realizando rondas nestes espaços, mas pela presença de seguranças

nas lojas que se localizam nas Ruas Presidente João Pessoa e Presidente Epitácio Pessoa. Ambas apresentam muitas lojas por ser uma área comercial.

Whitney Houston afirmou que o trato dos policiais é bem tranquilo na cidade de Campina Grande,

Policiais geralmente são tranquilos com a gente aqui, não tem esse negócio de querer vim abordar a gente, machucar, vai levanta aí não, eles com a gente são tranquilos, aqui eles focam muito não é nem na gente na rua, eles focam muito em lojas por conta que a gente fica muito no ponto, no centro, na rua principal né, então eles focam muito em lojas, em restaurante que fica aberto ali até meia noite. Com a gente, geralmente quando têm uma, duas, três pessoas conversando com a gente eles geralmente homens novos, boyzinhos como diz, aí eles param, abordam eles, levantam a mão deles e se a gente assim com coisa suspeita, eles também procuram abrir, eles não tocam na bolsa da gente, eles mandam a gente abrir a bolsa e colocam uma lanterna, olham, e negócio de chantagem também de querer fazer sexo com eles isso também não existe não. Geralmente eles vêm no dia de folga e de carro mesmo com outro tipo de roupa, eles vêm e faz, sai pra fazer programa, geralmente é assim. E quando estão na ronda deles, eles param, conversam está tudo bem aí? Aqui na Paraíba, por que em outras cidades, eles querem aprontar mesmo com travesti. Policial apronta igual a ladrão, só não roubam a gente por que infelizmente a gente não deixa dinheiro fácil, por que a gente não dá bola nem pra ladrão, muito menos pra polícia. Eles são ruim sim, em outras cidades grandes como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Santa Catarina, todos esses buracos aí de cidade grande eles se aproveitam, por que eles sabem que a gente ganha, sabe que tem travesti que apronta, rouba os homens, sabe que uma é tranquila e outra não é. O que eles veem na frente eles pegam, se tiver dois, três conversando com a gente numa esquina e outro lugar, eles pegam, eles mandam a gente levantar os braços e abordam do mesmo jeito que abordam um bandido, abordam a gente também que estamos sendo, que somos profissional do sexo e estamos numa esquina. Do mesmo jeito, aqui em Campina Grande é super tranquilo. Sobre isso não tenho o que dizer (Whitney Houston, entrevista concedida em 22/01/2016).

Segundo Whitney Houston, acerca das abordagens policiais realizadas na cidade de Campina Grande, as mesmas são bem tranquilas, diferentemente de outras cidades em que eles chegam abordando de forma agressiva, buscando sexo gratuito e até roubo realizam. Ressaltou que quando estão em companhia de jovens rapazes “boyzinhos” são abordadas pelos policiais, caso desconfiem de algo suspeito.

Diferentemente do que relatara Whitney Houston em relação aos tratamentos direcionados pelos policiais para com as travestis, Selena informa que eles passam na rua curtindo com elas.

Primeiramente se tiver polícia por perto, os homens não vão parar nos carros. Fica tudo assim, por que na maioria são todos casados né e tem uma família, namorada, noivas, essas coisas. Tem que ser uma coisa meio que discreta, no caso se tiver polícia lá eles não vão parar né. Os policiais também são péssimos, né, ficam tirando onda, dando a ficha. Com umas brincadeiras, sabe? Ó, pesadinha, eles param e começar a conversar ficam meio que tirando onda. Chamam de boneca, pergunta se a gente não quer chupar eles, essas coisinhas, quanto é o boquete. A gente vê que é uma linha tirar sarro (Selena, entrevista concedida em 18/05/2016).

Em seu relato, Selena menciona que caso os policiais passem constantemente pelas ruas esse fato iria afastar sua clientela, tendo em vista que a maioria é casado ou mantém um relacionamento hétero, portanto, devendo ficar às escondidas para realizar a prática sexual com travestis.

Selena relata o quanto os policiais se utilizam de sua posição para tirar sarro dela, “dando a ficha”, como bem mencionou. É importante frisar que é esse tipo de brincadeiras/violências praticadas por eles que faz com que as travestis se sintam apreensivas acerca da realização de denúncias, pois se nas ruas as tratam desta forma, na delegacia não poderia ser diferente.

Sem a existência de uma política pública de segurança direcionada para acompanhar as travestis e transexuais que se prostituem nas ruas da cidade não tem como esperar que haja uma efetiva proteção de forma geral por parte dos policiais para com as cidadãs que exercem a atividade prostitucional, ficando, portanto, a mercê de estratégias de proteção e sobrevivência que as próprias travestis procuram construir.

Nas minhas idas às ruas pude constatar a presença de seguranças de algumas lojas comerciais situadas nas ruas em que estive. Sempre chegavam de moto, paravam, iam em direção as lojas, davam uma olhada nas portas, verificando se estavam bem fechadas, e saíam. Ainda presenciei uns dois ou três destes seguranças conversando com as travestis em seus pontos.

A partir destas cenas, perguntei para as entrevistadas se em casos de violência algum daqueles seguranças lhes ajudavam. Para Whitney Houston eles só servem para olhar as lojas e nada mais.

Não, em situação de violência eles não vão ajudar não, até por que ali é o trabalho deles também, se eles forem ajudar depois eles [Referindo-se aos

agressores] ficam pensando que foi um segurança daquela rua, então vão e voltam e fazem alguma coisa com eles. Eles geralmente quando tem briga, alguma coisa assim eles ficam olhando, se tiver alguma violência muito forte, muito focada assim, eles ligam pra polícia, que eles podem até ligar pra polícia, sair do lugar assim ligar pra polícia pra ver se a polícia pega. Geralmente é assim que acontece, nunca eles [Pausa] tanto que um dia desses ai que eu apanhei na rua, ele [Referindo-se a um dos seguranças] pegou, um deles estava sentado bem próximo e ele não fez nada. Depois ele relatou pra mim que não ia dizer nada por que estava naquele lugar todos os dias e se de repente aqueles meninos que fizeram aquilo comigo, que me bateram voltar e aprontar com ele se ele fosse puxar alguma arma, ameaçar, deixe ela não sei o que, então eles procuram ficar ali assim, nem ligam pra polícia e nem vai em cima (Whitney Houston, entrevista concedida em 22/01/2016 – grifos meu).

Em seu relato, Whitney Houston descreve acerca das fragilidades que estão inseridas as travestis. Primeiro, informa que os seguranças que trabalham naquele local não irão interferir em casos de violência que venham a acontecer contra elas, inclusive um deles chegou a presenciar a sua agressão, mas justificou-se por saber que os agressores poderiam retornar e realizar algum ato de violência contra ele. Segundo, ela afirmou que em caso de violência muito pesada que eles podiam ligar para a polícia sem ter que se prejudicar pela denúncia, mas ao mesmo tempo ela entra em contradição afirmando que por conta do medo por estarem nas ruas todos os dias eles não ligam para a polícia e nem ajudam de forma alguma.

Os relatos das entrevistadas Elis Regina e Selena nos confirmam justamente uma ausência de ação em relação a uma intervenção por parte dos seguranças das lojas perante alguma cena de violência. Segundo Selena “não fazem nada. Sei que eles cuidam das lojas e só. Eles estão sempre por lá e às vezes passa uns marginaizinhos perambulando e eles não fazem nada” (Selena, entrevista concedida em 18/05/2016). O mesmo foi mencionado por Elis Regina, “Olha, aqueles vigilantes só servem para aquelas lojas mesmo e quando até pra falar algo assim, [Pausa] assim em defesa da gente eles não se manifestam” (Elis Regina, entrevista concedida em 09/06/2016 – grifos meu).

Para ambas, há um sentimento de ausência de ação por parte dos seguranças/vigilantes perante alguma violência contra elas, pois a utilidade deles naqueles espaços das ruas só tem como funcionalidade cuidar das lojas pelas quais são contratados e mais nada. Quando se referem aos “marginalzinhos” é justamente aqueles

os quais muitas vezes cometem assaltos contra elas e que não se pode fazer nada sobre o ocorrido.

Mas, não bastasse se ausentarem em relação à ação perante as violências contra as travestis, que já se torna um fator de negligência frente ao acontecimento, ainda há aqueles que exercem tal violência. No relato mencionado por Carmen Miranda, em que se lembrou de um fato em que um segurança chegou a expulsá-la da rua em que estavam fazendo ponto.

Eu lembro uma vez que a gente tava num ponto na Eptácio e a gente tava separada na época, a gente não ficava todas juntas, ficávamos cada uma em um local e uma vez uma das meninas sofreu preconceito com um segurança de uma loja. Não lembro exatamente se era uma loja, eu lembro que existia segurança e eu não cheguei a ver, mas eu vi o resultado de tudo e ele ficou, ele tentou expulsar a menina lá do ponto, lá da onde ela ficava por que era do local onde ele tava como segurança e aí houve uma discussão entre ela e ele e tal, e aí ela terminou sendo agredida por ele, por que tinha que botar pra fora, tinha que sair dali. Ela tinha que sair dali e eu lembro que ela voltou e chegou perto da gente desesperada por que tinha perdido o local e ficou com medo da gente expulsar ela, por que ela tava sem local, foi quando a gente notou que aquela região era mais perigosa, por que o segurança tirou a gente de lá na base da agressão, então a gente decidiu, foi algo que a gente notou que era necessário pra gente ficar mais juntas, ficar as três no mesmo lugar e aí eu fico com elas no mesmo local, é todas juntas, então isso evita que a gente presencie esse tipo de coisa. A gente tá em um local à parte é próxima por que ele também não pode é expulsar a gente da rua inteira e ele expulsou a gente por que ela lá no local dele, local onde ele tava guardando, a gente não queria saber do local, a gente queria usar a calçada pra poder chamar nossos clientes, a gente não queria a loja, sei lá o troço que ele tava guardando. Então, a gente hoje fica próximo, bem próximo de lá e estamos todas lá, todas bem juntas, mas não é, não é exatamente lá, é em uma localidade bem próxima. A gente evita passar por lá, a gente já sabe onde é então a gente evita, esquece bola pra frente e é isso aí bicha (Carmen Miranda, entrevista concedida em 24/07/2016).

O relato de Carmen Miranda deixa evidenciar que ao mesmo tempo em que os seguranças que frequentam as ruas para proteger as lojas comerciais não realizam nenhum tipo de intervenção contra as violências que ocorrem contra as travestis, os próprios cometem tais violências contra elas, pois, ao expulsar as travestis da frente das lojas que tomam conta, estão exercendo a mesma violência que os outros agressores cometem, pelo fato de não lhes permitir estarem situadas no ponto do qual elas haviam conquistado para realizar a prostituição.

Para Carmen Miranda a violência ocorreu justamente porque na época as travestis estavam separadas, cada uma em seus respectivos pontos. Mas que ao juntar-se existe a probabilidade de segurança não tentar mais bater de frente contra elas por medo de que ao estarem juntas as travestis reajam em grupo às expulsões não conseguindo retirá-las do local em frente à loja que o mesmo vigia.

Finalmente, é importante encerrar o texto afirmando que em nenhum momento as travestis utilizaram termos como violência psicológica, violência patrimonial, etc. Nos seus relatos os tipos de violência que se referiram foram, sobretudo, as violências físicas, verbais e sexuais. Porém, o fato das mesmas não terem apresentado outros tipos de violência não significa que não existam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de minhas inquietações acerca da temática travesti e suas (Re)ações perante as violências ocorridas no exercício da atividade prostitucional, me inseri nas ruas Presidente João Pessoa e Presidente Epitácio Pessoa, na cidade de Campina Grande/PB, com o intuito de me aproximar das travestis e conhecer o espaço de trabalho que elas utilizam para exercer a prostituição.

Tinha como intenção realizar uma etnografia, mas isto não foi possível devido ao incômodo que a minha presença ocasionou naqueles espaços pelo fato de não vivenciar a performance de gênero feminina. Minha presença podia ser confundida com a de um cliente em busca dos serviços sexuais das travestis. Dessa forma, não houve por parte das travestis aceitação de minha presença como pesquisador, tendo que reorganizar minha metodologia de pesquisa passando a redirecionar a coleta de dados através de entrevistas realizadas nas residências das travestis. Abandonei, então, a empreitada etnográfica.

Contudo, o pouco tempo que estive presente naquelas ruas oportunizou-me perceber a condição de perigo eminente de ocorrência de vários tipos de violências em função de serem ruas desertas e pouco iluminadas. Ao mesmo tempo, ficaram evidentes as relações de fragilidade que se encontram as travestis perante os frequentadores daqueles espaços, pois, em seus relatos, ficou nítido que não se sentem seguras pela ausência de policiamento nas ruas, de maneira que contam consigo mesmas para se protegerem das violências.

Foi necessário construir uma reflexão acerca das transformações corporais e as performances de gênero realizadas pelas travestis, de maneira a enfatizar o processo de trânsito entre o gênero masculino e o feminino. Ressalto que as transgressões das normas de gênero da ordem sexo-gênero-desejo tornam as travestis alvo das violências por não exercerem o que fora designado no nascimento.

Dessa maneira, a heteronormatividade imposta àqueles corpos não será reproduzida por elas, que ao se recusar passam a vivência hegemônica se tornam alvo fáceis de indivíduos que as enxergarão como desvio do que seja o “normal”, portanto, devendo ser punidas por tal vivência.

A partir dos relatos obtidos através das entrevistas realizadas com as cinco travestis, pude constatar que, para Whitney Houston, a travestilidade é uma forma de se liberar do que lhes fora imposto no nascimento. Por mais que tenha a presença do pênis em seu corpo, sente-se mulher. Dessa forma, ser travesti está envolvido com a recusa as normas hegemônicas de gênero, causando uma quebra no modelo pênis = homem e vagina = mulher. É importante compreender o processo de construção da performance de gênero feminino nas travestis como uma construção contínua, que nunca termina. A travestilidade para Whitney Houston significa sentir-se bem, estar feliz da forma que lhe agrada, viver como mulher.

Corroborando com Whitney Houston, Elis Regina, Edith Piaf e Selena afirmam que o fato de estarem vivenciando a travestilidade lhes traz como reconhecimento o ser mulher. Elas se sentem mulher. Mesmo tendo nascido com a presença de um pênis em seus corpos, se considerar feminina é a condição necessária para se sentir mulher. Todas relataram a satisfação de viver a travestilidade. Cabe aqui destacar que as quatro travestis anteriormente mencionadas assumem a performance feminina integralmente, sem utilizar o recurso da montagem.

Carmen Miranda, que vivencia a travestilidade através da montagem, afirma que o fato de não vivenciar vinte e quatro horas por dia como mulher a mantém segura na sociedade por conta do preconceito sofrido e ajuda a ser aceita pela família. Portanto, não importa a condição de estar como mulher vinte e quatro horas por dia, o que importa realmente é sentir-se bem.

A condição da travestilidade, por si só, já é motivo de muito preconceito pela suspensão às regras hegemônicas do sistema sexo/gênero. Quando a travestilidade está atrelada a prostituição se torna um agravante para o preconceito pelo fato desta última ser vista, por grande parte da sociedade, como uma forma degradante e imoral de trabalho. As pessoas que a exercem a prostituição geralmente são associadas a sujeitos que devem ser evitados, seja por questões de contágio de doenças ou mesmo por desvirtuarem a moral e os bons costumes.

Quando questionadas acerca do que seria a prostituição para suas vidas, via de regra todas as travestis informaram se tratar de uma profissão. Quanto às formas de adentrarem nesta atividade, duas abordagens mostraram-se hegemônicas: uma por não encontrar espaço no mercado de trabalho pelo fato de serem travestis, outra por se tratar

de uma opção por gostar da atividade prostitucional. Forçada ou por escolha, a prostituição foi descrita como sendo uma profissão humilhante, desonesta, fatores que levaram boa parte das travestis a manifestar a vontade de abandoná-la.

Whitney Houston percebe a prostituição como um trabalho igual a qualquer outro. Ela afirma que adentrou nessa atividade profissional por não ter qualificação, pois a mesma não realizou curso que pudesse lhe abrir as portas para o mercado de trabalho. Em outro momento, afirma ter adentrado por aventura.

A prostituição evidencia algumas relações desvantajosas para as travestis mais velhas em detrimento das mais jovens, pois há uma busca dos clientes pela novidade representada nas travestis mais jovens. Essa é uma preocupação que se faz presente no discurso de Whitney Houston ao afirmar que aos quarenta e cinco anos de idade não dará mais para permanecer na profissão.

Excetuando Whitney Houston, as demais travestis afirmaram que a falta de emprego as direcionaram para a prostituição. Nesse sentido, demonstraram a preocupação em relação ao fator de exclusão das travestis no mercado de trabalho, o que as impulsionam para a prostituição com forma de garantir a sobrevivência. Evidenciaram o lado positivo e negativo da prostituição: o primeiro relacionado ao dinheiro que se adquire com o pagamento pelos programas; o segundo referindo-se à humilhação que sofrem no exercício da atividade. Em função disso, algumas manifestaram interesse em sair da prostituição caso conseguisse uma chance no mercado de trabalho.

Ao mesmo tempo em que as ruas são consideradas pelas travestis como locais onde realizam a venda de serviços sexuais com o intuito de obter lucratividade, também encontram nestes locais a oportunidade de fortalecimento da construção de si, de reafirmação de sua condição travesti. Além disso, por mais que possam vivenciar situações perigosas nas ruas, são nestes locais que também estabelecem relações de amizades como possibilidade de manter uma sociabilidade.

A violência, de maneira geral, foi descrita por todas as travestis como uma forma de agressão. Para Whitney Houston, a violência refere-se a tudo o que acontece na noite, desde os transeuntes passarem jogando pedras e proferindo xingamentos até os riscos que corre com os clientes, pois não sabe se a pessoa que sai com ela está procurando um programa ou tem interesse em exercer algum tipo de violência. A

entrevistada informou que fora estuprada por dois homens, apesar de não considerar a prática do estupro contra as travestis como uma violência visto que no seu entendimento apenas uma mulher biológica pode ser estuprada. Fica evidente que Whitney Houston não percebe que o estupro ocorre quando há penetração sem consentimento.

Edith Piaf refere-se à transfobia como algo ‘natural’ que a sociedade lhe imputa como forma de punição por destoar das normas hegemônicas baseado na heteronormatividade. Dessa forma considera necessário apresentar comportamentos adequados para que seja respeitada. Nesse contexto, Edith Piaf nos relatou que “sabe entrar e sair dos lugares”, como se a existência de sua performance feminina precisasse ter uma conduta/comportamento adequado às normas societárias para que seja aceita e não sofra agressões. Portanto, a mesma busca espaços mais seguros para que se sinta à vontade para frequentá-lo.

Carmen Miranda corrobora o pensamento de Edith Piaf ao afirmar que violência é o que a sociedade tem para lhe oferecer à medida que assume a performance feminina, tornando mais visível a transgressão ao padrão de normalidade. Para ela, o xingamento, o espancamento, a não inserção no mercado de trabalho são violências por parte de uma sociedade que rejeita diariamente as travestis.

Para Selena, o fato de querer ser uma mulher tendo um corpo biológico com um pênis a deixa suscetível às violências transfóbicas. Refere-se, somente, às agressões físicas como sendo violência, apesar de ter relatado em seus depoimentos ter sido vítima de chacotas, piadas, etc. Percebe-se, dessa forma, a existência de uma naturalização das violências psicológicas, verbais, morais como se as mesmas não fossem um tipo de agressão. Destaque que Selena foi à única que retratou coação sofrida por outras travestis cafetinas que exigiam dela o pagamento pela sua permanência nas ruas.

Ainda acerca da violência, nos relatos de Whitney Houston e Selena, a transfobia se intensifica por elas estarem expostas nas ruas exercendo a prostituição. Essa exposição às tornam vulneráveis a todo tipo de violência, seja a praticada pelos seus clientes, transeuntes, inclusive por outras travestis. Dessa forma, Whitney Houston e Selena percebem que o fato de estarem em pontos de prostituição nas ruas aumentam as chances de sofrerem violências.

A partir de seus relatos, cada uma pôde expor suas estratégias e táticas para evitarem as violências e as (Re) ações a elas. Entre estas destacamos: revidar a agressão

exercendo a força física contra seus agressores, como mencionado no caso de Whitney Houston que pegou uma lâmpada fluorescente e jogou contra os sete homens que a agrediam, conseguindo (re) agir contra os que a espancavam para não ser assassinada.

Elis Regina relatou que saiu com um cliente que a levou para um lugar deserto e ao retornar lhe mostrou uma arma com a qual iria assassiná-la. Essa situação a deixou sem escolhas, a não ser tratar o cliente da forma mais sutil possível, tendo em vista que o local em que o mesmo a levou não lhe permitia outra ação a não ser tratá-lo bem. Caso ela reagisse, poderia ter sido mais uma travesti assassinada na Paraíba. A mesma considera que saiu viva daquela situação devido à sua fé em Deus, tendo em vista a ausência de uma política de segurança pública para as travestis.

A estratégia de driblar a violência mais utilizada pelas travestis foi marcada pelo fato de andarem juntas. Estar em grupo as coloca em possibilidade de evitar as violências, pois é mais fácil os agressores baterem em uma travesti sozinha do que em um grupo. A sociabilidade construída nos espaços das ruas tem como fator principal ser uma forma de (Re) ação perante as violências.

Quando se referem à proteção institucional que a polícia poderia garantir, ressaltam que a presença dos policiais nos locais de prostituição afastaria os frequentadores, pois os mesmos querem privacidade de modo a não serem identificados. Além disso, as travestis destacaram a falta de credibilidade da ação da polícia pelo fato de relatarem não se sentirem respeitadas por esses profissionais, exemplificando o fato de serem motivos de chacota quando precisaram adentrar nas delegacias.

As travestis afirmam o medo pela realização da denúncia em casos de ocorrência de violência contra elas, pois o fato de permanecerem nas ruas as colocam em vulnerabilidade frente aos seus agressores que podem voltar para se vingar pelo fato de denunciarem.

Carmen Miranda e Elis Regina descrevem as dificuldades de acessar os serviços de segurança pública, pois sabem que não serão ouvidas pelo fato dos servidores não lhes respeitarem pela sua performance de gênero feminino. Agrega-se a isto a imagem negativa construída pelos policiais acerca das travestis como marginais.

Os resultados obtidos na presente pesquisa apontam que a vivência das travestis que exercem a prostituição nas ruas Presidente João Pessoa e Presidente Epitácio Pessoa, no município de Campina Grande/PB, demarca um feixe de relações sociais que

incluem construções de sociabilidades entre as travestis, fortalecimento de suas performances de gênero, ocorrência de violências morais, psicológicas e físicas impetradas contra ela, e (re) ações das travestis a estas violências.

Como o foco central da dissertação foram as (Re) ações das travestis às violências, quero finalizar este texto destacando que a partir do momento em que as travestis buscam (Re) agir contra as formas de violências praticadas contra elas, estão, de certa forma, exercendo poder perante seus agressores.

É importante mencionar que Foucault (1988a, p. 89-90) ressalta o poder como algo que não se adquire, “arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis”. Nesse sentido, alguns exercem mais poder do que outros: os homens mais do que as mulheres, as pessoas brancas mais do que as pessoas negras, os heterossexuais mais do que os gays, lésbicas e pessoas trans etc.

Assim, o poder é uma relação de forças e toda relação de forças é uma relação de poder. As relações de poder se tornam ações sobre ações, ou seja, o poder opera a partir das possibilidades em que as ações de um sujeito facilitam para que o mesmo possa coagir ou agir diretamente contra outro. Dessa maneira, ficou evidente que uma das estratégias utilizadas pelas travestis para estabelecer (Re) ações frente às violências foi fortalecer suas sociabilidades garantindo um mínimo de segurança nas ruas ao exercerem a atividade prostitucional.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Mariana Luciano; SCOPINHO, Rosimeire Aparecida. Prostituição: Uma História de Invisibilidade, Criminalização e Exclusão. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10**, Florianópolis. Anais Eletrônicos, 2013, p. 1-10.

ANDRADE, L. N. **Travestis na escola**: assujeitamento e resistência à ordem normativa. Tese de doutorado. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. **Travestis Envelhecem?** São Paulo: Annablume, 2013.

BAMPI, L. **Governo, subjetivação e resistência em Foucault**. Educação & Realidade, 27(1), p. 127-150, jan./jun. 2002.

BEAUD, Stéphane. WEBER, Florence. **Guia para a Pesquisa de Campo**: produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BENEDETTI, Marcos. **Toda Feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **A Reinvenção do Corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BRASIL, Ministério de Direitos Humanos. **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil**: ano de 2012. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>. Acessado em: 22/06/2015.

BRASIL, **Lei nº 12.015**, de 07 de agosto de 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm. Acessado em: 30/08/2016.

BRAZ, Ednaldo da Costa. **As Travestis e Suas Experiências no Mercado de Trabalho Formal e Informal em Campina Grande – PB (2000-2010)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

BUTLER, Judith. *Corpos que Pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org). **O corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 151-172.

_____. **Regulações de Gênero**. Cadernos Pagu (42), janeiro-junho de 2014, p. 249-274. Cadernos Pagu (42), janeiro-Junho 2014, 249-274.

_____. **Problemas de Gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana R. B. **“Tá lá o Corpo Estendido no Chão...”**: A Violência Letal contra Travestis no Município do Rio de Janeiro. *PHYSYS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 16(2): 233-249, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/physis/v16n2/v16n2a06.pdf>. Acessado em 10/07/2016.

CARVALHO, P. D. P. *Etnografias das violências: experiências narradas por travestis e transexuais que se prostituem em Petrolina – PE*. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/WinSeven/Downloads/Artigo%20RBA%20-%20Paulo%20Dourian.pdf>. Acessado em: 10/10/2016.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

CEMIN, M. R.; ECKER, D. D. I.; LUCKMANN, F. **Transexuais e travestis: gênero, censura e resistência**. *Psicologia PT*. 2012. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0267.pdf>. Acessado em: 20/09/2016.

CRUZ, M. S.; SOUSA, T. S. Transfobia Mata! Homicídio e Violência na Experiência Trans. In: CONPEDI/UFSC; Coordenadores: Daniela Menengoti Ribeiro, Gilmar Antonio Bendin, Mauro José Gaglietti (Org.). **Direito Internacional dos Direitos Humanos II**. 1 ed. Florianópolis, 2014, v., p. 438-458. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=4e00844f94e3625d>. Acessado em: 20/07/2016.

DINOÁ, Ronaldo. **Memórias de Campina Grande**. Campina Grande: Editoração Eletrônica, 1993, v.1.

DUQUE, Tiago. **Montagens e Desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes**. São Paulo: Annablume, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988, 176 p.

_____. **Microfísica do Poder**: Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. The ethic of care of the self as a practice of freedom. In: BERNAUER, J. and RASMUSSEN, D. (eds). **The final Foucault**. Cambridge: MIT Press, 1988b, p. 1-20

_____. **O Sujeito e o Poder**, 1999, p. 231-249. Disponível em: <http://www.uesb.br/eventos/pensarcomfoucault/leituras/o-sujeito-e-o-poder.pdf>. Acessado em: 31/08/2016.

_____. **Os Anormais: curso no collège de françe (1974-1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GARCIA, Marcos Roberto Vieira. **Prostituição e atividades ilícitas entre travestis de baixa renda**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2008, vol 11, n. 2, p. 241-156.

GOFFMAN, Ervin. **Estigma**: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HOENISCH, Júlio Cesar; PACHECO, Pedro José. Ponderações sobre Feminilidade na Condição Travesti. **Estudos de Psicanálise**: Belo Horizonte – MG, nº38, p. 79-88, Dezembro/2012.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Disponível em:
<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=250400&idtema=130&search=paraiba|campina-grande|estimativa-da-populacao-2014-> Acessado em 28/05/16.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre a População Transgênero: conceitos e termos. Brasília: Autor, 2012. Disponível em:
https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989. Acessado em: 29/05/2016.

_____. Transfobia e Crimes de Ódio: Assassinatos de pessoas transgêneros como genocídio. In: MARANHÃO, E. M. A., (org.). (In)Visibilidade trans 2. **História Ágora**, 2013; 16(2): 101-23. Disponível em:
<https://pt.scribd.com/document/276928712/Transfobia-e-crimes-de-odio-Assassinatos-de-pessoas-transgenero-como-genocidio>. Acessado em: 16/08/2016.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A Construção do Saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEITE Jr, Jorge. **Nossos Corpos Também Mudam**: a invenção das categorias “travesti” e “transexual”. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2011.

LEVISKY, D. L. Uma Gota de Esperança. In: ALMEIDA, M. G. B. (Org.). **A Violência na Sociedade Contemporânea**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/violencia.pdf>. Acessado em: 10/09/2016.

LOPES, Fábio Henrique. Corpos Trans! Visibilidade das Violências e das Mortes. In: **Dossiê Transversos**: o corpo na história e a história do corpo, Rio de Janeiro, v. 05; n. 05; Ano 02. Dez. 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/ednaldo/Downloads/19793-65272-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/ednaldo/Downloads/19793-65272-1-PB%20(1).pdf). Acessado em: 21/08/2016.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MACIEL JR. **Resistência e prática de si em Foucault**. 2013. Disponível em: <https://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-i-ano-vi/artigos-tematicos/artigo-tematico-1.pdf>. Acessado em: 02/09/2016.

MARQUES, Gustavo. Regulamentação da Prostituição: efeitos no direito do trabalho. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Direito) – Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Educação, 2004. Disponível em: <http://siaibib01.univali.br/pdf/Gustavo%20Marques.pdf>. Acessado em 20/05/16.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de Campo: Contexto de observação, interação e descoberta. In: DESLANDES, Suely Ferreira. Et AL (Orgs.) **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 28ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 61-77.

MISKOLCI, Richard. **Reflexões sobre Normalidade e Desvio Social**. Estudos de Sociologia, Araraquara, 2002/2003, p. 109-126.

_____. **A Teoria Queer e a Sociologia:** o desafio de uma analítica da normalização. Sociologias, Porto Alegre, Ano 11, n, n° 21, Jan/Jun 2009, p. 150-172.

_____. **O Desejo da Nação:** masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2012.

_____. **Teoria Queer:** um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica. Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto. 2013. (Série Cadernos da Diversidade; 6).

NASCIMENTO, Uelba Alexandre. **Mandchúria:** o bairro chinês de Campina Grande. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, Julho de 2011, p. 1-11.

PELÚCIO, Larissa. Toda Quebrada na Plástica – corporalidade e construção de gênero entre travestis entre travestis paulistas. In: **CAMPOS:** Rev de Antropologia Social, Curitiba, n° 06/1 – 2, 2005.

_____. Na Noite nem Todos os Gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu** (25), julho-dezembro de 2005a, p. 217-248.

_____. **Abjeção e Desejo:** uma etnografia sobre o modelo preventivo de AIDS. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2009.

_____. Gozos Ilegítimos: Tesão, Erotismo e Culpa na Relação Sexual entre Cliente e Travestis que se Prostituem. In: BENÍTEZ, María Elvira Días; FÍGARI, Carlos Eduardo (Orgs.). **Prazeres Dissidentes.** Rio de Janeiro: Garamond, 2009a, p. 71-91.

PERES, W. S. Cenas de Exclusões Anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira. In: JUNQUEIRA, R. D. et. al (Orgs.). **Diversidade Sexual na escola:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2009. p. 235-263.

_____. Travestis: corpos nômades, sexualidades múltiplas e direitos políticos. In: SOUZA, Luís Antônio Francisco de; SABATINE, Thiago Teixeira; MAGALHÃES, Bóris Ribeiro de (Orgs.). **Michel Foucault Sexualidade, Corpo e Direito**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 69-104.

POLÍCIA PRENDE ACUSADOS DE MATAR TRAVESTI COM 32 FACADAS EM CAMPINA GRANDE. Disponível em: http://www.obeabadosertao.com.br/v3/policia_prende_acusados_de_matar_travesti_com_32_facadas_em_campina_grande__4797.html. Acessado em 29/05/2016.

RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. Amores Lícitos e Ilícitos na Modernidade Paulistana ou No Bordel de Madame Pommery. In: MISKOLCI, Richard (Org). Dossiê Normalidade, Desvio, Diferenças. **Teoria & Pesquisa**, São Carlos, n 47, p. 93-118, 2005.

RAMOS, J. **Aspectos no novo crime de estupro e da ação penal na Lei n 12.015/09 e o direito intertemporal**. Disponível em: tjsc25.tjsc.jus.br/.../Novo_estupro_e_acao_penal_na_Lei_12.015-09_-_artigo.doc. Acessado em: 02/09/2016.

RIOS, Roger Raupp. Homofobia na Perspectiva dos Direitos Humanos e no Contexto dos Estudos sobre Preconceito e Discriminação. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz et. AL (Orgs.). **Diversidade Sexual na escola: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2009a. p. 53-83.

SANTOS, Rafael França Gonçalves. **As Aparências Enganam?: a arte do fazer-se travesti**. 1ª Ed. Curitiba: Appris, 2015.

SILVA, Hélio R. S. **Travestis**: Entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SILVA, F. E; COSTA, B. D; NASCIMENTO, U. J. **O Trabalho das Profissionais do Sexo em Diferentes Lócus de Prostituição da Cidade**. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 12, n. 1, p. 109-122, 2010.

SILVA et al. Situações de violência contra travestis e transexuais em um município do nordeste brasileiro. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, 37 (2), jun. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rge/v37n2/0102-6933-rge-1983-144720160256407.pdf>. Acessado em: 02/08/2016.

SOUSA, M. H. T. et al. Violência e sofrimento social no itinerário de travestis de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 31 (4): 767-776, abr, 2015. Disponível em: <http://www.scielosp.org/pdf/csp/v31n4/0102-311X-csp-31-04-00767.pdf>. Acessado em 25/07/2016.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. Cidade e Vida Boêmia: um passeio pelos “maus costumes” de Campina Grande. In: **XXIII Simpósio Nacional de História**, Londrina, 2005, p. 1-10.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. **O Vôo da Beleza: travestilidade e devir minoritário**. Fortaleza, 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Coordenadoria de Pós-Graduação, Universidade Federal do Ceará.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE
(maior de 18 anos)

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, _____, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa **“Travestis e (Re)Ações à Violência Sofrida nos Espaços de Prostituição na Cidade de Campina Grande - PB”**. Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho “Travestis e (Re)Ações à Violência Sofrida nos Espaços de Prostituição na Cidade de Campina Grande - PB” terá como objetivo analisar as formas de violências sofridas por travestis que se prostituem na cidade de Campina Grande.

- A voluntária só caberá à autorização para realização da entrevista e não haverá nenhum risco ou desconforto à voluntária;
- A voluntária poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para a mesma;
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade das participantes em manter tais resultados em caráter confidencial;
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro as participantes voluntárias deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável;
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, a participante poderá contatar a equipe científica no número (083) **98848-8769** com **Ednaldo da Costa Braz**;
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse;
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura do pesquisador

Assinatura da Participante

Assinatura Dactiloscópica do participante da pesquisa
(OBS: utilizado apenas nos casos em que não seja possível a coleta da assinatura do participante da pesquisa).





UEPB APÊNDICE A
Universidade Estadual da Paraíba – PB

Roteiro de Entrevista

1. O que é ser/estar travesti?
2. O que é prostituição?
3. O que é violência?
4. Quais as violências que você já sofreu?
5. Quais violências você sofreu durante o exercício da prostituição?
6. O que você faz para evitar que a violência aconteça?
7. Quando está acontecendo à violência, o que você faz?
8. Depois de ocorrida a violência, que atitudes você tomou?
9. O que você sentiu quando viveu essas situações de violências?
10. Por que essas violências acontecem?
11. Indique outras situações de violências não vividas por você nos espaços de prostituição?

